
APRISIONADA
pelo mafioso
virgem sequestrada
MÁFIA CACCINI - LIVRO 2
TAMI VENÂNCIO

APRISIONADA *pelo mafioso*

virgem sequestrada

MÁFIA CACCINI - LIVRO 2

TAMI VENÂNCIO

Copyright © 2022 Tamires Venâncio

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: ellfdesigner
Revisão: Patrícia Suellen
Diagramação digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.
Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Epílogo
Sobre a autora
Outras obras
Contato



CAPÍTULO 1

Nicolo Caccini

Podia não ser o mais honrado da família, mas sem dúvidas era o mais leal. Todos esses anos me provaram que não era fácil carregar o peso de ser o primeiro subchefe mais novo da máfia Caccini. Tinha que lutar todo santo dia para mostrar minha força, meu poder e, principalmente, a minha inteligência para que não fosse subestimado pelos *capos*. Se queriam perfeição e maestria, era isso que tentava entregar sempre. A realidade era que tive a sorte de nascer depois de Tommasso, *per Dio*[1], detestaria ter as obrigações que meu irmão mais velho tinha. O fato era que ele nasceu para comandar, enquanto eu nasci para ser o segundo no comando.

O problema da *famiglia* para mim sempre foram as regras com o matrimônio. Quanto mais os anos se passavam, mais o medo do dia em que eu teria que me casar me perturbava. Eu não gostava da ideia de me casar com uma mulher desconhecida, que ao menos tinha um vínculo emocional estabelecido. E odiava que nunca poderia me casar com a única mulher que realmente desejava que fosse só minha. Caterina era meu caso mais antigo, ela foi a mulher com quem perdi a virgindade e com quem trepava há anos. No entanto, ela era proibida para mim, por ser uma puta do Alcouce nunca seria permitido nossa união pelos membros da máfia. Tampouco por Tommaso. Já até me contentei que Caterina só seria minha até eu colocar o anel na mão de outra.

A máfia Caccini vinha sofrendo ataques devido à guerra contra os Biachi. Mesmo com o casamento entre Tommasso e Kiara tendo nos fortalecido, a guerra estava longe de chegar ao fim. Poucos meses atrás, Andrea e eu fomos designados a sequestrar Sienna, a irmã de Giuseppe Biachi, o chefe da máfia rival. Tínhamos um plano para a cadela Biachi, um que achávamos que daria fim à guerra entre as duas máfias e, enfim, destruiríamos Giuseppe. No entanto, sequestrá-la não seria um trabalho fácil, passamos meses tentando e falhando, a maldita andava cercada por soldados treinados, preparados para defendê-la a todo custo, convenhamos, ela era a irmã mais protegida de Giuseppe, pelo que soubemos ele a considerava seu braço direito, era a irmã mais próxima do infeliz, portanto, era seu ponto fraco.

Sorvi um copo de uísque com Lorenzo, o *consigliere* do meu irmão. Estávamos em um lugar que já fazia parte da nossa rotina, o *Alcouce*, assim que era chamado o bordel mais popular da cidade. Olhei para as meninas seminuas dançando no palco, entre elas estava a deliciosa Caterina, dançando, provocantemente, como sempre. A puta era uma deusa, de belos cabelos loiros, rosto marcante, lábios rosados, corpo escultural e magro. Seus seios eram fartos do jeito que eu gostava. Ela me viu olhando-a, então abriu um sorriso devasso, antes de se virar, levando as mãos ao chão, em seguida abrindo as pernas, senti meu pau começar a enrijecer.

— Vai comê-la novamente hoje? — A voz de Lorenzo me tirou a concentração do palco, fitei-o, ele me olhava com desdém. — Ainda não se cansou da *putinha*?

— Isto não é da sua conta, meu caro — soei intolerante. — Deveria se preocupar com a boceta que você vai escolher para comer hoje, não com a que eu escolherei.

Lorenzo riu, passando a mão pela barba, o filho da pura adorava me provocar.

— É que estou indeciso. Pensei que seria uma boa ideia experimentar uma loira hoje — ele falou, tentando me irritar. — O que acha? Loiras são sexys, tem que concordar!

— Não posso opinar, não sou do tipo que faz discriminação, amigo! — retruquei, irônico.

— Diga-me, Nicolo, você pretende ficar trepando com a puta loira para sempre? Sabe que não demorará muito a ter que se casar, não é?

— Preciso repetir, Lorenzo, isto não é da sua conta — retruquei, enraivecido, empertigando-me no lugar. — Ainda demorarei a me casar.

— Será? Pode ser que sua união esteja mais próxima do que imagina…

— Para de me rogar praga, infeliz — resmunguei, enfurecido, levantando-me da cadeira.

— Onde você vai? — quis saber ele.

— Fazer algo bem melhor do que trocar farpas com você. Foder uma boceta quente e gostosa.

Olhei para Caterina dando sinal, que a esperaria no quarto, ela sorriu, da mesma forma que fazia todas as vezes que eu a escolhia. Podia até foder outras mulheres na noite, mas nunca antes dela. Poucas vezes a troquei. Apesar de sentir uma atração avassaladora pela vadia, às vezes, precisava experimentar bocetas novas. Eu não era um homem romântico, sempre priorizei o sexo, o prazer. E

quando soube que eu poderia ser prometido a Kiara, a mulher que atualmente era a primeira-dama da máfia, mulher de meu irmão, eu pensei que seria o fim da minha vida de libertino. Eu já havia conhecido Kiara, tinha visto a garota algumas vezes antes de ela se casar com Tommasso. Seria um tolo se dissesse que não a achava bonita, no entanto, não era meu tipo. Somente ao olhar o rosto de Kiara dava para ver que era do tipo que não se curvava, o que a tornou perfeita para Tommasso, que somente estava acostumado com as submissas. Acreditava que se Kiara fizesse comigo as coisas que fez com Tommasso, agindo de forma rebelde, eu não pensaria duas vezes e a castigaria sem misericórdia. O amor de Tommasso por ela só mostrou o quanto nós, homens, ficamos fracos e frágeis quando amamos, portanto, não pretendia me apaixonar nunca, muito menos fraquejar.

— Senhor Caccini. — Ouvi a voz de Caterina e me virei para olhá-la. — Já sabia que iria me querer esta noite. — Sua voz saiu modulada, ela caminhou até mim, com os olhos amendoados fitando os meus. Assim que parou diante de mim, sem me conter, segurei seu queixo e passei o indicador na sua boca.

— Você me conhece bem, *miele*[2] — respondi e, então, colei meu corpo no dela, deixando-a sentir a rigidez do meu pau. — Diga-me, Caterina, outro homem já te comeu hoje?

— Sabe que sempre espero por você antes de…

— Boa, garota — falei, interrompendo-a, soltei seu queixo e aproximei minha boca da sua, enquanto rodeava a sua cintura com o braço, alcançando seu quadril com a mão.

— Por que a pergunta? Sente ciúme de mim, Nicolo?

Sorri contra seus lábios, apertando-a mais sobre mim.

— Só um tolo sentiria ciúme de uma puta — rebati fazendo seu sorriso morrer no mesmo instante. — Agora, fique de joelhos.

Soltei-a e, mesmo com uma expressão desgostosa no rosto, ela me obedeceu, ficando de joelhos, ergueu o rosto na minha direção, observando-me desafivelar o cinto e abrir o botão da calça.

— Quero primeiro gozar na sua boca safada e, por último, na sua boceta. Entendeu?

Ela balançou a cabeça, assentindo.

— Faço o que desejar, sou sua.

Senti meu sangue esquentar, o tesão começar a aflorar em mim.

— Repita — ordenei.

— Sou toda sua, senhor Caccini, me use como desejar.

Peguei o meu cinto e passei em volta do seu pescoço, prendendo-o com força, sentindo meus batimentos de descompassarem. Inclinei a cabeça para trás, quando ela começou a chupar meu pau, habilidosamente. Rosnei e agarrei seu cabelo com uma mão, puxando sem dó, impulsionando sua cabeça para frente a fim que engolisse todo meu pau. Ela engasgou e os cantos dos olhos umedeceram. Voltei a segurar o cinto que estava em seu pescoço e apertei ainda mais. Seu rosto ficou vermelho, ela estava perdendo o ar. Gostava de vê-la assim, entregue aos meus pés, disposta a fazer qualquer loucura que eu desejasse. Mesmo por mais pecaminosos e estranhos que fossem os meus desejos, ela os realizaria.



Depois da trepada, estava satisfeito e exausto. Não tinha nada melhor do que a sensação de uma boa gozada. Caterina depois do sexo tentou deitar em meu peito na cama, mas a afastei. Mesmo com minha recusa, ela me olhou com carinho e passou a mão pela minha barriga, acariciando-me. Fitei o seu pescoço ao ver a marca que deixei nele e nas outras que espalhei pelo seu corpo.

— Conseguirá escondê-las? — perguntei, indicando seu pescoço, ela sorriu sem mostrar os dentes. Parecia tão cansada como eu.

— Sempre consegui — respondeu. — Apesar de que hoje você pegou mais pesado do que nas últimas semanas. Está acontecendo alguma coisa, Nicolo? A máfia tem enfrentado problemas?

— Estamos em guerras, é lógico que estamos enfrentando problemas — disse, ríspido, ela simplesmente se calou. — Você sabe que o sexo e a violência são as únicas coisas que me acalmam.

— Sim, eu sei, e gosto da maneira que você trepa, Nicolo. — Sua voz saiu sussurrada.

— Mesmo quando faço isto? — Toquei a marca na sua bunda, seu rosto se contorceu um pouco.

— Mesmo com isto — respondeu-me sincera. — Você precisa disto e eu preciso de você…

— Caterina…

— Desculpe. Sei que não gosta quando sou romântica. — Seu rosto ficou rubro, ela olhou para o lado e se levantou em seguida. — Mas já não consigo mais esconder que o amo, Nicolo. Sou maluca por você, e o senhor sabe!

— Eu sei, no entanto, nossa relação nunca passará disso. De sexo. E uma hora ou outra terei que me casar, pela máfia, Caterina.

Ela cruzou os braços, de costas para mim.

— Você acha que conseguirá me deixar mesmo depois de casado? — Sua pergunta me pegou de surpresa.

— Eu terei, pois a máfia não perdoa traição, e você sabe.

— Queria que eu fosse de uma família rica e influente para poder ser eu a sua esposa. — Ela se virou para mim, os olhos brilhando com lágrimas. — Eu trocaria qualquer coisa, venderia minha alma se fosse preciso, para ser sua mulher ao invés da outra…

— Não fale isso — rugi, furioso com ela. — Cuidado com as palavras, Caterina, elas têm poder.

— Só estou dizendo o que penso, Nicolo!

Levantei-me, peguei minhas roupas e comecei vesti-las.

— Sinto muito, Caterina, mas nunca nesta vida você será minha esposa, eu nunca me casaria com uma puta.

Não ousei olhar em seu rosto. Ela sempre se chateava quando a chamava de puta, mas era isso que ela era.

Depois de vestido, peguei um dinheiro na minha carteira e coloquei sobre a cama.

— Você me satisfez bem hoje, compre algo que a agrade.

Tive a impressão de que ela queria me xingar, mas não o fez. Saí do quarto, deixando-a sozinha. Não gostava de ver drama e nem choro, ainda mais vindo de uma mulher.



— Senhor, o que deseja para o jantar hoje? — perguntou minha governanta, assim que acordei pela manhã no dia seguinte.

— Não sei, escolha algo que me surpreenda, Claudia.

— Está bem, senhor Caccini — disse antes de se retirar, deixando-me sozinho na sala da casa.

Ao contrário da mansão em que nasci, minha própria casa não era tão grande, nem chegava perto de ter os metros quadrados que a mansão de meu irmão tinha. E, ainda assim, me proporcionava o conforto que eu precisava.

Senti meu celular vibrar no bolso da calça, peguei-o e conferi o número antes de atender.

— Fala, Lorenzo — disse, olhando a paisagem de fora da minha casa pela janela de vidro, que substituía as paredes da sala, deixando o espaço iluminado e bem mais agradável.

— *Primeiramente, bom dia, amigo*.

— Vamos pular os cumprimentos e ir para o que realmente importa. Aconteceu alguma coisa?

— *Sim. Tommasso não está me atendendo, então achei melhor te ligar para informá-lo de que conseguimos sequestrar Sienna. Ela já está sendo trazida para a Sicília neste momento*.

Senti o alívio me tomar.

— Como conseguiram isso? — perguntei.

— *Nosso grupo de soldados lutaram contra os dela em uma rua do centro de Florença. Aproveitamos o descuido da garota, que saiu da mansão, após meses trancafiada, e os surpreendemos. Andrea e seu grupo estavam em um número maior, muitos dos nossos morreram, mas não tanto como os dela, assim vencemos os soldados da Biachi e a capturamos*.

— Ótimo, ela será levada para onde?

— *Para o nosso calabouço. Espero você lá, para fazer as honras*. — Sua voz saiu com ar vingativo.

— Estarei lá.

Desliguei e fui para meu quarto me vestir, não via a hora de ver o rosto da cadela Biachi pessoalmente. Não tinha nada no mundo que odiava mais do que esses malditos. Giuseppe nos atormentava desde o tempo em que meu pai era vivo. Ele matou muitos dos nossos homens. E pior, matou Aurora e o filho de Tommasso, o *Don* da nossa máfia. Mas, o filho da puta pagaria de uma forma ou de outra, não o deixaria sair ileso.

Eu faria qualquer coisa para machucá-lo, e se fosse necessário usar sua irmã para atingi-lo, eu usaria. A vadia Biachi estava sob o nosso domínio, e eu a faria conhecer o inferno antes do tempo.



CAPÍTULO 2

Sienna

Cresci em um mundo maligno onde todos com nosso sangue eram destinados à morte, por isso todos que carregavam o sobrenome, ou fossem membros da nossa máfia, já cresciam sendo preparados para quando chegasse o nosso fim. Na guerra contra os Caccini, sempre fomos o lado mais fraco, os possíveis perdedores, entretanto, todos os obstáculos que tínhamos não nos impediu de lutar.

Frederico Biachi, meu pai, comandou a máfia Biachi por muitos anos, até que Giuseppe, meu irmão, assumiu o lugar de *Don* após seu falecimento. Desde o tempo dele, os Caccini e Biachi eram inimigos. A verdadeira guerra estava acontecendo atualmente, após

matarmos a esposa de Tommasso que estava grávida. O feto, que poderia ser um dia o herdeiro da máfia Caccini, foi um efeito colateral da vingança. Meu irmão, Giuseppe, nunca foi um homem caridoso, então quando soube que Aurora estava grávida, não se importou em tirar sua vida junto com a do bebê, seria a vingança perfeita.

Meu pai teve quatro filhas e um filho. Eu era a mais velha das mulheres, tinha vinte e quatro anos e já era considerada muito velha para o matrimônio. Ninguém entendia como a filha mais velha de Frederico ainda não tinha sido prometida em casamento. Poucos sabiam da minha real história, os boatos que corriam no submundo diziam que eu era braço direito do meu irmão, Giuseppe, que ele confiava em mim para tudo e me tratava como uma filha. Os boatos eram verídicos de certo modo. Meu irmão, e chefe da máfia, era bem mais velho que eu. Quando nasci, ele já era um pré-adolescente. Isso não o impediu de brincar comigo, me ensinar coisas que já sabia, pois ele era solitário quando criança, não teve irmãos, até que sua mãe conseguiu finalmente engravidar de novo e deu à luz a mim.

Meu irmão me contava que todos ficaram tão felizes e gratos quando, finalmente, minha mãe engravidou de mim, em especial ela. No entanto, ninguém esperava que ela falecesse ao parto. Sim, Alice, minha progenitora, morreu antes de me conhecer, ela não aguentou a anestesia da cesárea e teve uma hemorragia gravíssima.

Tudo que passei na vida, as mortes que presenciei, injustiças, julgamentos, ataques de todos os lados, tornaram-me mais forte. Eu sempre soube qual era o posto de uma mulher da máfia, para que servíamos. Servimos para casar e gerar herdeiros. Não éramos úteis, éramos mandadas, submissas e aí de nós se desafiássemos nossos maridos, éramos espancadas, maltratadas e até mortas. Por sorte meu irmão, Giuseppe, não desejava que eu me casasse, pelo contrário, me protegia de tudo e todos que quisessem me machucar. Ele sabia que minha mente era esperta, por isso sempre me escutava e aceitava meus conselhos. Era seu braço direito e sempre seria.

Minha vida atual estava monótona, tinha que confessar. Estávamos em guerra, então não podia sair de casa, somente aqui estava protegida. Entretanto, se passaram meses, não aguentava mais ficar presa, sem sair, sem fazer as coisas que gostava. Então, mesmo sabendo do risco, deixei a mansão da família, escoltada pelos meus soldados e fui andar pela cidade. Foi aí que cometi o meu maior erro. Facilitei para que me sequestrassem.

Os Caccini conseguiram me sequestrar. E tive que ver meus homens morrerem tentando me salvar. Nesse momento, estava sob o domínio dos meus inimigos e, provavelmente, em breve seria morta por eles.

Os abutres me colocaram dentro de um carro preto, me vendaram e me levaram da cidade onde eu morava. Possivelmente, estavam me levando para a Sicília. Eu queria ter lutado para me

defender, mas não adiantaria de nada, naquele instante só podia ficar calada e confiar que meu irmão conseguiria me salvar dos nossos inimigos.



— Você é bem quieta, garota — falou um homem que eu não conhecia. Ele estava sentado na poltrona à minha frente, no jatinho particular. Eu estava com as mãos amarradas, mas eles já tinham tirado a venda dos meus olhos. — Seu silêncio chega a ser torturante. Não vai implorar pela sua vida? Ou ao menos tentar se defender?

— Isto não adiantaria muito, não é? — sussurrei, olhando-o. Estava tentando reconhecê-lo, tinha certeza de que já tinha visto seu rosto em alguma foto.

— Não — respondeu. — Para ser bem sincero você está condenada, Sienna.

Sorri sem mostrar os dentes.

— Imaginei que sim, já que vocês, Caccini, não tiveram o culhão para matar o filho do meu irmão. Agora sou a única opção de vingança que vocês têm. — Usei meu melhor tom irônico, o homem colocou a mão no queixo, seu olhar se tornou mais voraz.

— E você parece tranquila com isso — retrucou ele, aparentando curiosidade. — Não teme o seu destino?

— Por que temeria? Se a morte é o destino de todos nós?

Arqueei a sobrancelha, depois desviei o olhar para as minhas coxas. Estava vestindo uma calça jeans, com uma blusa social e sapato fechado nos pés.

— Mas a sua pode demorar e ser mais dolorosa do que pensa. — Sua resposta me deixou aflita, mas não deixei meu medo transparecer. Ele acabou de confirmar o que já suspeitava, eles usariam seus métodos de tortura comigo. Senti minha mão começar a suar, e não consegui achar uma resposta para dar a ele. — Não sinta medo ainda, Sienna, poupe-se para o que está por vir. Sabe que nosso subchefe não via a hora de colocar as mãos em você. E Nicolo Caccini também pode ser bastante silencioso, às vezes, como você. E a forma como ele tortura seus inimigos é impressionante. Seu sobrinho escapou por sorte.

Cerrei as mãos, sentindo um calafrio me tomar. Estava completamente fodida, em um território que nunca imaginei que colocaria os pés.



Assim que chegamos à Sicília, fui levada para onde os Caccini mantêm os seus prisioneiros.

— Preciso ir ao banheiro — falei ao homem que viajou comigo. Eles estavam me puxando até a cela. O lugar era escuro, fedia a cadáveres e me dava vontade de vomitar. Além de tudo, precisava urinar, caso contrário, faria nas calças, pois fazia horas que não ia ao banheiro. O homem fingiu não me ouvir. — Por favor, preciso fazer xixi!

— Não se preocupe, senhorita, na sua cela terá um vaso para que faça suas necessidades — respondeu-me. — Só não garanto que estará higienizado.

Ele riu, friamente, deixando-me com raiva. Chegamos à cela, e eles me jogaram lá dentro, olhei em volta chocada com o lugar. O chão era tão sujo quanto as paredes, tinha sangue por todo lugar. E o vaso sanitário era o mais nojento que já vi na vida, nunca me sentaria nele, nunca.

— Não posso usar este vaso sanitário… É nojento.

— Então, se agache e faça no chão ou nas calças, onde preferir, mocinha.

Calei-me, sentindo-me humilhada. Fiquei desesperada quando eles sem falar mais nada saíram, deixando-me sozinha e presa.

Sentia minhas mãos tremerem e minha bexiga doer de tão apertada que eu estava.

Sem aguentar mais segurar, fui até o lado do vaso, abri o zíper e o botão da calça, e a abaixei, depois me agachei no chão e fiz a minha necessidade. Senti tanto alívio, que quase me esqueci que estava fazendo agachada em um lugar nojento e ensanguentado. Depois de terminar, fiquei de pé e olhei para o colchão que tinha ali, aquela seria a minha cama até que conseguisse ser resgatada, a verdade era que não iria conseguir dormir em um lugar assim.

Sentei-me no colchão e fitei o teto, sem ter o que fazer para passar o tempo. Sentia uma enorme vontade de chorar, mas nunca o ditado: "*engolir o choro",* pareceu tão certo. Não iria chorar, pois precisava ser forte, ou ao menos aparentar ser.

Sempre me lembrava das palavras do meu irmão e, nesse momento, as repetia como um mantra: "*Nunca deixe seus inimigos saberem das suas fraquezas, pois vão se aproveitar delas para te vencer*".

As horas foram passando, e minha barriga começava a roncar de fome. Nunca tinha passado tantas horas sem comer. Estava quase fechando os olhos e dormindo sentada, quando escutei um barulho. Olhei na direção das grades e vi um homem do outro lado. Seu rosto era familiar, já tinha visto antes em fotografia, e em qualquer lugar reconheceria Nicolo Caccini, o subchefe da máfia Caccini.

Meu corpo inteiro tremulou no mesmo instante, as pernas ficaram mole como gelatina. O mafioso que sempre achei que fosse um monstro inventado para que as pessoas o temessem, estava na minha frente, tão real quanto qualquer um outro homem. Usando um terno preto feito sob medida, parecia até que estava de luto. Tinha a face tão bonita apesar de sombria, os olhos tão nublados quanto um dia de tempestade. Levantei-me e me escorei na parede, abraçando meu próprio corpo. Ele estava sozinho, sem seus soldados, o que era estranho, ele veio para me matar?

Tremi por lembrar tudo que já ouvi falar sobre Nicolo Caccini, a forma que torturava seus inimigos… O quão frio era, comparado ao irmão, Tommasso. Sua presença emitia poder e quando parou, ainda longe de mim, mas, ao mesmo tempo, tão perto.

— Confesso que esperava mais — disse, colocando a mão no bolso e, em seguida, me olhou dos pés à cabeça com desdém. — Sempre ouvi dizer que as irmãs de Giuseppe eram as mulheres mais belas que todos já viram. No entanto, o boato não condiz com a realidade.

Maldito! Sua voz gélida e sem emoção, deixou-me arrepiada.

Esperava tudo dele, menos uma ofensa à minha aparência.

— Bem, todos os homens têm gostos diferentes, nem todos têm bom gosto, infelizmente.

Ele contorceu o rosto ao escutar a minha resposta, com certeza, não esperava por ela. Nicolo se aproximou de mim, caminhando lentamente.

— Hum, pelo visto estou diante de uma putinha insolente.

Senti a parede fria nas minhas costas, desejando entrar nela para colocar mais espaço entre mim e Nicolo, quando ele parou à minha frente, inclinou a cabeça para baixo para me olhar nos olhos. Seu perfume pareceu cobrir todo o cheiro pútrido que tinha naquele lugar.

— O que vocês querem comigo? Por que me sequestraram? — perguntei, com raiva, ele ergueu a mão e fechei os olhos, assombrada, cada movimento dele me dava medo, por estar sozinha com ele, indefesa. Ele poderia fazer qualquer coisa, me matar, me machucar, ou pior, me estuprar para me fazer perder minha dignidade.

— Acha mesmo que eu revelaria meus planos a você? — Arqueou a sobrancelha, a mão que ele havia erguido foi para coçar a barba. — Se está aqui sob o meu domínio é para me servir, da forma que eu desejar.

Engoli em seco, e não consegui dizer sequer uma palavra. Ele sorriu, de forma fria.

— Vai me estuprar? — Olhei em seus olhos ao perguntar, estava queimando de ódio por dentro. Ele inclinou a cabeça para o lado e olhou o meu corpo.

— Por enquanto, tenho outros planos para você, ruivinha. — Senti meu rosto aquecer ao ouvi-lo me chamar assim. Esse apelido me fazia detestar meus cabelos avermelhados. — Se colaborar talvez, quem sabe, eu poupe sua pureza, se é que é pura.

Queria bater nele, xingá-lo, mas não podia fazer isso sem ser enviada para a cova.

— Colaborar como? — questionei, era lógico que eles me queriam por um motivo. Meu irmão tinha várias irmãs, por que, junto eu, fui sequestrada?

— Quero todas as informações sobre seu odioso irmão. Quero saber todos os planos dos Biachi para a guerra, cada passo, cada pensamento. Entendeu?

Olhei-o, atônita, ele se distanciou um pouco de mim ao terminar de falar. Não podia acreditar. Ele achava mesmo eu trairia minha *famiglia*?

— Eu nunca falarei nada, seu infeliz, nunca trairei minha *famiglia*!

Ele sorriu desdenhoso.

— Certo, então terá que ser da forma mais difícil… que pena — murmurou as palavras com uma lentidão absurda, olhando as horas no relógio, em seguida. — Você irá passar fome e sede, até que resolva abrir a boca e falar o que desejo escutar, caso não funcione usarei minhas formas preferidas de tortura e, por último, deixarei que meus homens, que não são poucos, possuam você, pois eu me recusarei a fodê-la, até porque você e seu corpo não despertam desejo em mim. Deixarei eles te estuprarem várias e várias vezes, até que não sobre nada de você. Eu me sentarei e os observarei se revezando para te *estuprar*, por fim mandarei seu corpo de volta para o seu irmão. Nada me dará mais prazer que isso.

Suas palavras pareciam tão verdadeiras que não consegui segurar mais as lágrimas. Eram lágrimas de medo, pois sabia que ele iria cumprir sem pestanejar a ameaça.



CAPÍTULO 3

Nicolo

Ver o rosto da vadia contorcido pelo medo, me deu mais prazer que mil putas. Estava consumido pela raiva, causada pela falta de colaboração da mulher. Já esperava que ela não fosse entregar de bandeja os planos do filho da puta do seu irmão, mas qualquer um era valente até começar a sentir dor, com ela não seria diferente.

Já tinha escutado falar sobre a beleza das irmãs do canalha do Giuseppe, sabia que ela fazia jus ao que diziam, seu rosto repleto de sardas e cabelo ruivo transmitiam fogo e braveza, mas não me impressionou tanto quanto imaginei que o faria. Dessa vez, nem mesmo um rostinho bonito e uma boceta rosada, iria me impedir de cumprir a vingança. Sienna sofreria se não abrisse a boca.

— Então, resolveu se vai soltar as informações que pedi? — perguntei bem paciente, o que não me faltava era tempo. Bufei ao vê-la começar a chorar, como se isso fosse ajudá-la em algo.

— Não falarei nada, faça o que quiser!

— Acha que vale a pena dar sua vida para salvar aqueles filhos da puta!? — Aproximei-me bem dela ao falar. A mulher me olhou com os olhos avermelhados pelo choro.

— Acho, eles são minha *famiglia*!

— Então, você fez sua escolha, assuma as consequências — bradei bem em frente ao seu rosto, ela fechou os olhos, segurei o seu pescoço, não para machucar, somente amedrontar. Seus olhos se arregalaram e o ar lhe faltou. — Não gosto de ser contrariado, nem tenho paciência para esperar a sua boa vontade. Sabe o que estou com vontade de fazer com você agora, menina!?

— Posso imaginar — respondeu ela com ar de petulância, o que me fez bufar de raiva.

— Não, você não pode sequer imaginar, não faz a mínima ideia do que gostaria de fazer com você — vociferei bem perto do seu ouvido, apertando ainda mais o seu pescoço, com a proximidade conseguia inalar o cheiro do seu cabelo misturado com

o do seu perfume, que mesmo depois da viagem ainda estava forte. Era um aroma bastante agradável e quase me distraiu.

— Solte-me, está me machucando, seu doente!

— Tudo bem. — Soltei-a, bruscamente, fazendo com que sua cabeça colidisse contra a parede, a putinha gemeu de dor, levando a mão até o local. — Agora vou embora, mas na próxima vez que eu voltar aqui espero que esteja mais disposta a abrir essa sua boquinha e colaborar.

— Você é um monstro! — soltou em um rompante de fúria, caindo sobre o chão, em prantos. — Pagará por tudo isso!

— Esperarei o dia que a conta chegar, ansioso — retruquei com ironia. — Durma bem, Sienna, nos veremos de novo amanhã.

Dito isso, deixei-a na cela sozinha e ordenei para os soldados que ficariam de vigia não dessem água nem comida a ela. Vamos ver se quando a fome e sede apertar, ela ainda seria fiel a infernal família!



Cheguei à empresa do meu irmão, Tommasso, pela manhã para mais uma reunião com ele e Lorenzo. Ao que parecia, o *Don* queria detalhes sobre o sequestro da maldita Biachi. Dessa vez, ele

me encarregou novamente para tratar de mais um de nossos inimigos, uma mulher, Sienna. Fiquei satisfeito que meu irmão ainda confiasse em mim para esse serviço, visto que a última vez que estive com um prisioneiro Biachi deixei escapar nossa melhor arma contra Giuseppe, seu filho de apenas três anos. Tudo por culpa de Kiara, sua esposa intrometida. Se eu fosse Tommasso teria a castigado, no dia que armou para soltarmos o menino, de uma forma que ela se arrependeria amargamente e nunca mais ousaria desafiá-lo. Realmente o amor enfraquecia um homem, e o *Don* era a prova disso.

— Então, ela realmente não vai abrir para nós os podres do irmão? — perguntou Tommasso, paciente.

— Exatamente, mas não se preocupe, estou usando minhas formas de convencimento com a putinha.

— Quando se refere às suas formas de convencimento você quer dizer quais? *Per Dio*, Nicolo, nós precisamos dessa garota, então não faça nenhuma idiotice.

— Não se preocupe, irmão, não vou matá-la, mas não garanto a sua integridade física. Ela só vai ceder quando sentir tanto medo e não aguentar mais o tormento que está passando.

— Faça o que achar melhor, Nicolo, confio em você e em Lorenzo com sua sabedoria, no entanto, mantenha Sienna virgem!

Se é que ela realmente se mantém intacta — desdenhou Tommasso, e olhei para Lorenzo que falou:

— Seria bom comprovarmos isto, não acham?

— Como podemos comprovar se a vadia é virgem? Diga-me — questionei, impaciente.

— Levem um ginecologista até ela e comprovem, precisamos sempre estar um passo à frente, e se Sienna for virgem ela poderá ser vendida, caso não colabore. Adoraria ver o rosto de Giuseppe ao saber que a irmã foi entregue a um milionário qualquer que vai a fazer sofrer de modo inimaginável…

— Conheço alguns homens poderosos, sociopatas que a adorariam — comentei, sorrindo perverso.

— Antes de qualquer coisa, peço que esperem mais um pouco, teremos companhia — disse Tommasso, passando a mão pela barba.

— Companhia de quem? — Lorenzo e eu perguntamos juntos.

— Minha esposa vai se juntar a nós. Prometi a ela que a deixaria a par de tudo sobre a guerra contra os Biachi.

— É claro que prometeu. — Usei meu melhor tom debochado, Tommasso me olhou com raiva. — Agora teremos que aturar uma

mulher se metendo nos negócios?

— Uma mulher não, a minha esposa, primeira-dama da máfia, Nicolo. Acima de tudo, mantenha o respeito, se não quiser perder os dentes.

Toquei meus dentes da frente no mesmo instante, antes de retrucar:

— Detestaria perder um sorriso tão bonito igual o meu por tão pouco.

Se fosse qualquer um falando assim com ele, Tommasso já tinha mandado matar, às vezes me esquecia do fato de ele ser o *Don* da máfia Caccini e só me lembrava que era meu irmão mais velho, então acabava falando o que não devia.

Não demorou para a primeira-dama da máfia aparecer.

— Oi, o que houve? — perguntou Kiara ao entrar na sala.

— Te chamei aqui, esposa, porque havia prometido que a informaria tudo sobre a guerra contra os Biachi. Tem algumas novidades que precisa saber — explicou Tommasso a ela.

— Conte-me, estou curiosa.

Ela cruzou os braços em seguida. Resolvi eu mesmo tomar à frente.

— Estamos com uma nova prisioneira da família Biachi — contei, olhando-a, deixando que notasse todo o ressentimento que sentia por ela, respeitava o fato de ela ser a esposa do meu irmão, mas não achava que seu lugar era aqui, cuidando de assuntos como esses. — A irmã dele, Sienna. Finalmente conseguimos capturá-la.

Ela ficou sem reação, parecendo abismada como já sabia que ficaria, esperava que pelo menos não sentisse pena da putinha prisioneira.

— E o que pretendem fazer com ela?

— Torturá-la até que conte tudo sobre o irmão. A guerra está prestes a acabar, já podemos comemorar. — Sorri friamente.

— Eu não sei se essa ideia é a mais adequada — Kiara deu sua opinião, compadecida pela mulher. Cacete

— É claro que não iria concordar, isso que dá ter que informar sobre os nossos passos para uma mulher bondosa. Pelo amor de Deus, Tommasso. Que merda está fazendo de sua vida — grunhi sem conseguir conter minha fúria.

— Deixem-me a sós com Kiara — ordenou Tommasso em um estrondo.

— Sua mulher parece uma *sirena*[3], você faz tudo que ela quer. Isso é patético… Um homem não pode se deixar ser comandado por uma mulher! — falei, puto da vida.

— Vamos ver se vai dizer a mesma coisa quando finalmente se apaixonar de verdade por uma — retrucou Kiara, destilando veneno. — Vocês três ouviram o meu marido, saiam agora mesmo! — ordenou entredentes.

— Uma coisa temos que admitir, rapazes, a nossa primeira-dama tem voz de comando — falou Lorenzo com ar zombeteiro e, então, a contragosto deixamos os pombinhos a sós.

— Você precisa aprender a controlar sua fúria, Nicolo — Lorenzo tentou me aconselhar, queria que ele, Tommasso e todo resto fossem se foder, não estava nem aí para nada. Sabia que tinha problema com fúria, e explodia de vez em quando, mas era o meu jeito e eu não mudaria.

— Cuide da sua vida, Lorenzo, da minha cuido eu!

— Sabe que agora que Tommasso já cumpriu o pedido dos *capos* e se casou, chegou sua vez, não é?

— Se eu fosse você, meu caro, não comemoraria com tanto afinco, pois caso eu me case, o seu casamento será na sequência. Lembre-se disso — rebati. — Agora vamos até o calabouço, preciso ver como nossa prisioneira está.

— Irá deixá-la mais um dia com fome e sede? — perguntou.

— Se precisar, sim. Vamos logo atrás desse ginecologista, quero descobrir se putinha tem a boceta virgem ou não.

— E se ela não for virgem? — questionou Lorenzo.

— Se não for, quer dizer que já pode ser comida à vontade, o que não seria algo terrível, pois, talvez, até eu poderia me interessar pela vadia. Não me lembro se já comi uma ruiva na vida… poderia ser uma experiência e tanto.

— Mesmo sendo gostosinha, teria coragem de se deitar com ela, sabendo que é irmã do nosso maior rival?

— Caralho, lógico que teria, e digo mais, sentiria prazer em deixar sua boceta inchada e cheia de dor, sabendo que tudo que eu fizesse, atingiria Giuseppe de alguma forma.

Sorri somente ao imaginar o rosto de Giuseppe se contorcendo de ódio por saber que a irmã preferida abriu as pernas para um Caccini.



Arrumamos o ginecologista de confiança e o levamos até o calabouço, para examinar nossa prisioneira. Sierra se assustou quando nos viu chegar, estava encolhida no colchão podre. A boca que antes era rosada, estava pálida assim como seu rosto repleto de sardas.

— Deixem nós três sozinhos — ordenei aos demais homens, incluindo Lorenzo. Eles saíram sem questionar a ordem. Não entendia o porquê, mas não queria Lorenzo, tampouco os meus soldados vendo a boceta de Sienna. — Agora sim, pode examiná-la.

— Me examinar? — questionou a mulher, olhando de mim para o ginecologista.

— Fique tranquila, senhorita, será um exame rápido — falou o examinador indo até ela, que recuou ainda mais. — Tire sua calça e a calcinha.

— Não! O que vão fazer? — Seu grito apavorado estrondou pela cela.

— Não faça perguntas, tire sua calça logo, ou eu mesmo farei! — vociferei, ávido. Ela me olhou com os olhos esverdeados repletos de rancor.

— Por favor, não me obrigue a isso! — ela suplicou, começando a chorar. Não consegui controlar meu ímpeto. Fui até ela, obrigando-a a levantar-se do colchão. A vadia gritava, debatendo-se, enquanto eu removia sua calça e peça íntima sem um pingo de cavalheirismo.

Seu rosto corou quando se viu seminua à nossa frente. Ela se encolheu e tentou cobrir sua boceta, mas era tarde demais, eu já tinha visto enquanto se debatia. A parte interior do seu sexo era rosado, enquanto a exterior era ruivo, coberto por pelos crescentes. Senti meu pau reagir no mesmo instante em que olhei sua boceta e meu corpo foi tomado pelo tesão.

Saí de perto dela, não a deixando notar que me deixou duro e com tesão. Deixei que o ginecologista fizesse o seu serviço. Sienna não lutou mais, ficou em choque, parada feito estátua enquanto o homem a examinava. Quando ele terminou, ela voltou para o colchão, voltando a se encolher, cobrindo o rosto com as mãos.

— Ela ainda é virgem — revelou o ginecologista. — Era só isso que precisavam fazer?

— Era só isso — respondi. — Pode ir embora agora, meus soldados o acompanharão até a saída.

— Estou sempre às ordens para o que precisar, senhor Caccini!

Dito isso, ele foi embora, deixando-me sozinho com Sienna. E puta ficou em silêncio e sequer me olhou ao ficarmos a sós. Andei pela pequena cela, esperando-a romper o silêncio, como não fez, eu o fiz.

— Já pode vestir-se novamente — mandei. — Agora pude ter a certeza de que é virgem. Confesso que desacreditava da sua pureza.

— Vá para o inferno — ela rugiu, levantando a cabeça para me olhar.

— Mantenha o controle, Sienna, não precisa ficar envergonhada pelo que acabou de acontecer — falei. — Vou ser piedoso e permitir que lhe deem água. Sei que está desde o dia anterior sem se alimentar e com sede.

— Piedoso? Chama isso de piedade? Estou me sentindo invadida… abusada…

— Chega de lamúrias — esbravejei, fazendo-a se calar. — Mandei se vestir, ou quer que eu também faça isto?

Seu olhar ficou em chamas. Ela se levantou e começou a se vestir na minha frente. Sua pele era tão branca, as coxas lindas e magras.

— Gosto quando é obediente — murmurei, provocativo.

— Eu odeio você — resmungou de volta, fazendo-me sorrir friamente.

— Vai odiar ainda mais quando souber os planos que tenho para você, mas antes, te darei uma nova chance.

— Chance de quê? — questionou, já vestida.

— De me contar os planos sórdidos do seu irmão.

Seu rosto ficou todo vermelho de raiva.

— Vá para o inferno — repetiu, fazendo-me perder a compostura, ir até ela e prendê-la contra a parede segurando seu pescoço. — Por que não me mata logo?

Seu olhar estava fixo no meu, senti um calafrio subir por minha coluna, junto a uma onda de calor por nossa proximidade. Apertei mais firme seu pescoço, sentindo meu pau voltar a endurecer.

— A morte seria uma forma de libertação para você, e não pretendo libertá-la nunca, *diaba ruiva*. Você vai sofrer na minha mão até o fim dos seus dias. — Ela espremeu os lábios um no outro, fitando-me com ódio, então usei a mão livre tocando abaixo da sua costela, subindo até seu seio, seu rosto se contorcia de raiva por não poder fazer nada para me impedir. — *E a usarei de outras formas satisfatória também.*



CAPÍTULO 4

Sienna

Estava me sentindo maculada, com a honra comprometida. Queria ver Nicolo Caccini queimando em cinzas no inferno, ele estava conseguindo cumprir com seu objetivo, estava me destruindo aos poucos, fazendo-me perder tudo, inclusive a integridade. O maldito me viu despida, quase nua. Tocou-me sem a minha permissão. Por fim ainda tocou meu seio e disse:

— A morte seria uma forma de libertação para você, e não pretendo libertá-la nunca, *diaba ruiva*. Você vai sofrer na minha mão até o fim dos seus dias. *E a usarei de outras formas satisfatória também.*

Meu corpo estremeceu por completo, ele estava tão próximo, que conseguia sentir seu hálito quente em meu rosto. A fragrância do seu perfume era forte. O cheiro combinava com ele.

Não estava conseguindo raciocinar direito, pois estava faminta e com muita sede. Nunca passei tantas horas seguidas sem me alimentar direito, ou tomar líquido.

— Quais outras formas? — questionei, imaginando mil besteiras. Sentia-me incomodada com o contato íntimo, sem consentimento, mas, ao mesmo tempo, algo proibido incendiava dentro de mim, uma sensação estranha crescia em meu ventre. Nunca um homem tinha chegado tão perto de mim assim ou me visto despida, nunca achei que isso aconteceria, não antes que eu me casasse.

— Muitas, mas pelo seu olhar inocente você desconhece. — Ele tirou a mão do meu seio e a levou até meu queixo, passou o dedo indicador pelo meu lábio, enquanto eu não conseguia nem piscar. Perguntei-me onde ele guardava sua arma, uma ideia perversa estava começando a aflorar na minha mente — Sua boca é interessante, o formato de seus lábios carnudos. Consigo imaginar uma forma deliciosa para você usar essa sua boquinha — seu sussurro causou um arrepio na espinha.

— Achei que eu não o interessava — lembrei-o, já que ele falou que a minha aparência não fazia jus aos boatos sobre mim.

— Quando um homem fica de pau duro, qualquer boceta fresca é bem-vinda — rebateu, deixando-me acanhada e envergonhada. Suas palavras eram porcas, pecaminosas.

— Me solte! — ordenei, tentando sair de perto dele, mas estava fraca e ele não me deixaria livre tão facilmente.

— Fique quieta, não teste a minha paciência, *ruiva.* — Seus olhos brilharam de forma raivosa, sua boca estava bem próxima à minha, sentia meu coração começar a bater mais rápido.

— O que você quer de mim? — sussurrei bem próxima da sua boca, olhando-o nos olhos, sem desviar por um segundo sequer. — Achei que seus métodos de torturas fossem outros.

— Vá por mim, menina, você não vai desejar conhecer minha forma real de tortura.

— Tem razão, até porque prefiro estar. — Minha voz saiu baixa e modulada, arqueei a sobrancelha e mordi o lábio inferior, olhando-o com minha melhor expressão de desejo. Seu cenho se franziu e ele voltou a prender meu pescoço com a mão.

— O que está fazendo? — questionou com a voz rouca e grossa, aproximei ainda mais nossos corpos, colocando minha coxa entre as dele, tocando seu ponto fraco.

— Se não posso fugir, e vou morrer logo, minha única opção é me entregar a você — murmurei. — Não posso morrer sem saber como é ser beijada e apreciada.

Seus olhos pareceram se incendiar.

— Não jogue comigo, garota.

— Quem disse que estou jogando? — Ergui minhas mãos trêmulas e toquei o seu peito, Nicolo respirou com mais profundidade. — Estamos sozinhos aqui. Um homem e uma mulher, que vivem em lados opostos, inimigos, que nunca deveriam ter o caminho cruzado. Confesse que é excitante para você.

— Que inferno, menina, é bom parar de falar agora mesmo.

Seu rosto se contorceu de desejo.

— Por que você está resistindo? Entregue os pontos, Nicolo.

Ele rugiu e apertou mais fortemente meu pescoço, fitou minha boca com intensidade e, então, como eu já esperava, ele me beijou. Com sua outra mão, Nicolo segurou em meu quadril, descendo até as nádegas até alcançar a minha coxa e erguê-la. Minha boca estava seca, pela sede, quase não tinha saliva para um beijo molhado. Passei a mão pela sua cintura, enquanto ele me beijava com fome e muita voracidade. Fiquei zonza, meus sentidos pareciam aguçados. Nunca tinha sido beijada antes e tinha que

confessar que não era ruim, apesar de as circunstâncias. Nicolo era experiente, e a forma que ele me beijava me deixou tão excitada, que quase me esqueci do meu objetivo.

Ele retirou a mão do meu pescoço para levá-la até minha outra coxa e, então, me ergueu contra a parede, para assim aprofundar o beijo. Ele me ergueu com tanta facilidade, que meu corpo parecia o de uma boneca de pano. Comecei a suar e ficar quente. Nossas respirações profundas estavam misturadas, enquanto o calor de nossos corpos se emendavam. Por um segundo, esqueci-me do lugar onde estávamos e quem estava me beijando. Nicolo parou o beijo, inclinou seu rosto, levando-o até meu pescoço, onde lambeu, mordeu fortemente, fazendo-me gritar de dor, com certeza, ficaria marcado, minha pele inteira se arrepiou e ardeu. Ele levou a boca até o ouvido e sussurrou:

— Seu cheiro é inebriante.

Senti-me estremecer, sua voz era tão grossa e tão intensa que me entorpecia o juízo. Ele soltou minhas coxas, deixando-me alcançar novamente o chão. Voltei a beijá-lo, atacando seu lábio, não sabia se estava fazendo certo, beijando bem, pois era minha primeira vez, mas precisava distraí-lo. Arfei quando ele mordeu meu lábio inferior, tão forte como fez no pescoço, enquanto afundava os dedos na minha cintura. Senti o gosto de sangue se misturando com o beijo. Ele era violento até para beijar. E era esquisito, mas eu gostava da sensação da dor, da mordida, meu sexo molhava cada vez mais. Consegui sentir a arma na sua cintura, então, com

cuidado para que não notasse, coloquei as duas mãos por dentro de sua camisa, tocando sua barriga definida, sentindo a pele quente.

— Caralho, tem certeza de que é virgem mesmo? — Sua voz saiu perturbada, sorri e arranhei sua cintura. — Já fez isso antes? Já se deixou ser beijada, ruiva?

— Esta é a primeira vez que um homem encosta em mim — respondi com meus lábios quase colados nos deles. Fitei seus olhos obscuros que brilhavam. E consegui tocar a arma, ele pareceu nem notar. — Mas sempre desejei sentir essa sensação.

— Preciso te foder, menina. — Senti quando ele tocou a minha intimidade, por cima da calça, esfregando fortemente os dedos para me fazer senti-lo. Respirei com dificuldade, meu coração batia acelerado dentro do peito.

— E você vai — falei ao conseguir desarmá-lo com facilidade. — Nos seus sonhos.

Ele se afastou de mim assim que mirei a arma nele. Amei ver o olhar de Nicolo repleto de surpresa.

— Chega de gracinha, Sienna, abaixe a arma. Minha paciência estava por um fio.

— Só abaixarei quando acertar um tiro na sua testa — retruquei com raiva. Seu olhar estava repleto de ódio, mas sua

ereção ainda era visível.

— Você não sabe atirar, sua maldita, solte logo a arma — ordenou ele, rangendo os dentes.

— Tem certeza de que não sei? — questionei, sorrindo perversa, destravando a arma e segurando o gatilho. — Pois, fique sabendo que além de saber atirar tenho uma mira sensacional.

Mesmo tentando esconder, seu rosto não escondia o fascínio.

— Não vou pedir novamente, se não soltar a arma eu não terei piedade de você. Garota — rugiu ele, furioso. — Se atirar você morre.

— Vou morrer de qualquer jeito, pelo menos levarei meu raptor comigo! — bradei de volta, pronta para apertar o gatilho, mas ele foi mais ágil, veio até mim, destemido. Apertei o gatilho no mesmo momento que ele conseguiu segurar meu braço, ou seja, a arma disparou para o alto. Em poucos segundos, os seus soldados apareceram para saber o que estava acontecendo, visto que ouviram o barulho.

Nicolo ficou com muita raiva e eu frustrada, por não ter conseguido acertá-lo. Ele conseguiu pegar sua arma de volta, e me prensou contra a parede. Ele segurou meus braços atrás das costas, segurando firmemente, fazendo-me gemer de dor.

— Sua putinha desgraçada! — rosnou ele. — Me fez te beijar, usou a sedução somente para me desarmar. É mais falsa do que pensei. Pensa que é esperta, mas acabou de assinar seu atestado de óbito.

— Você achou mesmo que eu iria te beijar por querer? Eu estou com vontade de vomitar até agora, Nicolo. Você me enoja — gritei, demonstrando todo meu ódio por ele. Ele virou-me, obrigando-me a olhá-lo e depois apontou a arma para mim.

— Não posso te matar ainda, sua vadia, por mais que eu queira muito. Agora vou te dar duas escolhas — falou ele sorrindo friamente — A perna, ou o braço.

— O quê? — minha voz saiu repleta de assombro.

— A perna, ou o braço — ele repetiu. O medo me tomou por completo. — Se não responder em dez segundos será os dois.

— A perna! — gritei e fechei os olhos. Segundos depois, escutei o disparo e, então, a dor veio com força. Caí no chão e me arrastei pela parede. Gritei de dor, tocando minha perna, observando o sangue escorrer pelo chão, enquanto Nicolo degustava da minha dor.

— Na próxima vez, serão dois tiros para aprender que não pode atentar contra mim sem sair ilesa. Quando olhar para a marca e sentir a dor na sua perna, lembre-se do que fez — vociferou ele,

mas não conseguia nem olhá-lo, estava com tanta raiva. — Meus homens cuidarão de você. Volto amanhã, ruiva, curta mais uma noite na sua mais nova morada!

Dito isso, ele saiu sem olhar para trás, enquanto fiquei me revirando no chão sujo, sentindo a dor mais horrível da minha vida.



CAPÍTULO 5

Nicolo

— Que caralho, por que você atirou nela, porra? — Lorenzo inquiriu, furioso. Entramos dentro do carro e meu motorista seguiu para o nosso destino.

— Tive meus motivos — falei. — E precisamos ser mais resilientes se quisermos que ela abra a boca. Ela precisa nos temer mais ainda.

— Eu entendo que você está usando seus métodos de tortura, mas, meu caro, deixá-la com fome e sede, ser examinada por um ginecologista e logo após ganhar um tiro na perna, não está pegando pesado demais? Eu não ligo para a vida de Sienna, mas,

porra, ela é nossa prisioneira, e se ela morrer Tommasso irá nos estrangular.

— Fique tranquilo, Lorenzo. Sei bem como lidar com meus prisioneiros. Não se preocupe.

— Espero mesmo que não cometa o vacilo de matá-la sem antes conseguirmos o que queremos, pois precisamos pôr um fim nessa guerra contra os Biachi. Só ontem dois nossos carregamentos de munição foram furtados pela máfia inimiga.

Meu cenho se franziu

— Mas como? Giuseppe não iria mandar armarem uma emboscada para nós sabendo que estamos com sua preciosa irmã no nosso calabouço, ele não é burro a esse ponto — murmurei, pensativo, algo não estava certo nisso.

— Então, acha que pode ter sido feito por outra máfia? — questionou Lorenzo.

— É uma possibilidade que não podemos descartar. Pode sim existir um terceiro inimigo se aproveitando da confusão que a guerra tem nos causado.

— Irei investigar isso, precisamos com urgência conversar com Tommasso — disse Lorenzo.

— Hoje não poderei me reunir com vocês, pois terei um compromisso inadiável. Preciso urgentemente relaxar, se é que me entende.

Lorenzo bufou, balançando a cabeça com indignação.

— Vai atrás da mesma boceta de sempre ou vai variar o cardápio desta vez? — tentou me provocar.

— Se preocupe com as bocetas que você come, as que eu como ou deixo de comer é problema só meu.

O maldito abriu um sorriso cínico.

— Não quis me intrometer nas suas escolhas, até porque não sou seu *consigliere* e sim do seu irmão, mas não pode ficar brincando com a puta para sempre, em breve terá que se render ao matrimônio, então não é bom se apegar àquela prostituta.

— Eu não me apego em ninguém, meu caro, está me confundindo com meu irmão, agora? — Sorri com frieza.

— Diz isto até se casar e acabar se apaixonando pela sua esposa. Duvido que o casamento não vá mudá-lo, Nicolo.

— Você fala isso por você, não é, Lorenzo. Sei que come putas por diversão e para esquecer uma certa moça que ainda não lhe foi prometida — joguei na sua cara e, em seguida, vi seu rosto se contorcer de raiva. — Ambra Marino é uma bela menina, e dá

para entender o porquê você baba por ela sempre que a encontra. No entanto, ela não lhe foi prometida e, talvez, nunca será, então você pode falar o que quiser sobre amor, mas o destino que prevejo para você é um em que não se casa com a mulher dos seus sonhos e sim, talvez, com a irmã mais feia e manca.

— Vá para o inferno, Nicolo! — esbravejou Lorenzo. — Motorista pare o carro que eu quero descer.

O motorista parou o carro e Lorenzo saiu.

— Isto que dá provocar quem está quieto — resmunguei, debochado.

Sempre notei os olhares Lorenzo para Ambra, uma das filhas de um dos *capos*. Ela era uma menina, acabou de completar dezessete anos, era linda e, claro, que roubava os olhares de muitos homens. Entretanto, ela tinha uma irmã, de dezoito anos, mais velha, que devia se casar antes dela, na verdade, até deveria já estar prometida a um homem, porém, nenhum a quer, por conta de sua condição física. Ela era manca, sem contar que não era a mais bonita das irmãs. Sua aparência eu poderia dizer que era um tanto peculiar. E isso tornava o destino de Lorenzo com Ambra um tanto quanto difícil, pois antes dela, alguém precisaria se casar com a irmã mais velha. Tinha quase certeza de que pela aliança poderosa com os Marino, Tommasso faria com que eu, Lorenzo ou Andrea se cassasse com a manca, e apostava todas as minhas fichas que seria Lorenzo o escolhido.



— Engole ele todo — ordenei, enquanto segurava o cabelo de Caterina, e a contemplava chupando o meu pau. A puta engasgou ao fazer garganta profunda. Rosnei baixo, lembrando-me do beijo entre mim e Sienna, lembrei-me da sua boceta rosada, dos pelos ruivos, dos lábios vaginais abertos, então ejaculei dentro da boca de Caterina, fazendo-a engolir todo meu sêmen sem desperdiçar uma gota sequer.

— Que delícia — exclamou, levantando-se do chão, seus joelhos estavam vermelhos. — Quer mais? — perguntou, vindo se sentar no meu colo. Ela tentou me beijar, mas afastei seu rosto com a mão.

— Por hoje foi o suficiente — falei, olhando seu rosto, toquei os lábios inchados com os dedos. — Você como sempre fez um incrível boquete.

— Faço qualquer coisa para te agradar, senhor Caccini — murmurou ela, olhando-me com seus olhos brilhantes.

— Estava precisando disto — confessei.

— Notei mesmo que estava um tanto distante, pensativo hoje — disse ela, passando a mão pelo meu rosto. — Aconteceu alguma

coisa?

— Não, somente o de sempre, muitos problemas para lidar — expliquei antes de tirá-la de cima do meu colo.

— Já vai embora? Tem certeza de que não quer nada mais? — questionou, parecendo decepcionada por não querer fodê-la hoje.

— Já tive o suficiente de você hoje. — Comecei a arrumar minha calça.

— Só de mim? Então quer dizer que vai foder com outras essa noite?

Revirei os olhos, detestava lamúrias, ainda vindo dela.

— Não me leve a mal, anjo, mas preciso comer de vez em quando outras bocetas além da sua.

Ela mordeu seu lábio inferior, olhando-me com os olhos carregados de ressentimento.

— Gosto quando você se satisfaz só comigo, me sinto especial…

Não consegui conter o sorriso. Era só o que me faltava. Aproximei-me dela e segurei seu queixo.

— Não seja egoísta, tem que aprender a me dividir com outras. Você já tem muito mais do que elas. Me tem quase todas as noites, então, de certo modo, isso te torna um pouco *especial*.

— Mas enquanto você não for casado, queria poder aproveitar cada segundo com você. Sei que em breve te perderei para uma nobre, de classe alta…

— Você está me cansando, Caterina. Sabe que não gosto de romantismo, toda vez que entramos nesse quarto é com um único propósito, sexo, foda violenta e só. Depois que acaba já não existe mais *nós*. — Soltei seu queixo, deixando-a muda e triste. — Te encontro novamente amanhã.

Dito isso, deixei o quarto e ela sem dizer mais nada.



Dois dias depois, visitei o calabouço. Fui ver como a prisioneira estava. Pelo que me informaram, a bala não se alojou na sua perna, o que eu já sabia, pois mirei em lugar que não arriscaria sua vida, somente a faria sentir dor. O médico a medicou e fez o curativo que deveria ser trocado todos os dias e desinfetado.

Apareci diante as grades, vi-a deitada encolhida na cama, parecendo acanhada e triste. Perguntei aos meus soldados se ela havia se alimentado, eles disseram que ela estava comendo muito

pouco, e mesmo oferecendo alimentação e água ela não se fartava. Entrei na cela sozinho, e como se conseguisse notar minha presença a quilômetros de distância, ela se virou e me fitou com os olhos esbugalhados, cobertos de medo e pavor.

Nesse momento, sim, ela me olhava realmente como se eu fosse um monstro.

— Como você está? — perguntei, colocando as mãos dentro do bolso da calça.

— Estável — respondeu, num fio de voz.

— Soube que não está querendo se alimentar — comentei. — Precisa comer, Sienna.

— Não sinto fome — disse e uma lágrima escapou de seu olho esquerdo. — Não sinto mais nada.

— Então, isto significa que você está pronta para falar o que queremos saber — comentei, aproximando-me um pouco do colchão onde ela estava deitada. — Conte tudo, se abra comigo, que deixarei você ir embora viva.

— Você me deixará ir pra casa? — Vi seus olhos se iluminarem com um resquício de esperança.

— Te deixarei livre para fazer o que quiser. Te dou a minha palavra.

— O que você quer saber? — perguntou com a voz repleta de amargura.

— Sobre os planos do seu irmão. Suas fraquezas, tudo que o comprometa.

Ela se sentou no colchão, gemendo de dor ao mover a perna.

— Eu não sei de nada — contou ela. — As únicas coisas que sei é que meu irmão os odeia e estão em guerra. Os únicos planos de Giuseppe é fazer algo que atinja Tommasso. Além de destruir seus carregamentos e matar seus aliados. Ele quer que nossa máfia se torne a mais poderosa da Itália.

— Tem algum traidor da nossa máfia passando informações para vocês? — questionei.

— Teve um — falou. — Seu nome era Francesco. Ele tinha fugido para não ser morto pelo Riccardo Moretti, pai da esposa do *Don* dos Caccini — disse. — Ele passou algumas informações sobre a primeira-dama da máfia, parece que eles tiveram um envolvimento pessoal que quase causou sua morte. Depois de sabermos tudo que ele tinha para contar, o mandamos voltar para trabalhar como soldado na mansão de Tommasso, no entanto, Francesco nunca mais voltou. Achamos que ele está morto.

— Vou precisar de mais informações, muito mais, mas por hoje basta — falei, satisfeito, e fui até ela, que abraçou o próprio corpo estremecendo de medo quando me viu se aproximar. Abaixei-me perto dela e pedi: — Deixe-me ver a sua perna.

— Não — sussurrou piscando rapidamente.

— Não foi um pedido — disse, antes de puxar sua perna machucada com calma, ela gemeu de dor. A ferida estava com curativo, então soltei um pouco para ver o ferimento por baixo da bandagem Não tinha ficado bonito, estava bem inchado e machucado. Voltei a cobrir e fitei Sienna, que me olhava com cautela. Tirei a mão da sua ferida e toquei a parte não machucada da panturrilha, sentindo a pele macia, e em nenhum momento desviei o olhar se seu olho. — Eu não deveria ter feito isto, embora você tenha merecido. Não se pode tentar me enganar e sair ilesa.

— Você só me mostrou do que é capaz — resmungou, ao torcer o nariz e desviar o olhar.

— Acredito que você não também tem sua dose de culpa. Roubou minha arma, ruivinha, iria atirar em mim se eu não fosse mais ágil.

— Iria — concordou. — Mas, infelizmente, não o fiz.

— Acha que estaria viva se atirasse em mim? Você sofreria o pior destino.

Ela sorriu sem felicidade alguma.

— Já estou tendo o pior destino, Nicolo. Não entende?

— Você está presa por quatro dias e meio e já está entregando os pontos? — Arqueei a sobrancelha questionadora, ela suspirou baixinho.

— Quando a morte é o caminho de fuga da realidade, já dá para saber qual a melhor escolha a se fazer.

Consegui ver sinceridade em seu olhar. Um calafrio me tomou por completo.

— Mesmo que prefira a morte, não te deixarei morrer, pois ainda precisamos de você viver. Se não comer por bem, irá comer por mal — decretei, tirando a mão dela e me levantando. — Não sei quanto tempo irá passar aqui, portanto, acho melhor você começar a se acostumar com o ambiente. Irei mostrar meu lado piedoso e te deixarei tomar banho, pois seu cheiro está incômodo. Também vão trazer roupas novas e itens de higiene pessoal para você. Tem algum pedido a mais?

— Livros — pediu — Traga-me livros.

— Mais alguma coisa?

— Um colchão melhor, travesseiro e coberta. Aqui faz muito frio à noite.

— Vou providenciar tudo que precisa — garanti e me dirigi até as grades, mas antes de sair, me virei e disse: — Ruiva, você só sai daqui após a rendição do seu irmão. Já vi que você não tem muito a dizer sobre ele e seus planos, então vamos tentar usar de outros meios.

— Tente um acordo de paz — aconselhou ela.

— Nunca faríamos acordo de paz com o inimigo. *Nunca*.



CAPÍTULO 6

Sienna

6 meses depois

Não conseguia mais contar os dias e meses que estava presa nessa cela. Só sabia quando era dia e noite por conta das refeições que me entregavam. Eu tinha perdido completamente as esperanças de um dia sair daqui. A minha vida tinha perdido o sentido. Estava morando no meu inferno particular. Às vezes sentia vontade de cortar meus pulsos e acabar logo com a minha dor, mas não tinha navalhas para isso, nem morrer os filhos da puta dos Caccini me permitiriam. Eu era obrigada a comer, tomar água e se caso me recusasse, eles me obrigavam, e a forma que o faziam não eram das mais decentes.

Todos os dias eu sonhava com meu irmão, Giuseppe, vindo me resgatar, mas acordava e percebia que tudo não havia passado de um sonho impossível. Perguntava-me se meu irmão teria desistido de mim, se estava tentando ou não me resgatar, já fazia meses que estava nesse lugar e nada de ter um sinal de que esse inferno acabaria.

Sempre me achei forte e até destemida em algumas ocasiões, mas depois de tudo que passei nessa cela percebi que era fraca, e pouco destemida. Passei muitas noites em claro, tremendo de medo, e tendo uma crise fortíssima de ansiedade, pois esse lugar era escuro, frio e assombroso. Tentava me comunicar com o soldado de guarda, mas ele não falava nada, ouvi poucas vezes sua voz. Achava que iria enlouquecer, visto que não conversava com quase ninguém. Estava tão solitária que ficava contente quando Nicolo aparecia. Ele pelo menos falava comigo, provocava-me com suas zombarias e, então, me deixava sozinha novamente.

Achei que a pior tortura pudesse ser física, mas percebi que a mental era muito pior. Bem pior. Eu só queria uma forma de escapar de tudo. Só queria uma oportunidade de voltar a ser feliz novamente…

Toda a depressão causada pelo exílio me fez emagrecer, perder a beleza que tinha. Quase não via meu reflexo em um espelho, era raro quando eles me entregavam um na hora do banho, que, aliás, era a parte mais vergonhosa do meu dia, o

banho, pois eles me lavavam com mangueira, espirravam água em mim, enquanto eu tinha poucos minutos para me ensaboar e limpar. Eu detestava.

Nunca fui de rezar e não frequentava a igreja, mas nesse tempo presa, de vez em quando eu me permitia fechar os olhos e clamar por ajuda, implorar por salvação. Às vezes a fé me abandonava, pensava se Deus não estava ouvindo minhas preces, mas era a única coisa que ainda mantinha meu último fio de esperança.

Passei mais uma página do livro que estava lendo. Todos os meses, Nicolo mandava me trazer novos exemplares, eram meu passatempo diário, a única coisa que fazia o tempo passar mais rápido.

Nunca o ditado: *livro pode salvar vidas,* foi tão verídico.

Estava tão distraída em meio a aventura da história que nem percebi a chegada repentina de Lorenzo, somente quando ele entrou na cela.

— Olá, Sienna, como está hoje? — perguntou com sua voz aveludada e grossa.

— Viva — respondi, ríspida, sem fitá-lo.

— Dá para se notar — respondeu com sarcasmo. — Tenho boas notícias para você.

— Duvido — falei, olhando-o, nesse momento ele tinha ganhado a minha atenção. — Você nunca aparece para trazer notícias boas.

— Mas desta vez eu trouxe. Digamos que imaginei que Nicolo não iria lhe dar pessoalmente a notícia, ele é muito orgulhoso para isso.

Minha testa se franziu, instantaneamente, fechei o livro e me levantei do colchão.

— Diga-me logo então. Conseguiu despertar a minha curiosidade.

— Você já pode se preparar para partir daqui. Seus dias de prisioneira chegaram ao fim.

Soltei uma lufada de ar, era como se um peso do meu peito se esvaísse. Olhei-o, alegremente, imaginando se ele estava falando ou não a verdade.

— Como? Por quê?

— Seu irmão entrou em contato conosco. Implorou por um acordo de paz, para assim conseguir salvá-la.

Pisquei, atordoada. Levei a mão até o peito, sentindo-o metralhar fortemente.

— O *Don* dos Caccini aceitou o acordo de paz? — questionei, descrente.

— Sim, pois o acordo favorece ambos os lados.

Enruguei o cenho, confusa.

— Como favorece ambos os lados?

— Um acordo de união entre as máfias foi selado — disse. — Um matrimônio entre um membro de cada máfia, Caccini e Biachi, irá solidificar o acordo de paz.

Estava completamente aturdida, não podia acreditar que isso era verdade.

— E quem serão os dois membros de cada máfia? — perguntei em choque, então pela sua expressão notei. — Serei eu a me casar? — Ele assentiu. — Com quem?

— Você tinha alguns pretendentes, incluindo eu, para o matrimônio, mas acabou que foi arrebatada pelo nosso subchefe. Digamos que ele não deixou escolha para Tommasso, ou era ele a se casar com você, ou mais ninguém.

Não conseguia esboçar nenhuma reação, pois minha cabeça começou a girar

— Vou me casar com Nicolo Caccini? — perguntei, assombrada.

— Exatamente, Sienna. Um casamento entre Nicolo e você acabará com a guerra de uma vez por todas. Muita gente já morreu por culpa disso, vocês serão a salvação das duas máfias.

Eu não sabia o que pensar sobre. Minha mente gritava: *"não pode ser, não posso me casar com o monstro que atirou em mim".* Ao mesmo tempo em que meu coração acelerado batia feliz por, finalmente, ter a chance de escapar dessa situação deplorável. Mas esse destino era ainda pior que o meu atual. Que Nicolo era um homem maligno eu já sabia, mas se minha única escapatória do cativeiro fosse me casando com ele. Eu me casaria sem contestar.



Nicolo

Quando Tommasso marcou uma reunião com todos os membros mais importantes da máfia imaginei que teria algo importante a dizer, ele nunca marcava uma reunião desse porte se não fosse para revelar algo bombástico. Imaginei que tivesse

acontecido qualquer coisa, menos que nosso inimigo tivesse enviado um acordo de paz.

Diabos, por mim não teria acordo de paz nenhum. No entanto, quem dava as ordens aqui era Tommasso. Precisávamos acatar todas as suas decisões, por mais inaceitáveis que fossem.

— Ele sugeriu um acordo de casamento entre as máfias para assim todos termos um benefício e acabarmos com a guerra — explicou Tommasso. — Giuseppe dará a mão da irmã, Sienna, nossa prisioneira, em casamento, para a paz ser selada.

Empertiguei-me na cadeira, surpreso com a notícia. Percebi vários olhares de homens em volta da longa mesa repletos de interesse, eles estavam muito interessados na proposta de casamento. Inferno.

— E o senhor pretende aceitar o acordo? — um dos *capos* perguntou.

— Pensei muito sobre isso, conversei por horas com meu *consigliere*. Nossa máfia pode estar em vantagem nessa guerra, mas ainda estamos ameaçados. Nossas famílias, mulheres e crianças estão ameaçadas. Precisamos colocar um fim nisso e, finalmente, encontramos uma solução para todo esse caos entre os Caccini e Biachi.

— Não podemos confiar em um Biachi. Quem de nós teria coragem de se casar com uma deles? Dormir ao lado de uma traidora? — um dos *capos* falou, revoltado. Tommasso ajeitou a postura, pronto para respondê-lo, mas foi interrompido por Andrea, o *caporegime*.

— Eu posso fazer este sacrifício e me casar com a garota — disse ele de pronto, usando seu melhor tom de ironia quando pronunciou a palavra “sacrifício”.

— Bem, como Andrea mesmo se prontificou, sabemos que muitos aqui não se importariam em se casar com Sienna. Mesmo tendo emagrecido bastante em seu tempo de cativeiro, o que é reversível. Além do mais, ela é uma mulher conhecida por sua beleza. É ruiva e gerará belos herdeiros — comentou Tommasso.

— Eu posso me casar com ela — exclamou um dos *capos*, fazendo-me revirar os olhos e estralar os dedos com força.

— Também posso — disse outro, intrometendo-se. Limpei a garganta sentindo algo me corroendo por dentro. Ver aqueles bando de *pirocas murchas* se oferecendo para se casar com Sienna, somente para ter o prazer de trepar com uma inimiga, além de que, a beleza dela era muito conhecida, despertou-me uma obstinação que antes não tinha. Enquanto um por um se oferecia, esperei até ser o último a falar.

— Senhores, não se animem muito. Nenhum de vocês está apto para se casar com Sienna. Um casamento desses precisa ser lendário, e eu, o subchefe, garanto que Sienna Biachi nunca pertencerá a nenhum de vocês. — Fitei Tommaso, que me olhou, surpreso, ele nunca esperou que eu me prontificasse ao casamento, meu irmão sabia o quanto fugia do matrimônio. — Eu me prontifico a me casar com Sienna Biachi. Se o *Don* assim desejar.

— Você tem certeza? — perguntou Tommasso. Olhei-o com determinação.

— Pode acreditar, irmão, estou mais que certo desta decisão.

— Então, para o bem da máfia Caccini, o acordo de paz com os Biachi será selado com o casamento entre Nicolo Caccini e Sienna Biachi. Esta é a minha decisão final — decretou Tommasso.

Adorei ver o rosto dos homens cobertos pela inveja. Meu lado competitivo era ciumento e venceu mais uma vez. Mesmo que tenham se passado meses, eu ainda me lembrava do beijo da diaba ruiva, e se dependesse de mim mais ninguém provaria do gosto dos seus lábios.

Estava ansioso para experimentá-la por inteira, depois dos ritos do casamento, mataria a vontade incontrolável de descobrir o quão apertada ela era entre as coxas.



CAPÍTULO 7

Sienna

— Quando vou poder sair daqui? — perguntei a Lorenzo.

— Hoje mesmo, Sienna. Trouxe uma roupa para você vestir, mas amanhã poderá ir fazer compras, escolher pessoalmente um guarda-roupa novo, são as ordens de Nicolo.

— Por que ele faria isso por mim? — inquiri, perplexa.

— Você será a futura esposa dele, ele não quer que te vejam vestindo trapos. Você precisa recuperar seu ânimo e beleza.

Fitei as minhas unhas sujas, todas pequenas e roídas.

— Não sei se consigo recuperar minha vaidade depois de tudo que vivi aqui — soltei em um fio de voz. — Nunca imaginei que um casamento Nicolo Caccini seria minha salvação deste tormento.

— Não vai ser fácil, após todos estes meses enjaulada, você sair e voltar a ver o mundo. Nem o seu casamento com Nicolo será, pois sei que vocês se odeiam, mas terão que conviver como marido e mulher. Além de que, tem as pessoas da nossa cidade que não gostam de Biachi, eles vão demorar a aceitá-la como a esposa do subchefe, muitos te tratarão mal e reagirão com provocações, mas você precisa ser forte e mostrar sua garra, não pode deixar que te desprezem. Precisa ter voz e mostrar quem manda, Sienna. — Lorenzo de todos os Caccini, era o que eu achava menos pior, pois ele sempre deixou transparecer o que de fato era. — Vou deixá-la sozinha para se arrumar para partirmos.

Dito isso, ele saiu, deixando a sacola com a roupa. Peguei-a e a abri, olhando a peça de roupa. Era um vestido simples, branco, mas muito elegante, de seda fina. Fazia tanto tempo que não tocava em uma peça tão cara. Parecia que caberia perfeitamente em mim. Estava tão magra que não achava que uma peça tão bonita com aquela poderia ficar bonita em mim.

Comecei a me despir e, em seguida, vesti o vestido, peguei também o sapato que combinava com a roupa e o calcei.

Estava pronta para deixar esse lugar, finalmente.



Os soldados me levaram junto com Lorenzo até o carro. Assim que pus os pés fora do calabouço, meus olhos arderam ao sentir os raios de sol. Tive que fechá-los e respirar fundo. Era estranho a sensação de respirar o ar puro e fresco, já estava acostumada com o cheiro horrível do calabouço. Não conseguia conter minha emoção ao estar livre, de certo modo, o que parecia impossível mais cedo se tornou real, minhas preces tinham sido ouvidas.

Entrei no carro acompanhada de Lorenzo, o motorista nos levou até meu destino.

— Onde vocês me manterão? — perguntei a Lorenzo durante o percurso.

— O plano era mantê-la em uma pousada até a data do casamento, mas acabei de receber uma mensagem de Nicolo, ordenando que a leve para um de seus apartamentos. Acha mais seguro lá, e ficará mais confortável que em uma pousada.

— Ficarei sozinha ou serei vigiada? — inquiri. — E quando viu poder ver meu irmão?

— Você ficará sozinha no apartamento, mas fora dele terá soldados que cuidarão da sua segurança e estarão a par de quem

entra e sai do apartamento — falou. — Já aviso para não tentar fazer nenhuma insensatez, Sienna.

— Não irei tentar — falei, ele assentiu.

Chegamos ao prédio onde ficava o apartamento. Passamos pelo hall de entrada, entramos no elevador e fomos até o andar do apartamento. Assim que entramos na sala do apartamento, fomos surpreendidos ao ver um homem de terno, de costas para nós. Arrepiei-me toda quando o homem pronunciou sem se virar:

— Saia. Me deixe a sós com ela.

— Nicolo, não é prudente que… — Lorenzo começou a falar, mas foi interrompido.

— Saia! — bradou, a voz coberta de autoridade. Lorenzo não falou mais nada e nem se viu na razão de contestar, apenas saiu, deixando-me a sós com Nicolo. — Feche a porta, Sienna.

Sua voz estava mais sombria que o normal, engoli em seco, fazendo o que pediu. Ele se virou assim que fechei a porta, fazendo nossos olhares se encontrarem.

— Precisamos conversar, ruiva — sua voz saiu fria e cautelosa, ele se aproximou de mim, até estar bem próximo. Inclinei a cabeça para poder fitar seu rosto. Ele era bem mais alto que eu. — Sobre nosso casamento.

— O que tem o casamento, Nicolo?

Seus olhos estavam nublados, transmitiam sentimentos indescritíveis.

— Está feliz com esse acordo?

— O que acha? — questionei, ao cruzar os braços, com um olhar feroz. — Não vou mentir. Fiquei alegre por saber que iria sair daquele inferno onde fui mantida por meses, mas triste por saber que estou caminhando para outro inferno. O matrimônio com o homem capaz das atitudes mais monstruosas que já conheci.

— Achei que depois de todo esse tempo, já teria esquecido do tiro. Rancor não é um sentimento bom para se guardar, *ruiva.* — Ele sorriu, perversamente, sentindo borboletas no meu estômago.

— Nem em cem anos vou me esquecer de tudo que passei naquela cela. Muito menos do tiro que você me deu — retruquei, furiosa.

— Então, por que aceitou o acordo de se casar comigo? Poderia muito bem ter recusado e continuado na cela.

Ele queria me provocar, dava para ver em seu olhar.

— Porque eu não tinha opção, se ficasse lá iria acabar morrendo, já não aguentava mais. Escolhi viver.

— Ao meu lado — completou ele por mim, rangi os dentes. — Você sabe que após o sim na igreja, você me pertencerá e terá que fazer tudo que eu ordenar?

Claro que ele iria fazer da minha vida um tormento, ele adorava me ver sofrer e não seria diferente.

— Sei — resmunguei, a contragosto. — Veio aqui somente para jogar na minha cara que virarei seu brinquedo? Sua posse?

— Somente quero deixar as coisas bem claras — retrucou, fitando-me com desdém. — Precisa saber que não gosto de mulheres rebeldes, é melhor acatar todas as minhas ordens. Não aceito recusa. Adoro mulher submissa que faz de tudo para realizar meus desejos mais obscuros.

— Desejos obscuros? — falei em um fio de voz

— Exato. Digamos que sou violento um pouco durante o ato — explicou ele, erguendo a mão para tocar meu queixo. — Tenho gostos peculiares que você vai entender e, principalmente, vai gostar, em breve.

— Tudo bem — falei, desejando acabar com aquela conversa que estava me deixando apavorada somente em imaginar, nossa

noite de núpcias. — Vou sentir dor? — a pergunta acabou me escapando.

— Sim — respondeu. — Mas será uma dor gostosa, garanto.

— Existe dor que seja gostosa?

— Mais do que você imagina — respondeu, tirando a mão do meu queixo e, em seguida, deu um passo para trás para me olhar. — Bem, vai demorar alguns meses ainda para o casamento acontecer. Durante esse tempo, você irá ficar neste apartamento que é próximo à casa onde vamos morar depois de casados. Amanhã fique pronta às 12h, o motorista vai te buscar, você terá um dia de SPA, marquei cabeleireiro, manicure, tratamento de pele e massagem para você. Depois disso, vamos às compras — ele falou tudo bem rápido, foi difícil de acompanhar. Após terminar de falar, fitou meu corpo, deixando-me envergonhada. — Está bem magra, é visível que está desnutrida, portanto, se alimente bem, pois não quero desfilar por aí com uma esposa magricela.

Que homem mais estúpido! Nesse momento desejei continuar magra só de birra. Não me importava nenhum pouco que minha aparência não o agradasse.

— Então, todos esses agrados são só para me deixar bonita novamente? O SPA, cabeleireiro e manicure? As roupas…

— Você em breve será a minha esposa, como eu disse, não posso desfilar para aí com uma mulher maltratada.

— Seu infeliz — rosnei sem conseguir me conter, ele sorriu.

— Acho melhor também marcar um dentista para você. Os dentes estão amarelados. A boca está suja — retrucou ele, levando-me ao limite da raiva, avancei sobre ele, tentando estapeá-lo, mas ele segurou o meu braço apertando fortemente, gemi de dor. — Se fizer isso de novo…

— Vai me dar outro tiro? — bradei, fuzilando-o com o olhar. — Agora eu também sou importante para vocês, Nicolo. Se fizer algo comigo não terá o acordo de paz. Acredito que o *Don* não gostará nada de quebrar o acordo que ocasionará no fim da guerra.

Ele aproximou seu rosto do meu, seus olhos ficaram vermelhos de raiva.

— Tem razão, não posso matá-la mais, nem atirar em você, mas agora tenho outros meios de torturá-la sem deixar marcas — disse.

— Você pode usar o sexo como ameaça, mas não me amedronta. Posso até me deitar com você, mas nunca será por vontade própria e sim por obrigação. Quando me tocar vou sentir vontade de vomitar, e nunca ouvirá um gemido de prazer da minha parte.

— Isso eu pago para ver — vociferou ele, abrindo um sorriso malicioso. Largou o meu braço e entrelaçou o braço na minha cintura, sua boca ficou bem próxima à minha, depois aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou: — Quando eu estiver com a boca na sua boceta, trabalhando com a língua lentamente nela, duvido que não vá gemer e gostar, além de gozar dos meus lábios.

Senti um calor me consumir por inteira, meu ventre esquentou.

— Nunca irei gozar com você — falei baixinho.

— Isso é o que veremos — disse, antes de me soltar. — Sabe por que escolhi te manter nesse apartamento? — perguntou, trocando de assunto, balancei a cabeça, negando. — Porque fica perto da minha casa. Poderei fazer visitas frequentes a você, até o dia do nosso casamento. Agora que será minha, não terá nenhum problema de experimentar você de outras formas, sem romper sua virgindade.

Estremeci por completo, arregalando os olhos.

— Você não pode fazer isso!

— Posso fazer tudo que eu quiser — decretou ele, deixando-me apavorada. — Amanhã vou acompanhá-la nas compras, quero ver cada peça de roupa que você escolher. Só deixarei levar as que

me agradarem. Inclusive, as peças íntimas, não vejo a hora de vê-la provando todas lingeries.

Fiquei em choque, completamente abismada com sua depravação.

— Não está falando sério, está? — Minha voz saiu trêmula, ele não poderia me tocar antes do casamento e nem me obrigar a mostrar como ficariam as lingeries em meu corpo.

— É claro que estou, quero conferir pessoalmente uma por uma — disse, antes de se dirigir até a porta. — Agora tenho compromissos importantes à minha espera, curta muito seus dias de liberdade, Sienna. Amanhã eu volto para vê-la.

Queria xingá-lo, mas não fiz, fiquei apenas acompanhando com os olhos ele sair do apartamento. Somente quando fiquei a sós, pude grunhir de raiva, peguei um dos travesseiros do sofá e arremessei pela sala.

Odiava com todas minhas forças, Nicolo Caccini!



CAPÍTULO 8

Sienna

Logo após Nicolo ir embora, aproveitei que estava sozinha em um apartamento enorme e muito luxuoso para vasculhar tudo, conhecer cada cômodo do lugar. Quando entrei na suíte, fiquei impressionada com o luxo, apesar de parecer um lugar de depravação. A cama era coberta por lençóis vermelhos, o quarto tinha tons escuros e a luz várias funções, além de cores diferentes. O banheiro tinha a maior banheira de hidromassagem que já tinha visto na vida, e olha que já vi muitas. Abri algumas gavetas, estranhando os objetos que haviam nelas, muitos deles, eu nem sabia para o que serviam. Até ver uma gaveta com cordas, camisinhas e algemas. Fechei a gaveta, rapidamente, sentindo minhas bochechas arderem.

Nesse momento entendi o porquê Nicolo mantinha esse apartamento, era usado para sua devassidão. Perguntava-me se ele trazia mulheres para cá. Claro que trazia…

Quanto mais o imaginava fodendo mulheres nesse quarto e usando os brinquedos sexuais nelas, mais eu sentia meu estômago embrulhar, uma sensação esquisita de incômodo me tomava.

Saí do quarto, tranquei a porta. Não seria nele que iria dormir.

Fui até a cozinha, estava faminta, meu estômago roncava. Vi o que tinha para comer na geladeira, por sorte, havia peito de peru e muçarela. Preparei três sanduíches e comi rapidamente. Como tinha sentido falta de comer essas coisas. Depois, procurei por doce na geladeira, achei chocolates, e só sosseguei quando acabei com todos. Estava morrendo de vontade de comer chocolate, doces e massas, não via a hora de comer uma boa macarronada. Enquanto mastigava o chocolate, só pensava no quanto era gostoso, havia desejado tanto um bombom nos meses de exílio, tive que lidar com minha abstinência por doce.

Comi tanto que fiquei com a barriga estufada, depois me deitei no sofá e liguei a TV a fim de assistir por um tempo até pegar no sono.



No dia seguinte, acordei cedo, fiz minha higiene matinal, tomei um banho longo e só então me arrumei. Meu cabelo estava precisando de uma boa hidratação, pois sendo lavado apenas com água e de vez em quando um shampoo, era óbvio que ficaria seco, quebradiço e muito embaraçado. Coloquei o mesmo vestido de ontem, visto que não tinha outra roupa, além das que usava no calabouço. Minha pele do rosto estava ainda mais pálida do que antigamente, o que era normal, dado a falta de sol nos últimos meses.

Saí do quarto, fui até a cozinha e comi algo antes de avisar aos soldados que estava pronta para ir ao SPA.



Passei quase o dia todo lá, recebendo massagem, tendo um dia de beleza que já nem me lembrava de como era. Eles conseguiram resgatar a vida da minha pele, unhas e cabelo. Deixaram-me tão linda que quando olhei meu reflexo no espelho não acreditei que fosse real. Meus olhos se encheram de lágrimas, parecia que tinha voltado no tempo.

— Seu noivo está à sua espera — um dos soldados veio avisar.

Deixei o local e caminhei até a entrada, onde o carro de Nicolo estava parado à minha espera. Ele saiu do carro roubando os olhares das pessoas ao redor. O desgraçado estava de óculos escuros, e detestava admitir, mas o maldito estava ainda mais lindo. O diabo fantasiado de deus grego, esse era Nicolo Caccini. Ele deu a volta no carro e parou diante dele, encostando-se, e cruzando os braços após tirar seus óculos escuros do rosto e guardar. Seu olhar cintilou ao me fitar de cima a baixo, seus lábios se entreabriram, surpresos, com o resultado. Caminhei até ele, sentindo minhas pernas bambas.

— Porra, se soubesse o que estou imaginando agora… — foi a primeira coisa que ele me disse quando parei diante dele, ele estava quase me devorando com os olhos.

— Prefiro não saber — retruquei, abraçando meu próprio corpo, tímida, ele sorriu e desencostou do carro, abrindo a porta do carro para mim em seguida.

— É você quem vai dirigir? — questionei, já no carro que cheirava a automóvel novo. Ele já tinha entrado e dado partida. Tinha mais dois carros, um na frente e outro atrás do dele, dirigidos pelos seus seguranças.

— Sim, acabei de adquirir essa máquina excepcional, não deixaria outro dirigi-la — explicou, parecendo, estranhamente, bem-humorado. Decerto devia ter matado alguém ontem ou no café da manhã. Vai saber.

— Entendi — falei sem muita emoção. O carro começou a andar. Durante o caminho fiquei muda, até porque não tinha nada para falar com ele, e nem queria.

Nicolo estacionou o carro e descemos dele. Entramos na primeira loja luxuosa e fomos bem recepcionados pela vendedora. Ela perguntou que estilo de peça que eu gostaria de olhar, foi supergentil.

— Vou separar as peças que pediu para a senhorita experimentar, enquanto isso desejam algo para beber? Temos um champanhe ótimo.

— Pode nos trazer o champanhe — disse Nicolo.

Comecei a experimentar as roupas e todas eu mostrava como ficava ao Nicolo antes de comprar. Após um tempo, a vendedora me trouxe dois vestidos, um elegante e comportado, outro era vermelho, com decote avantajado sensual. Estava prestes a escolher o comportado, quando Nicolo decidiu dar opinião.

— Experimente o vermelho — ordenou ele, que estava sentado no sofá perto do provador. — Quero vê-la com ele.

Pelo seu olhar sabia que não podia recusar sua ordem, não na frente da vendedora. Nicolo se levantou e pegou uma peça de

lingerie vermelha que tinha guardado para experimentar por último, veio até mim e me entregou.

— Use junto com esta lingerie — mandou ele, seu olhar estava luxurioso, engoli em seco, pegando a lingerie sexy, a contragosto.

Entrei no provador e me vesti. Fiquei surpresa em como o vestido combinou com meu corpo. Ele era bem marcado, e graças aos vários quilos que perdi, ficou lindo na cintura. O decote era avantajado mesmo, o que valorizou meu seio. Joguei o cabelo para o lado e respirei fundo, antes de tomar coragem e sair do provador para mostrar para Nicolo como ficou. Fiquei surpresa ao perceber que estávamos sozinhos, a vendedora tinha saído e fechado a porta.

Meus olhos pousaram em Nicolo e senti borboletas no estômago ao notar seu olhar sobre mim, repleto de malícia. Seus olhos cintilavam enquanto me observava com o vestido. Ele deixou um ruído baixo escapar, antes de se levantar e vir até mim. Senti-me estremecer ao ver a rigidez em sua calça. Ele parou diante de mim, passou os olhos pelo meu rosto e decote e, então, declarou:

— Este faço questão de comprar, mas nunca irá usá-lo em público, somente eu posso vê-la vestida assim. — Sua voz saiu completamente rouca, mordisquei o lábio inferior fortemente, ele capturou o movimento. — Ontem fiz uma crítica ao seu corpo, sobre sua magreza, que hoje terei que reverter. Você está deslumbrante

assim, Sienna, seu corpo tem a medida perfeita para fazer um homem perder a cabeça em segundos.

Fiquei surpresa com seu elogio, pisquei, rapidamente, sem saber o que responder. Nicolo abriu um sorriso pervertido, então voltou a se sentar no sofá, mas antes, tirou a arma da cintura e colocou ao seu lado, fazendo-me tremer de medo. Vi assim que ele tirou um cigarro do bolso, acendeu e começou a fumar na minha frente.

Estava prestes a voltar para o provador quando ele me impediu.

— Tire ele aqui fora, *ruiva* — ordenou. — Quero ver como ficou a peça íntima, quero olhá-la se despindo!

— O quê? — Minha voz saiu baixa e perplexa.

— Fique nua para mim — repetiu a ordem, fazendo com que meus batimentos cardíacos ficarem descompassados.



CAPÍTULO 9

Nicolo

No momento em que vi Sienna vestida com o vestido vermelho, que parecia ter sido moldado para o seu corpo, meu pau endureceu no mesmo instante, como nunca tinha acontecido antes com nenhuma mulher. Parecia que a cor vermelha tinha sido criada, especialmente, para ela. Os cabelos ruivos, a pele esbranquiçada ficou valorizada pela peça de roupa. Sua cintura estava fina, mas os seios tinham uma medida perfeita e dentro do decote do vestido ficaram supervalorizados. Meu pau pulsou e, no mesmo instante, desejei fazer uma loucura com a minha noiva nesse provador.

Adorei ver o pânico em seus olhos quando ordenei que ficasse nua. Já tinha mandado a vendedora nos deixar a sós por isso. Não

via a hora de ver Sienna usando a lingerie vermelha. Meu pau babava só de imaginar sua boceta coberta por uma simples e delicada renda.

— Não posso fazer isto aqui — disse ela, tímida, suas bochechas ficaram vermelhas.

— Sim, você pode. Estou mandando, Sienna.

Toquei a arma que havia colocado ao meu lado só para alertá-la. Ela engoliu em seco, inspirou fundo, antes de começar a tirar o vestido. Fiquei satisfeito ao vê-la tirando, calmamente, a peça. Ela desceu as duas alças, antes de deslizar o vestido até a cintura, revelando os seios cobertos apenas pelo sutiã vermelho, rendado e pequeno. Toquei meu pau por cima da calça e o apertei, sentindo um calor descomunal me tomar.

— Tire-o todo! — voltei a mandar, ela me olhou, quieta, seu rosto estava pegando fogo, não sabia se era de vergonha ou raiva. Ela tirou todo o vestido. Ficando apenas de calcinha e sutiã.

Como havia imaginado, a calcinha deixava sua boceta à mostra, a renda era fina e transparente. Ela parecia uma diaba sexy ruiva. Meu pau pulsou dentro da calça, de repente ela ficou ainda mais apertada.

— Agora já posso voltar para dentro do provador? — perguntou ela, deixando transparecer a raiva na voz.

Dei uma última tragada no cigarro, depois o joguei no chão e apaguei com o pé, antes de me levantar e ir até ela. Sienna me observou, enquanto me aproximava sem se mover um centímetro, boa garota. Parei diante dela outra vez, ergui a mão tocando seu rosto, ela fechou os olhos. Acariciei a pele macia, coberta por sardas, então passei o dedo indicador pelo seu lábio vermelho.

— Abra os olhos — ordenei, senti seu lábio tremer em meus dedos, logo após seus olhos se abriram e nossos olhares se conectaram.

— Não deveria…

— Deveria sim — interrompi-a sem deixá-la completar. Tirei o dedo do seu lábio e me aproximei mais dela, que deu um passo para trás, acabando prensada contra a porta do provador.

— Alguém pode entrar e nós ver — falou, aflita.

— Não virá ninguém, serei rápido — retruquei, sentindo seu calor se misturando com o meu, ela começou a respirar com certa dificuldade. Entreguei minha ereção em sua barriga para que sentisse o quão excitado estava por ela. A maldita, tentava não demonstrar que também estava ficando excitada com nossa proximidade, mas reconhecia os sinais do corpo de uma mulher. Sabia quanto estava ou não excitada.

Passei a mão por sua cintura. Desnuda, deslizando até as costas. Até encontrar o fecho do sutiã e abri-lo. Deixei que ele caísse no chão, deixando seus seios expostos. Apreciei a bela vista dos seus peitos, os mamilos rosados estavam endurecidos. Não eram grandes e fartos, mas pareciam ter a medida certa para caber em minha boca. Inclinei-me e, em seguida, abocanhei o esquerdo enquanto segurei o direito com a mão e acariciei o mamilo, deixando Sienna sem reação, ela ofegou baixinho e seu corpo ficou tenso. Depois de chupar seu seio, lamber e mordiscar, assoprei, fazendo-a estremecer. Voltei a olhá-la, sorrindo com malícia, seus olhos pareciam assustados, achava que era mais por medo do que sentia do que pelo que estava acontecendo.

— Não se mexa — mandei, ao ver seu cenho se franzir. Abaixei-me diante dela, segurando o cós da calcinha e a removendo do seu corpo. Sienna não se moveu um centímetro sequer, olhei para cima após deixá-la inteiramente nua, ao meu dispor, percebi que ela respirava com dificuldade e seus olhos verdes não paravam de me fitar. Passei as mãos pelas suas coxas, acariciando com certa lentidão a sua pele. Ela arfou quando, repentinamente, separei suas coxas. Suas bochechas queimaram de vergonha e tudo que desejei ao olhar sua boceta coberta por pelos crescentes foi estar dentro dela.

Desejei colocá-la de quatro e fodê-la com força, enquanto estapeava a bunda gostosa, deixando as marcas dos meus dedos na pele branca. Por um triz eu não perdi o controle. Passei o rosto bem perto da sua boceta, sem deixar de olhar Sienna, pois não

queria perder nenhuma das duas reações. Passei o nariz por seus pelos, sentindo um cheiro agradável de sabonete íntimo misturado com sua lubrificação.

— Gosto dos seus pelos ruivos — falei, minha voz saiu quase falha de tão rouca. — Não quero que os depile totalmente — dei uma ordem, ela mordiscou o lábio inferior. — Quero você assim, desse jeito, sem mudar nada.

— Nicolo, pare…

— Paro sim, ruiva, depois que eu te fizer gozar na minha boca.

Ela resmungou algo incoerente e gritou quando passei a língua com toda vontade e ansiedade na sua boceta, lambendo da vulva até o clitóris lentamente, sentindo o gosto da sua lubrificação salgada e deliciosa escorrendo por minha língua, minha boca salivou ainda mais por ela. Senti os pelos ruivos roçando no meu rosto, enquanto a chupava. Sienna teve que abrir bem as pernas para eu conseguir aproveitar cada canto da sua intimidade, explorando com a língua. A vadia podia fingir que não estava gostando, mas eu via seu rosto se contorcer de prazer, enquanto suas pernas ficavam bambas ao meu redor.

Eu poderia ficar horas chupando sua boceta, e amaria cada instante, mas não poderia demorar muito, ela estava prestes a gozar na minha boca, conseguia sentir. A diaba poderia tentar resistir, mas

seu corpo buscaria por alívio, ela não seria forte o suficiente, não teria outra opção a não ser se render ao prazer.

E foi o que fez.

Degustou de um orgasmo delicioso. Senti o líquido e provei do gosto do seu prazer escorrendo pela minha boca, seu prazer molhou minha barba e chegou a pingar no chão. Assisti-a mordendo o próprio braço para não gemer de prazer, suas pernas tremularam e ela revirou os olhos. Naquele momento, contemplando o seu clímax, eu a achei sexy e gostosa para um caralho, inferno. A desgraçada *Biachi* tinha um rosto de anjo, mas era uma diaba disfarçada.

Levantei-me, enxuguei os cantos dos lábios, antes de prender suas mãos no alto da sua cabeça. Nossos olhares estavam presos um no outro. Minhas bolas latejavam desejando um alívio.

— Quero que prove seu sabor — disse, ela pareceu confusa, mas seu semblante mudou quando meus lábios se prenderam no dela. Beijei-a de forma devassa e lenta, degustando do sabor de seus lábios com calma. Só parei de beijá-la para fazer o mesmo com seu pescoço. Acabei deixando muitas marcas nela, por um instante pensei ter ouvido um gemido seu. Quando parei de beijá-la, estávamos sem fôlego e com muito calor apesar de o clima frio da Sicília. Encostei minha testa na sua deixando nossas respirações se misturarem. — Porra, agora terei que apressar o casamento.

— Por quê? — sussurrou em um fio de voz.

— Porque não posso aguentar meses para finalmente poder comer você — falei, exasperado. — Estou fissurado na sua boceta.

— Você não pode apressar as coisas.

Seus lábios estavam trêmulos.

— Tentarei de tudo para que o casamento aconteça o mais rápido possível.

Sienna suspirou pesadamente.

— Achei que detestava a ideia do matrimônio, e agora está querendo apressar tudo…

— Eu detesto a ideia de me casar com você, mas se para te foder eu preciso disso, tudo bem — retruquei. — O que não faço por uma boceta…

Suas bochechas voltaram a ruborizar. Soltei seus braços e me mantive uma distância entre nós.

— Já podemos ir embora? — inquiriu.

— Não, você ainda precisa escolher suas peças íntimas e joias. Vou precisar ir a um compromisso, no entanto, deixarei os

soldados e o motorista à sua disposição. Compre o que desejar.

Ela não respondeu, somente cobriu os seios e a boceta com a mão, assentindo.

Saí dali e fui direto para o bordel mais próximo.

Chegando lá, que por acaso era o mesmo que Caterina trabalhava, fui à sua procura. Quando a achei, levei-a para o quarto, tirei sua lingerie com tanta pressa que rasguei. Coloquei-a, brutalmente, de quatro na cama. Desabotoei a calça, desci o zíper, depois a cueca. Coloquei o pau duro para fora, peguei a camisinha e deslizei o látex pela extensão do meu membro, e sem um pingo de gentileza estoquei em sua boceta. Penetrei-a com fúria e fome, enquanto as imagens de do momento em que chupava Sienna preenchiam a minha mente enviando mais tesão ao meu corpo. Puxei seu cabelo e meti bem fundo, fazendo-a gritar de dor, novamente o rosto de Sienna adentrou meus pensamentos, só então gozei no preservativo.

— Sienna… — acabei resmungando sem querer o nome da maldita ruiva. Saí da intimidade de Caterina, tirei a camisinha e dei um nó, antes de descartá-la no lixo.

— Quem é Sienna? — questionou Caterina, parecendo ofendida. — E por que pensou nela enquanto me fodia?

Não a respondi. Ajeitei a calça pronto para ir embora. Estava sem paciência.

— Nicolo! Responda-me! — ela gritou, tirando-me do sério, fui até ela que tinha ficado de pé e a empurrei contra a cama, depois prendi seu cabelo na mão.

— Levante a voz para mim outra vez para ver o que te acontece — vociferei, fora de mim. Estava estressado por não ter comido a mulher que desejava, estava puto de raiva por precisar me casar, e mais enraivecido ainda porque não tinha ninguém para torturar. — Não me faça perder o equilíbrio, Caterina.

— Perdão, eu… Somente preciso saber quem é ela. Você nunca falou o nome de outra mulher durante o sexo, Nicolo. *Nunca*.

— Quer mesmo saber quem é ela? — questionei, impaciente, Caterina assentiu. — Sienna, é a minha futura esposa. Minha noiva, Sienna Biachi.

Seus olhos se arregalaram.

— Não… Não pode ser — exclamou sem acreditar. — Você está noivo? E de uma Biachi?

A surpresa a invadiu. Seu olhar dizia tudo, nesse momento ela se deu conta de que estava próximo o fim, de nós, do nosso envolvimento.



CAPÍTULO 10

Nicolo

— Exatamente, Caterina. Meu irmão aceitou um acordo de paz com os Biachi, mas o acordo só aconteceria se um membro importante da máfia se casasse com sua irmã, Sienna, para assim solidificar a paz entre as famílias — expliquei a ela, que me olhou com indignação.

— E o *Don* te escolheu em meio a tantos? O *consigliere* também é solteiro… ele poderia assumir a obrigação de se casar com esta mulher. Por que tem que ser você a se sacrificar?

— Porque fui eu quem escolheu se casar com Sienna — admiti, deixando-a boquiaberta — Já era hora de me casar,

Caterina. Em poucos anos, entrarei na casa dos quarenta. Preciso construir uma família, ter herdeiros…

— Mas acontece que a partir do momento que você se casar não poderemos mais ficar juntos. Não sei se aguentarei a saudade, Nicolo, todos esses anos fizeram com que eu me apaixonasse por você… — Ela colocou as mãos contra meu peito enquanto lágrimas de pânico molhavam seu rosto.

— Eu sei disso, Caterina. Entretanto, você sempre soube que esse dia chegaria. Nunca poderia ser seu por completo.

— Fique mais uns anos comigo, Nicolo, não se case agora, por favor! — ela implorou, chorando.

— Não posso, sinto muito, mas devo me casar com Sienna.

Soltei-a sem sutileza alguma e mantive uma distância. Detestava ver mulheres chorando em minha frente. Ficava com agonia.

— Ela é bonita? Por isto você está tão decidido a tê-la como esposa, porque gostou dela…

— Sienna é uma *Biachi* e sempre terá meu ódio, assim como todos os malditos *Biachi*. Não pretendo esquecer tudo que fizeram a minha família, a máfia Caccini todos estes anos — falei. — Mas,

sim, a acho bonita e atraente. E esse foi um dos motivos que me fizeram querer esse casamento.

— Então, você vai se divertir com a vida de casado. Parabéns, Nicolo! Desejo que tenham uma duradoura vida, longa e feliz juntos! — Caterina usou seu tom sarcástico

— Caterina, precisa saber que não irei te deixar desamparada. Eu a usei das formas que eu desejei todos estes anos, portanto, você merece ganhar algo com o fim dessa relação. Te darei uma boa quantia em dinheiro, que não te fará rica, mas te deixará amparada e sem preocupações com dinheiro por alguns anos. Não precisará mais trabalhar aqui, poderá comprar uma casa fora da Sicília e viver em paz.

— Ou seja, você está me pagando por todas nossas noites juntos. E fará isso para me ver longe daqui, não é? — Ela limpou as lágrimas, olhando-me com ódio. — Não quer que eu fique nesse bordel, pois sabe que sentirá saudades, mesmo que demore, e acabará passando por cima dos seus princípios e vindo até mim. — resmungou. — Não quero seu dinheiro. Não irei a lugar nenhum, Nicolo, ficarei para sempre na Sicília.

Limpei a garganta começando a perder o pingo de paciência que me restava.

— Na verdade, eu somente queria ser piedoso, Caterina. Não sentirei saudades e mesmo que acabe sentindo um dia, minha

honra sempre estará em primeiro lugar. Se quer ficar nesse bordel vivendo como puta para sempre, o carma é todo seu.

Dirigi-me até a porta dando a conversa por encerrada.

— Sienna nunca irá te satisfazer como eu faço... — seu grito ecoou pelo quarto.

— Pode até ser, mas isto não importará muito, porque ela continuará sendo a minha esposa e mãe dos meus filhos.

Deixei o quarto sem dizer mais nada, irritado ao extremo para continuar aquela discussão sem fundamento.

Quando saí do Alcouce estava quase escurecendo. Conferi as mensagens no meu celular, tinha uma de Tommasso me convidando para jantar em sua casa. Resolvi aceitar o convite, pois fazia tempos que não via minha irmã mais nova, Giulia. Além de Tommasso, meus pais tiveram uma menina que ficou aos cuidados do meu irmão. Giulia tinha sete ou oito anos, não me lembrava bem. Ela era uma garotinha bastante rebelde, achava que sua rebeldia era porque não aceitava bem a morte dos nossos pais, nem o fato de ter que morar com nosso irmão, Tommasso, *Don* da máfia. Ela até queria morar comigo, quando nossos pais morreram, visto que eu era seu irmão favorito, dado que Tommasso não dava atenção a menina, e não a deixava comer as coisas que queria. Meu irmão seguia uma dieta rigorosa, e obrigava todos que moravam sob seu teto a seguir o mesmo estilo de vida, esse foi um dos primeiros

motivos que me fizeram abandonar cedo a mansão da família. Infelizmente, Giulia não podia fazer o mesmo.

Assim que cheguei à mansão fui recebido por Tommasso e Kiara, que estava com um vestido um tanto largo, parecia ter engordado desde a última vez que a vi.

— Que bom que aceitou o convite para jantar Nicolo. Seja bem-vindo — cumprimentou-me Tommasso. — Precisamos conversar após o jantar.

— É urgente o assunto? — questionei.

— Não deve ser nada que não possa esperar o jantar terminar — disse Kiara, intrometendo-se. — Não me leve a mal, homens, mas é melhor deixarem as tramoias para outra hora, estou faminta e comendo por…

— Meu anjo, você sempre está faminta — Tommasso a interrompeu, rapidamente, o que me fez criar uma ruga de desconfiança na testa. O corpo de Kiara já não era mais o mesmo, seu rosto estava redondo, a barriga mesmo que o vestido disfarçasse estava pontuda…

Ela estava grávida. E por algum motivo eles queriam esconder isso todos.

— Tudo bem, Kiara, eu também estou com fome, então te entendo — respondi, abrindo um sorriso sincero. — Onde está Giulia? Ela não vai jantar conosco?

— No quarto, mexendo no computador. Pelo visto está sem fome — explicou Kiara, soltando um suspiro.

— Bom, depois passarei em seu quarto para vê-la, faz tempo que não encontro Giulia.

— Passa sim, ela vai gostar de vê-lo — respondeu Kiara, alegre.

Depois disso, fomos até a sala de jantar. A mesa estava servida e conversamos pouco durante a refeição. Após terminarmos de comer, Tommasso me chamou para conversar em seu escritório. Fui com ele até lá, curioso, para saber o que queria falar comigo.

Ele se sentou em sua mesa e respirou fundo antes de perguntar:

— Você tem visto sua noiva?

— Por acaso eu a vi hoje. A levei para fazer compras. Por quê? Algum problema nisso?

— Não, mas cuidado para não terem atitudes imprudentes, antes do casamento. Soube que preferiu colocá-la em seu

apartamento ao invés de um hotel ou pousada, e já imagino o motivo da sua atitude.

— Não sei o que está se passando pela sua cabeça, mas garanto que não precisa se preocupar. Somente cedi meu apartamento para Sienna por achar que ela ficaria mais confortável lá. Não serei imprudente, sei que precisamos esperar o casamento antes de termos relações sexuais.

Tommasso fixou o olhar em meu rosto, levou a mão à barba e a coçou.

— Espero que você realmente se comporte em relação a isso, e trate sua futura esposa bem, com dignidade, já que foi sua escolha se casar com ela.

— Farei o que eu puder para ser um bom marido, *fratello*[4], eu te juro.

— Ótimo — assentiu Tommasso. — Era só isso que eu precisava falar com você, Nicolo.

— Não tem nada mais para falar? — instiguei, coloquei as mãos nos bolsos da calça.

— Não — respondeu.

— Nem sobre a gravidez de sua esposa? — inquiri, arqueando a sobrancelha. Tommasso me fitou, surpreso.

— Como sabe? — questionou.

— É algo bem notável, difícil esconder uma barriga de grávida — falei. — Entendo que vocês estão escondendo esta informação para proteger Kiara e o bebê dos nossos inimigos, que podem querer fazer algum mal a eles. Mas, não se preocupe comigo, não irei contar nada a ninguém sobre a gravidez, e quero que saiba que fico feliz por você e ela. Vi o quanto sofreu quando perdeu seu filho quando mataram Aurora...

— Agora você me entende, não é? Preciso fazer de tudo para salvar Kiara e meu filho, não posso deixar nada de ruim acontecer com eles.

— Entendo sim, *fratello*, você faria tudo para protegê-los. Até mesmo aceitar um acordo de paz com os Biachi, mesmo os odiando.

— Exatamente — concordou Tommasso. — Sabe que eu os odeio e nunca aceitaria o acordo se não estivesse precisando muito me certificar de que nada aconteça às pessoas que amo.

— Confesso que de início não entendi o porquê aceitou, me revoltei, mas agora eu o apoio nessa decisão, irmão. Foi a melhor escolha.

Tommasso assentiu, olhando-me cúmplice.

— Nicolo, sei que já brigamos muitos e não somos os irmãos mais próximos do mundo, mas precisa saber que desejo ver sua felicidade. Espero que este casamento te traga felicidade, assim como o meu com Kiara me trouxe — falou. — Existe um lado sombrio na nossa vida e um carma ruim que nunca iremos nos livrar, pois é pacto de sangue, porém, mesmo com todo mau que nos cerca, quando se vive um amor é o mesmo que existisse uma tábua de salvação, momentos de alegria valiosos em meio a tanto tormento. Abra seu coração, e deixe Sienna entrar, garanto que não irá se arrepender.

Suas palavras me fizeram com que me sentisse estranho.

— Minha realidade é diferente da sua, Tommasso. Você se atraiu por Kiara desde o início, você a amou rápido, pois são feitos um para o outro — retruquei. — Sienna e eu não fomos feitos um para o outro. Nosso casamento foi apenas uma peça do destino. Eu não a amo, e nunca amarei. Como já te disse uma vez, e repetirei, o amor é a fraqueza do mafioso e, por isso, não pretendo amar nunca.

Tommasso suspirou e ajeitou a postura.

— Tudo bem. Não vou dizer mais nada sobre isso, pois só você sabe o que sente.

Assenti lentamente com a cabeça.

— Acabou? Pois se tiver acabado, quero ver Giulia antes de ir embora. Tive um dia longo, preciso descansar.

— Vá. Tenha uma boa noite, *fratello*, descanse!

— Você também, *fratello*!

Saí de seu escritório e passei no quarto de Giulia. Bati à porta, mas minha irmã não abriu, então acabei abrindo a porta sem permissão mesmo. Encontrei-a dormindo na cama, com notebook ligado em um filme em cima de sua barriga. Sorri, pois era bem a cara dela dormir assistindo. Não queria acordá-la, então fui até sua cama, aproximei-me dela, dei um beijo em sua testa, depois tirei o notebook de cima de sua barriga e o guardei.

Depois disso, saí de seu quarto e fui para casa. Durante o percurso, o discurso de Tommasso não saía de minha mente. Cresci escutando meu pai dizer que amor deixava os homens fracos e durante anos eu só conseguia sentir prazer na brutalidade e ódio. As únicas pessoas que amei foram meus pais, Giulia e, no fundo, Tommasso. Não me imaginava amando mais ninguém.

Nunca deixaria o amor por uma mulher me consumir igual aconteceu com o meu irmão. Nunca!



CAPÍTULO 11

Sienna

Estava no meu quarto, e Nicolo sobre mim, beijando-me, lentamente, enquanto usava suas mãos para acariciar meus seios e esfregava sua ereção próximo ao meu núcleo. Mesmo que eu me esforçasse para não gemer, era impossível, pois estava muito excitada. Meu sexo latejava e molhava cada vez mais, à medida que nosso beijo se tornava mais quente e voraz.

Ele parou de me beijar e desceu seu corpo para poder sugar meus seios. Passou a língua em volta do mamilo esquerdo enquanto me olhava. Era a visão mais erótica que já tinha visto na vida. Minha intimidade queimou de tesão. Ele abriu um sorriso de canto, pervertido, antes de descer os beijos até minha barriga até

chegar ao meu ponto fraco. Colocou a boca entre minhas pernas e sussurrou:

— Toda minha! — Sua voz saiu maliciosa e autoritária, ofeguei baixinho arqueando as costas. Ele estava prestes a me lamber bem lá…

Mas acordei antes que o fizesse.

Despertei, ofegante e suada, sentindo meu coração muito disparado. Passei a mão por dentro do meu pijama, resvalei minha até encontrar minha intimidade muito molhada. Cacete. Tinha acabado de ter um sonho erótico com Nicolo Caccini, a única explicação era que estava ficando louca, nunca que sentiria tesão por ele.

Ontem foi o dia mais absurdo da minha vida. O que ele fez comigo naquele provador foi insano… Eu não queria gozar, tentei ao máximo segurar meu orgasmo, mas não consegui, pois nunca tinha sentido nada parecido com aquilo. Parecia que quanto mais eu lutava contra, mais tinha vontade.

Realmente era complicado para mim, entender como conseguia sentir atração por uma pessoa que eu odiava com todas as minhas forças. Só podia ter algum complexo, um desejo obscuro pelo inimigo.

Levantei-me da cama, fui até o banheiro a fim de jogar água gelada no rosto e pescoço, amarrei o cabelo e escovei os dentes. Depois, fui até a sala, pensando o quanto era estranho viver em um apartamento tão grande, mas tão solitário. Como queria rever meu irmão, Giuseppe, sentia tanto sua falta…

Até das chatas das minhas irmãs, eu sentia saudade.

Soltei um suspiro e fui até a cozinha. Fiz café e o servi em uma xícara. O dia tinha acabado de começar e não tinha nem planos para ele, dado que não podia sair perambulando por aí. Mesmo livre, ainda era uma prisioneira de Nicolo, onde quer que eu fosse ele precisava permitir. Que raiva!

Depois de um tempo a campainha tocou, atendi e era um dos soldados que veio me entregar uma sacola. Peguei-a, fechei a porta e abri, animada, para ver o que tinha dentro.

Tinha um bilhete com as iniciais de Nicolo Caccini.

Aproveite seus presentes.

Era um notebook da Apple e um iPhone. Meus dedos tremiam ao tocar o celular, pois fazia muito tempo que não pegava em um.

Liguei o aparelho e coloquei os dados. Cliquei no ícone de contatos e só havia um, o de Nicolo. Revirei os olhos. Então, pensei em ligar para meu irmão, mas não me lembrava mais do seu

número de celular. Senti meu coração disparar ao receber uma mensagem.

Gostou do presente?

Era Nicolo, mordisquei o lábio pensando se o responderia ou não. Resolvi responder.

Gostei, apesar de ter apenas seu número.

Ele enviou outra rápido.

Você só precisa do meu número, de mais ninguém.

Bufei, maldito italiano. Não o respondi, fui baixar os aplicativos no celular.

Era estranho receber atitudes de gentileza de Nicolo, ainda mais depois de tantos meses, pois realmente pintei a sua imagem como se fosse um monstro sem coração, e ainda continuava com a mesma opinião. Ele até poderia estar tentando ser menos monstruoso, visto que nos casaríamos, mas nunca me esqueceria de tudo que ele me fez e de todo trauma que adquiri depois do tiro.

Antes eu era destemida e conseguia criar confiança rapidamente nas pessoas, mas daquele momento em diante não conseguia confiar nem na minha própria sombra e toda vez que

Nicolo se aproximava de mim, ao mesmo tempo em que meu corpo queimava, ele tremia de medo, era como se ele pudesse me atacar a qualquer momento. Me fazer sofrer. Por isso, até poderia perdoá-lo um dia, mas esquecer…

Jamais conseguiria!



À noite estava deitada no sofá, assistindo filme na TV, quando me assustei ao ver a porta se abrir. Meu coração disparou ao ver Nicolo passar pela porta. Sentei-me rapidamente no sofá, sentindo meus batimentos cardíacos se descompassarem. Assustei-me com sua chegada repentina ao apartamento.

— Nicolo, o que faz aqui? Está tarde! — exclamei ao vê-lo se aproximar de mim. O mafioso parecia estranho, seus olhos estavam avermelhados, mais sombrios que o normal.

— Nunca está tarde para mim, posso visitá-la a hora que eu desejar. — Sua voz saiu gélida e corrida, engoli em seco quando ele se inclinou sobre mim.

Tentei me afastar, mas Nicolo foi ágil e veloz. Ele segurou minhas coxas e me puxou para perto dele, subindo em cima do sofá em seguida, colocando-se entre minhas pernas. Senti-me estremecer com o contato do seu corpo próximo ao meu. O cheiro

que emanava dele era de álcool e cigarro. Nicolo estava visivelmente bêbado.

— Gostei do pijama — falou ao tocar a saia do meu pijama, subindo com lentidão. Seus olhos fitavam minhas coxas com desejo.

— Nicolo, acho melhor você ir embora, pois está bêbado! — murmurei quando ele aproximou sua boca do meu braço para passá-la por minha pele.

— Não pode me mandar embora, Sienna.

— Posso sim!

— Não — retrucou com rapidez, com os seus olhos pregados nos meus. — Só irei embora depois que eu tiver o que vim buscar aqui.

Um calafrio subiu por minha coluna.

— E o que veio buscar aqui?

Vi seu sorriso se abrir repleto de safadeza. E um calor perpassou pelo meu corpo.

— Você — respondeu com a voz repleta de rouquidão. Ele aproximou a boca da minha. — Preciso te provar mais uma vez.

Ele levou a mão até meu seio, tocando-me por cima do pijama, e a outra passou por cima da minha calcinha, arfei.

— Pare, Nicolo! Temos que esperar o casamento — gritou minha parte lúcida. Nicolo apoiou o rosto no meu pescoço e senti sua respiração descompassada nele. Meu ventre queimou pelo contato de seus dedos sobre meu sexo coberto apenas por uma lingerie de seda fina.

— Dane-se o casamento, em breve será minha mesmo. Por que esperar? — Sua voz pareceu suplicada. Tentei empurrá-lo, mas ele era muito forte e pesado.

— Se fizer isto, nunca irei perdoá-lo — ameacei, afastando seu rosto do meu pescoço para fitá-lo olho no olho. Ele sorriu com sarcasmo.

— Fazer o quê? Isto? — inquiriu, ao colocar a mão por dentro da calcinha, tocando-me sem barreiras com os dedos. Mordisquei o lábio para não gemer pela sensação de seus dedos sobre mim. — Porra… está molhada, caralho.

Seus dedos me masturbavam com maestria. Senti como se minha boceta pegasse fogo, ao mesmo tempo em que molhava cada vez mais.

— Pare! — pedi.

— Irei te fazer gozar novamente com a língua, Sienna. Não adianta me pedir para parar se fica cada vez mais molhada, à medida que te toco — murmurou, fazendo meu coração bater mais forte. — Eu quero vê-la se contorcendo de prazer enquanto seu corpo procura alívio. Quero lamber até a última gota do seu orgasmo.

— Para de falar essas safadezas! — grunhi, furiosa, ele como forma de castigo enfiou um dedo em minha intimidade. Senti arder e doer.

— Por quê? Tem medo de gozar somente ao ouvi-las? — ele rebateu, semicerrando os olhos. — Dói? — ele soltou a pergunta enquanto me penetrava com o dedo. Passei a mão pela sua nuca e arranhei, queria fazê-lo sentir dor assim como estava fazendo comigo.

Assenti lentamente com a cabeça, fechei os olhos.

Nicolo buscou uma posição no sofá favorável para ele, abriu minhas pernas, forçando-as a ficar abertas. Afastou minha calcinha antes de abocanhar meu sexo com a boca. Não consegui segurar o gemido. Senti meu corpo queimar de prazer, enquanto ele me chupava da forma mais devassa possível, sem tirar o dedo de dentro de mim. Era impossível descrever a sensação que sentia ao ser chupada, só podia afirmar que era uma das melhores do mundo. Fazia-me esquecer de tudo, minha mente viajava e meu corpo relaxava.

Eu me sentia uma safada, uma mulher da vida, ao gozar em menos de cinco minutos em sua boca. Estava me saindo uma pervertida.

Esperei meus batimentos cardíacos voltarem ao normal, e minhas pernas pararem de tremer. Então, Nicolo se levantou do sofá e, surpreendendo-me, desafivelou o cinto da calça, depois a desabotoou e desceu o zíper. Meus olhos se esbugalharam ao vê-lo me mostrar sua genitália…

Sentia que poderia desfalecer ali mesmo, em choque, ao ver pessoalmente um pau pela primeira vez.

Assustei-me, não somente pelo seu tamanho avantajado… E sim porque nunca tinha visto um homem nu. Fiquei boquiaberta ao vê-lo se tocar, deslizando a mão pela extensão da sua genitália enquanto me fitava com malícia.

— É a primeira vez que vê um homem nu? — inquiriu, passando os olhos pelo meu rosto, focando sua atenção em cada movimento meu.

— É!

— Então, será a sua primeira vez fazendo um gozar também — falou, fazendo-me corar.

— Não sei como posso fazer isto — admiti em um fio de voz.

— Vou ensiná-la — falou. — Eu te dei prazer e agora precisa retribuir, *ruivinha*.

Engoli em seco, sentindo borboletas voando em meu estômago.

— Como posso retribuir? — Os lábios de Nicolo se contorceram em um sorriso cafajeste.

— Fique de joelhos — ordenou.

— Não. Nunca me ajoelharei.

Seus olhos faiscaram, ele era um homem que não aceitava ser contestado.

— De joelhos, Sienna! — vociferou com a voz repleta de autoridade, fazendo-me ficar furiosa por não poder retrucá-lo. Levantei-me do sofá e assim o fiz. Sentia minhas bochechas queimando de vergonha. Nicolo inclinou o rosto para baixo e segurou meu queixo com a mão, fitando-me com luxúria.

— Agora segure-o!

Levada pela sua ordem e por um resquício de misto de curiosidade, ergui a mão e segurei sua genitália, estranhando

totalmente o contato. Era tão quente e macio.

— Agora faça assim. — Ele colocou sua mão por cima da minha, ensinando-me o movimento de masturbação, até conseguir fazer sozinha. Observei o seu rosto enquanto fazia. Vê-lo se contorcendo de prazer e um ruído escapou de seus lábios. — Use a boca agora.

— Oi? — Minha voz saiu aflita.

— Quero sentir sua boca, meu bem.

Ele segurou meus cabelos, entrelaçando a mão nos fios, impulsionando minha cabeça para frente. Coloquei a cabeça do seu pau em minha boca, experimentando pela primeira vez seu gosto. Tentei seguir meus instintos, mas era tão estranho fazer isso, que não achava que estava me saindo bem.

— Com calma, ruivinha, use a língua na cabeça — instruiu. Fiz o que pediu, passei a língua na ponta da cabeça do seu pau, sem deixar de olhá-lo. Ele rosnou, puxando com força meu cabelo. Usei a mão para masturbá-lo enquanto o lambia, até o momento em que ele pareceu se descontrolar de tesão. — Continue… Caralho… Não pare, *cadela!* — Sua voz saiu falha, sentia que ele estava perto de gozar.

Aumentei o ritmo da masturbação torcendo para estar fazendo certo. Nicolo rugiu ao ejacular em minha boca. Parecia um animal,

uma fera, tendo seu orgasmo. Seu rosto se contorceu de prazer e deleite. E quando terminou, fiquei de pé e limpei a boca. Estava pronta para correr e me trancar no quarto, para evitar mais um constrangimento, só conseguia me sentir envergonhada pelo que acabou de acontecer entre nós.

— Para sua primeira vez chupando um homem, tenho que admitir, você se saiu bem — elogiou Nicolo vindo até mim. Ele me deixava intimidada por conta de sua altura. O maldito colocou meu rosto entre as mãos. Senti seu cheiro pela proximidade. Ele fitou minha boca e passou a língua pela sua.

— Agora que já teve o que queria, vai embora? — perguntei, ansiosa.

— Eu vou, mas antes… — ele grudou sua boca na minha, pegando-me desprevenida e me deixando em êxtase. Foi um beijo lento e rápido, com uma mordida no final. — Durma bem, garota.

Dito isso, ele me soltou, ajeitou a calça e se dirigiu até a porta. Conseguia ouvir os batimentos do meu coração descompassados. Ele saiu do apartamento, deixando-me sozinha, sentindo-me culpada pelo que tinha acabado de fazer.

Sentia-me em declínio, como se estivesse caminhando para minha ruína e o pior que estava gostando um pouco do percurso.



CAPÍTULO 12

Sienna

Meses depois

Olhei minha imagem no espelho, impressionada com a beleza do vestido que escolheram para mim nesse dia. Acordei triste, como se tivesse um buraco no estômago. Sabia que essas sensações eram causadas pelo nervosismo e ansiedade, pois daqui a poucas horas aconteceria a festa de casamento.

Sim, havia finalmente chegado o dia em que eu e Nicolo solidificaríamos a nossa união diante dos membros da sociedade na capela. Mesmo com a tristeza que estava sentindo por não poder fugir do destino que me esperava, estava feliz por saber que,

finalmente, iria ver meu irmão, Giuseppe, na cerimônia. Ele que me levaria até o altar. Só Deus sabia o quanto sentia sua falta, não via a hora de vê-lo.

Durante todos esses meses fiquei no apartamento de Nicolo, quase como uma prisioneira. Foram poucas vezes que saí. Às vezes Nicolo me visitava, mas sempre estava bêbado ou somente queria uma distração na noite.

O motorista me levou até a capela. Chegando lá, todos já me aguardavam. Senti meu estômago se revirando. Olhei pela janela do carro tentando reconhecer as pessoas. Então, vi meu irmão, que saiu da igreja ao ver a chegada do carro. Ele estava mudado, o corte de cabelo já não era mais o mesmo da última vez. Meu irmão estava lindo e elegante dentro de um terno bem escolhido. Senti meu coração saltitar de alegria. Saí do carro, mas antes de poder correr até ele, um dos soldados que cuidavam da minha segurança segurou meu braço, impedindo-me. Olhei ao homem subordinado de Nicolo, enraivecida. Ele limpou a garganta e, então, disse:

— Controle-se, senhorita. — Então soltou meu braço. Respirei fundo, buscando paciência. Sabia que estávamos sendo observados. Olhei para Giuseppe, que sorriu e abriu os braços para mim, queria tanto ter corrido para ele nesse momento, mas temia ser impedida novamente, então simplesmente caminhei com graça e toda paciência, *que não tinha*, até meu irmão. Assim que parei diante dele, joguei-me em seus braços, deixando-me ser abraçada e acariciada por ele.

— Me belisca que estou sonhando. Você está mesmo aqui na minha frente — murmurei, emocionada, ele beijou a minha testa.

— Você não está sonhando, minha irmã, eu consegui salvá-la, estou aqui e nunca mais pretendo me afastar de você por tanto tempo — disse, emocionado. — Sinto muito pelo que aconteceu. Por não ter conseguido protegê-la. Eu juro que tentei de tudo para conseguir resgatá-la.

— Tudo bem, eu cometi um erro, facilitei o sequestro. Me desculpe por isso, somente eu tenho culpa nessa história toda.

Giuseppe segurou minha mão e a beijou.

— Não vamos procurar um culpado. Hoje não é dia para isto. Apesar de ter que te entregar para um dos meus inimigos hoje, temos que celebrar, pois está se casando e, agora, não há nenhum perigo, visto que a guerra chegou ao fim.

— Como posso celebrar se estou me casando com Nicolo Caccini? — Solucei, deixando uma lágrima escapar

— Seja forte, irmã. Você sobreviveu a todos os meses de cativeiro, não será seu futuro marido que irá te derrubar.

Ele tocou a ponta do meu nariz e sorriu, tentando me animar.

— Você deixou mesmo o ódio pelos Caccini de lado? Ou está fingindo? — minha pergunta saiu antes que pudesse controlar a língua

— Você já sabe a resposta, irmã. Não tem uma pessoa no mundo que me conheça melhor que você. — Sua resposta foi rápida e direta. Olhei em seus olhos e sabia que o ódio que ele sentia pelos Caccini nunca iria acabar.

— Me dê seu braço, chegou a hora de irmos, estão nos esperando — pediu e assim o fiz, depois de respirar fundo e ajeitar a postura. Juntos entramos na igreja, e todos os convidados levantaram, depois a música da cerimônia começou a ser tocada. Meu olhar se cruzou com o de Nicolo assim que coloquei o pé dentro da capela. Ele estava muito bonito, era impossível não olhá-lo. Não consegui não notar os olhares de repúdio dos convidados. Todos nos desprezavam, e com razão, pois até meses atrás éramos inimigos e estávamos em guerra. Muitas famílias perderam seus filhos, vítimas das desavenças dos Caccini e Biachi. E nesse momento tinham que comparecer e comemorar o casamento de uma Biachi. Portanto, nenhum deles queriam estar aqui realmente, estavam por obrigação.

Meu sangue gelou ao ver Tommasso junto a sua esposa no altar. Nunca tinha o visto pessoalmente. Senti minhas mãos suarem, à medida que Giuseppe apertava mais fortemente minha mão. Ele estava bem próximo ao seu maior rival. Poucos metros os separavam.

Notei a barriga de Kiara, a esposa do *Don* dos Caccini. Ela estava grávida, o que foi uma surpresa para mim, e pelo tamanho da barriga dava para se notar que ela estava prestes a dar à luz.

Assim que cheguei ao altar, e meu irmão me entregou para Nicolo, engoli em seco, sentindo um frio perturbador no estômago.

Nicolo me olhou bem de perto. Seu rosto me encarava sem demonstrar emoção alguma. E assim foi que o casório começou.

O padre falou algumas palavras, até que chegou o momento das perguntas principais. Nicolo respondeu que me aceitava como esposa, respondi o mesmo e, em seguida, fomos declarados marido e mulher. Mas o pior momento também tinha chegado, quando ele disse: pode beijar a noiva, senti meu corpo tensionar e comecei a transpirar.

O olhar de Nicolo se prendeu no meu, ele fitou meus lábios, agarrou a minha cintura e, sem cordialidade alguma, me deu um breve beijo rápido nos lábios, então me soltou.

E enquanto as pessoas em nossa volta celebravam nossa união. Nicolo se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

— Agora não há escapatória para nenhum de nós, esposa. Estou ansioso para nossa noite de núpcias, tenho planos excelentes para ela.

Prendi a respiração sentindo meu corpo estremecer. O infeliz sabia direitinho como me perturbar e me amedrontar.

Na saída da igreja, aconteceu algo inesperado. Kiara, a esposa de Tommasso Caccini, começou a ter contrações e a sua bolsa estourou. O *Don* pareceu muito preocupado com a esposa. Estava do lado de Nicolo quando tudo aconteceu.

— Meu filho vai nascer! — gritou Tommasso, sorridente, chamando nossa atenção e a das pessoas. — Preparem o carro, soldados, temos que ir para o hospital.

Fiquei perplexa com a cena, meus olhos se arregalaram ao notar o vestido da primeira-dama dos Caccini molhado. A coitada parecia sentir muita dor. Tommasso a segurou nos braços e nesse momento meu olhar se cruzou com o de Kiara, pela primeira vez.

— Nicolo, não vamos poder participar da festa, mas se divirtam bastante por nós — disse Tommasso, levando Kiara até o carro.

— Boa sorte, *fratello*. Que meu sobrinho venha com saúde — gritou Nicolo e todos se alegraram.

Ficamos observando os carros saindo para ir até o hospital.

— Não deveríamos acabar com a festa, já que seu sobrinho está prestes a nascer? — questionei-o.

— Tommasso não concordaria. Temos é que celebrar o nascimento do meu sobrinho — respondeu-me Nicolo. Logo após segurou a minha mão e disse: — Venha, precisamos chegar logo à festa.

Nós fomos até o carro e entramos. O motorista nos levou até a casa de Nicolo, onde aconteceria a festa no jardim. Senti minhas mãos suarem durante o percurso, estava um tanto ansiosa para conhecer a casa onde moraria a partir daquele momento. Nicolo foi o caminho inteiro até sua casa em silêncio, parecia preso em seus próprios pensamentos, e sequer me olhava. Ele não estava feliz com o casamento, assim como eu não estava.

A verdade era que nós dois estávamos assombrados com a ideia do: “até que a morte nos separe”.

O carro parou em frente à propriedade de Nicolo, após minutos de viagem. A casa que não era uma mansão enorme, mas tinha um bom metro quadrado ficava em uma área luxuosa da Sicília. Em frente da praia, ficava nas montanhas. Era linda por fora e estava ansiosa para ver o interior.

— Seja bem-vinda à sua nova casa, esposa — murmurou Nicolo bem próximo ao meu ouvido, senti minha pele se arrepiar. Saímos do carro e ele me conduziu para dentro da casa. — Já aviso que não é uma mansão enorme, pois prefiro espaços pequenos.

Não acho graça em uma casa enorme para um homem solteiro. Sinto como se estivesse…

— Sozinho em um espaço enorme e silencioso — completei por ele, que meneou a cabeça em minha direção. — Entendo bem como pensa, também não gostaria de uma casa enorme que estivesse vazia de pessoas.

— Exatamente. No entanto, a piscina, a área externa é bem ampla — disse, indicando a piscina com a mão, assim que entramos no jardim. Era enorme e aquecida. O jardim amplo e com uma enorme árvore com pétalas cor-de-rosa, linda. A área externa estava toda decorada. O buffet e os músicos estavam todos aqui. Como o casamento aconteceu pela manhã, Nicolo e eu achamos melhor fazer a festa no jardim, onde aproveitaríamos melhor a paisagem da praia.

Os convidados começaram a chegar e nos cumprimentar pelo casamento. Notei vários sorrisos falsos dos *capos* e suas esposas.

— Parabéns pelo casamento, senhorita Caccini — cumprimentou-me uma das convidadas. — A festa está belíssima, igual à senhorita, adorei a escolha do vestido, uma pena que o penteado não valorizou seu tom de pele.

Ela abriu um sorriso amarelo que eu retribuí com a mesma desfaçatez.

— Que bom que está gostando da festa. A senhora também está linda, e o seu vestido… belíssimo, uma pena que a marcação dele na sua barriga desvaloriza o conjunto da obra.

Seu sorriso morreu na mesma hora e eu continuei sorrindo, plena.

— Vou tomar um ponche, com licença.

Dito isso, secamente, ela saiu e outras pessoas vieram nos cumprimentar. Depois que terminaram os cumprimentos, soltei um suspiro de alívio. Estava cansada de sorrir e agradecer.

— Preciso de uma bebida — disse Nicolo. — Já volto.

— Espere, eu também vou procurar algo para beber e comer — falei.

— Você pode fazer isto sozinha, esposa. Preciso também de alguns minutos sozinho, sem ninguém, inclusive você por perto — Nicolo soou ríspido, fazendo-me cessar os passos. Ele saiu andando para longe de mim e dos convidados. Vi quando tirou um cigarro do bolso e acendeu enquanto andava.

Por mim, ele poderia ir para o quinto dos infernos que não faria falta alguma. Maldição.

Fui até a mesa de comidas e bebidas e me servi. Depois de terminar de comer, decidi ir ao banheiro. Na verdade, queria também trocar essa roupa, vestir a segunda opção de vestido de festa, pois o de noiva já estava me deixando com calor.

Fui em direção à casa quando alguém esbarrou em mim. Foi uma mulher. Ela derrubou sua bebida no meu vestido.

— Meu Deus, me perdoe! — falou, fingindo que foi sem querer o que acabou de fazer. — Juro que não tive a intenção, querida…

Olhei o vestido que ficou manchado de vinho e bufei, furiosa.

— Tudo bem, *querida*, não se preocupe com isso.

Juro que precisei ter muito autocontrole nesse momento para não surtar com a mulher. Era óbvio que todas elas estavam fazendo isso comigo, tratando-me mal por eu ser uma Biachi. Eles fingiam aceitar bem o casamento, mas, no fundo, queriam me ver sofrer.

— Posso ajudá-la a limpar, senhorita Caccini.

Ela tentou se aproximar de mim, fingindo simpatia, ergui a mão fazendo sinal para não chegar perto.

— Por favor, não me toque, pois se o fizer terei que pedir para que se retire da festa.

Ela me olhou, chocada, com minha atitude e coragem de falar algo assim.

— Você ousaria me expulsar da sua festa de casamento por uma besteira dessa? Senhorita…

— É claro que ousaria. O que você fez, foi uma ofensa, derrubou seu drink em mim por vontade própria. Não adianta mentir e dizer que não teve a intenção, pois sei que fez de propósito, senhora.

Ela me olhou com raiva e indignação.

— Ora, menina…

— Menina não, senhorita Caccini. Sua anfitriã e a mais nova dona dessa casa, onde você está como convidada — rebati dando um passo à frente para encará-la. — Posso parecer, senhora, mas não sou nada boba, consigo perceber de longe sua desfaçatez. Sei que vocês não estão aceitando bem o fato de uma Biachi ter se casado com um Caccini, mas não permitirei que ninguém me maltrate, entendeu?

— Você enlouqueceu? Por Deus! Estou tão envergonhada com essa situação, nunca pensei que seria tão humilhada assim…

— Senhora, não se exalte, apenas ganhou uma reprimenda. — Abri um sorriso sarcástico. — Se ficar muito exaltada terei que pedir

para os soldados retirá-la da festa…

— Duvido que faria isso de verdade, menina. Nicolo saberá desse seu ultraje!

Ela empinou o queixo, olhando-me com os olhos fervendo de raiva.

— O que eu saberei? — Levei um susto ao ouvir a voz de Nicolo atrás de mim, já a mulher pareceu aliviada e abriu um sorriso demoníaco para mim, antes de mudar a expressão para tristeza. Que falsa! — O que está acontecendo, Sienna?

Senti um calafrio me tomar, quando me virei e fitei Nicolo.

— Eu… — estava prestes a começar a falar, mas fui interrompida pela mulher:

— Senhor Caccini. Peço desculpas ao senhor por essa situação constrangedora. Sem querer, derrubei vinho no vestido de sua esposa, mas ela não aceitou bem, mesmo eu me desculpando pelo ocorrido, Sienna ameaçou me expulsar da festa, foi muito rude comigo… Nunca passei por isso antes.

Nicolo semicerrou o olhar, passando de mim para a mulher. Engoli em seco, e abracei meu próprio corpo com medo de que ele acreditasse nela e descontasse em mim.

— Senhora Barone, acredito que talvez a senhora tenha manchado o vestido da minha esposa de vinho por puro desastre. Não precisa alardear. No entanto, entendo o motivo de minha esposa não ter gostado da sua atitude, mesmo tendo sido sem intenção, pois é o seu vestido de noiva que agora está manchado. Portanto, acho justo Sienna decidir se a senhora pode ou não continuar na festa.

Fiquei de queixo caído com as palavras de Nicolo, assim como a mulher.

— Mas… Senhor, somente eu vou me desculpar? E a grosseria com que sua esposa me tratou?

— Minha esposa não se desculpará por coisa alguma — respondeu Nicolo, impaciente, deixando-me impressionada e aliviada. — Vamos, peça desculpas se quiser continuar na festa.

A mulher me olhou com os olhos brilhando de raiva e furor.

— Desculpe, senhorita Caccini. Garanto que não vai acontecer novamente — resmungou a mulher. — Agora se me dão licença, vou pegar mais um drink, já que o meu derramou…

Ela saiu o mais rápido que pude de perto de nós, muito envergonhada. Após isso, Nicolo segurou meu braço e me puxou para longe dos olhares das pessoas. Levou-me para um canto da casa que ainda não conhecia, parecia com um escritório.

Nem deu tempo de entrarmos no cômodo, ele me prensou contra a parede, colando seu corpo no meu, impedindo-me de me mexer.

— Olha, *amore*, vamos deixar claro uma coisa, mesmo não estando feliz com nosso casamento, ele foi uma opção minha, e agora tenho que arcar com as consequências. Você é esposa e eu tenho o dever de protegê-la e defendê-la. Contudo, tente ter mais paciência com as convidadas e não arrumar intrigas com nenhuma delas, pois fazendo isso você me coloca em uma situação complicada.

— As pessoas estão me maltratando e você quer que eu faça o quê? Sorria para elas e ofereça mais uma bebida para derramarem em mim!?

Empurrei seu peito, irritada, por ele estar me culpando pela confusão que a convidada escrota causou.

— É o que uma mulher da sua posição tem que fazer.

— Dane-se minha posição. Quem tentar me humilhar vai ser humilhado três vezes pior. E se quiser me castigar por isso, vá em frente — bradei em frente ao seu rosto. Nicolo me olhou de forma intensa. Ele pareceu surpreso por confrontá-lo. — Eu não quero e nem vou mais abaixar a cabeça para ninguém, Nicolo!

Ele ergueu a mão e fechei os olhos temendo o pior, mas ao senti-lo tocar a minha bochecha, reabri os olhos.

— Gosto desse seu lado forte, Sienna. Ele me excita bem mais que sua submissão. — Sua voz saiu rouca e murmurada. — Faltam cinco horas para estarmos a sós, na nossa noite de núpcias. Até lá, tente não se meter em confusão.

— Você está contando as horas para nossa noite de núpcias? — questionei, surpresa, ele me olhou com atenção.

— Estou contando até os segundos para a hora que finalmente será minha por completo! Sua declaração me deixou com o coração palpitando ao mesmo tempo em que meu ventre esquentou em expectativa.



CAPÍTULO 13

Nicolo

Horas antes do casamento, já tinha certeza de que um dia eu teria um câncer, talvez em muito breve, levando em consideração a quantidade de cigarros que fumei, mas nenhum conseguiu me desestressar e tirar a ansiedade que me consumia.

Nunca pensei que esse dia chegaria tão rápido, o dia que me tornaria um homem casado. Porra, não estava nada feliz com isso, e meu único desejo era beber até me esquecer do meu nome, mas Tommasso ordenou que eu me controlasse, ou seja, nada de beber para não agir como um completo imbecil no dia do meu casamento.

A igreja estava lotada de convidados, tinham Caccini's e Biachi's misturados por todo local. Nunca pensei ver isso um dia, meu irmão e Giuseppe no mesmo ambiente, sem qualquer perigo de um matar o outro, ou ter uma chuva de carnificina. Percebi que os membros da nossa máfia, a alta sociedade Siciliana, não estavam contentes com este casamento, claro que o fim da guerra trouxe alívio para todos, mas dividir o pão, o vinho, com nossos inimigos e, ainda por cima, ter uma Biachi entrando para a máfia e se casando com o subchefe, era algo que eles demorariam aceitar totalmente.

Depois de uma hora esperando por Sienna no altar, já estava ficando estressado e ansioso. Ao mesmo tempo em que estava surtando por dentro, por fora, precisava parecer controlado. Quando a música começou a tocar e os convidados ficaram de pé, sabia que era chegada a hora. Direcionei meu olhar para entrada da igreja e, então, a vi com seu maldito irmão, mas nem reparei nele, porque para mim foi como se ela estivesse caminhando sozinha. Sua beleza roubou todo meu olhar. Ela estava perfeita, seu vestido de noiva era o mais lindo que já vi na vida. Por Deus… só consegui me imaginar tirando-o de seu corpo, abrindo o zíper lentamente e descobrindo qual a lingerie que usava por baixo. Ficaria grato se não estivesse usando nada, isso facilitaria bem as coisas. Seu rosto estava lindo, maquiado e iluminado. Apesar de os olhos tristes por estar se casando por obrigação, ainda assim, parecia um raio de luz. Fiquei impressionado com sua beleza, com a forma que o cacho ruivo escapava do penteado e caía em seu rosto. A forma que seus olhos verdes me fitavam ansiosos. Senti uma emoção descomunal

me tocar, ao mesmo tempo um incômodo, pois não conseguia parar de olhá-la. Meu coração chegou a bater descompassado.

Isso não era nada bom.

Após a cerimônia, na festa, eu vi quando ela discutia com uma das convidadas. Já imaginava que teria algum problema desse tipo, visto que as pessoas da nossa máfia a desprezavam por ser uma Biachi. Fiquei furioso ao ver a mancha que a mulher deixou no seu vestido, que havia gostado tanto nela. Eu a defendi, era o meu dever fazê-lo. Nunca vi Sienna tão furiosa, como ficou com a mulher, e corajosa. Ela sabia que não era o certo bater boca com convidados, mesmo que fossem indesejados, mas mesmo assim o fez, e não sei o porquê gostei da sua atitude de não baixar a cabeça para a senhora que fez aquilo de propósito.

Iria me certificar de que isso não acontecesse mais. Todos *capos* concordaram com o acordo que acabaria com a guerra. Não podiam maltratar Sienna. Ela era minha mulher e devia ser respeitada por todos, quem ousasse passar por cima disso teria o pior destino.

Depois de ter terminado de falar com Sienna, pedir para ela se controlar com os convidados para evitar desavenças, e também confessar que estava ansioso para nossa noite de núpcias, saímos do escritório e voltamos para a festa.

Fui pegar mais um drink, quando vi Andrea se aproximar de mim.

— Tem notícias de Kiara e o bebê? — quis saber.

— Ainda nada. Mandei mensagem para Tommasso, pedi para que me ligasse e desse notícia.

— Espero que fique tudo bem e que o bebê venha com saúde — comentou ao sorver um gole da bebida. — Acabei chegando um tanto atrasado ao seu casamento, tive um imprevisto com os meus soldados. Bom… meus parabéns pela sua união, torço para que vocês sejam felizes e tenham um casamento duradouro.

Enchi uma taça com vinho e tomei de uma vez, antes de falar qualquer coisa.

— Torce mesmo? Pois se me lembro bem, você foi um dos primeiros a se oferecer para se casar com Sienna — lembrei-o, ríspido, Andrea sorriu e tocou meu ombro.

— Ora, Nicolo, somente não considerava um sacrifício tão grande se casar com uma mulher tão bela como sua esposa, por isso me ofereci. Não precisa ter ciúme de mim, meu caro.

Tirei sua mão do meu ombro e o olhei com frieza.

— Nunca teria ciúme de você, ainda mais porque agora Sienna é toda *minha*. Aliás, saiba que se eu pegar um olhar indecente seu para ela, arrancarei seus dois olhos.

Ele riu.

— Cacete, se depender de mim agora nunca olharei para a sua esposa, já os outros homens… — ele tentou me provocar e conseguiu. — É com os outros homens desconhecidos que tem que ter cuidado, não comigo, nunca olharia com malícia para a mulher de um amigo.

— É melhor estar sendo sincero, Andrea. Sobre os outros homens, o primeiro que eu vir babando pela minha esposa, eu mato.

Enchi novamente minha taça, respirando fundo, tentando me manter tranquilo. Mas algo em mim não me deixava ficar calmo, somente em imaginar outros homens babando por minha ruiva, imaginando besteira com ela, eu sentia vontade de esfolar alguém vivo.

— Então se prepare, meu caro, pois matará muitos homens ao longo da sua vida de casado! — retrucou ele, rindo provocativo — Agora, vou falar com Lorenzo, até mais!

Estava pronto para voltar para perto de Sienna, quando novamente alguém interrompeu meus planos. Era Claudia, minha governanta.

— Senhor Caccini, desculpe atrapalhá-lo, mas preciso saber se uma mala com roupas é o suficiente para o senhor levar para a lua de mel com sua esposa.

— Uma mala é o suficiente, Claudia, pois se precisar posso comprar roupas lá — respondi. — Talvez a viagem atrase dois dias, por conta do nascimento do meu sobrinho.

— Sim, imaginei que haveria atraso quando soube — disse. — Bem, me informe se precisar de mais alguma coisa, senhor. Estou ansiosa para conhecer a nova senhora da casa.

— Senhorita — a corrigi, e ela limpou a garganta,

— Claro, senhorita. Desculpe, foi força do hábito, acabo me esquecendo de que a senhorita Sienna ainda é uma moça muito jovem.

— Não tem problemas, Claudia, em breve se acostumará, e tenho certeza de que vocês se darão muito bem. Agora se me der licença, vou procurar minha esposa.

Estava pronto para sair à procura de Sienna, no entanto, Claudia continuou:

— Desculpe, senhor Caccini, só mais uma coisa que preciso falar com senhor. Vou precisar fazer umas trocas nos funcionários

da casa, alguns estão dando problema.

— Faça o que achar melhor, Claudia, contrate e descontrate quem desejar. Era só isso?

— Sim, senhor — respondeu, gentil. — Aproveite a sua festa de casamento, tenha um bom dia!

Finalmente pude ir à procura de Sienna, a vi de costas para mim, usando um vestido limpo e mais confortável, conversando com Lorenzo. Ela estava rindo de algo que ele falava, nunca tinha visto um sorriso tão aberto e sincero dela, nem para mim. Senti como se tivesse levado uma agulhada no estômago. Não gostei nada de ver a proximidade dos dois.

Cheguei por trás de Sienna, ela não me viu, mas Lorenzo sim, no entanto, não contou a ela que me aproximava. Passei a mão pela cintura de Sienna e sussurrei no seu ouvido, fazendo-a se assustar:

— Posso saber qual o motivo da risada? — Senti o cheiro do seu cabelo, era magnífico, depois fuzilei Lorenzo com o olhar.

— Nada, estava apenas comentando com sua esposa o quanto essa festa está parada. Está parecendo um velório e não um casamento.

— E onde isso é engraçado? — Arqueei a sobrancelha em questionamento. Sienna meneou a cabeça na minha direção.

— Digamos que ele estava fazendo piada com as caras de luto dos convidados. Lorenzo queria apostar que até o final da tarde eles estarão tão bêbados e que só assim começarão a aproveitar a festa, já eu discordei, disse que depois de bêbados vão querer ir para casa dormir e falar mal da nossa união.

Ela sorriu depois de me contar e olhou em direção ao Lorenzo.

— Espero que eu esteja certo — disse Lorenzo.

— Sinto muito, mas não estará — rebateu Sienna, olhando-o desafiadora. Soltei um pigarreio.

— Já eu tenho certeza de como vai acabar essa festa — falei, fazendo os dois prestarem atenção em mim. — Comigo, mandando todos embora da minha casa, para poder ficar a sós com a minha esposa, sem ter que aturar nenhum filho da puta de gracinha com ela na minha frente.

Sienna arregalou os olhos, chocada, ao mesmo tempo em que Lorenzo já me conhecendo achou uma forma de sair rapidamente de perto de nós.

— Vou… dar uma volta — disse ele, antes de sair, deixando-nos sozinhos.

Virei Sienna, fazendo-a ficar de frente para mim. Agarrei sua cintura, sentindo seu cabelo longo tocar minha mão.

— O que foi isso? — questionou ela, parecendo envergonhada pelo que acabou de acontecer. — Precisava mesmo fazer aquilo?

— Precisava. Não quero ver você de risinho com nenhum outro homem, ainda mais Lorenzo. Está proibida.

— Qual o problema de sorrir em meio a uma conversa? Você é doente? — Ela semicerrou os olhos.

— Acontece que você nunca sorriu para mim durante uma conversa.

— Deve ser porque você nunca falou nada que eu considere engraçado. E em todas nossas conversas ou estamos discutindo, ou calados aturando a presença um do outro.

— Não importa, se eu não te faço sorrir outro também não pode fazer. — Minha voz saiu resmungada. Aproximei meu rosto do seu pescoço, fazendo-a se arrepiar.

— Isso soou muito egoísta.

— Eu sou egoísta — respondi, sarcástico. — Não gosto de dividir nada que é meu. Deixaria o mundo queimar só para proteger quem me tem importância.

O olhar de Sienna estava intenso, preso ao meu, depois de tirar o rosto de perto do seu pescoço.

— Olha, eu sinceramente não sei como lidar com isso, Nicolo.

Tirei a mão da sua cintura e a coloquei em sua nuca, segurando-a.

— Somente me obedeça e, talvez, assim nosso casamento dure muitos anos, sem que eu tenha o desejo de matá-la.

Ela estalou a língua e abriu um sorriso.

— Não lhe prometo nada — falou. — Quantas horas faltam para podermos dar um fim a essa festa?

— Nenhuma. Cansei de esperar, vamos ir embora agora mesmo — decretei, soltando-a e pegando meu celular.

— Embora para onde, se estamos em casa? — questionou.

— Você já vai entender — falei e fiz uma ligação. — Prepare o iate, vamos usá-lo hoje.



Sienna

Nicolo e eu nos despedimos dos convidados, pegamos uma muda de roupa para passarmos a noite em seu iate. Sim, ele tinha um iate… Era impressionante que não conhecia e não fazia ideia do tanto de dinheiro que Nicolo possuía. Eu sabia que os *Dons* costumavam ser riquíssimos, ganhavam muito com seus negócios, e deveria imaginar que Nicolo tinha quase o mesmo nível de vida que Tommasso, por ser o subchefe e irmão ao mesmo tempo.

Despedi-me do meu irmão antes de sair da festa. Ele me passou seu número de telefone sem que Nicolo visse. Não achava que iria me proibir de falar com Giuseppe desse momento em diante, já que a união entre as duas máfias aconteceu, mas temia que não me deixasse pegar seu contato.

Chegamos ao iate, fiquei impressionada com o tamanho. Já tinha entrado em um antes, o da minha família, mas não chegava nem perto do tamanho do de Nicolo.

Estava tão nervosa, pois sabia o que iria acontecer daqui a pouco quando ficasse a sós com Nicolo. Na adolescência, minha mãe conversou comigo sobre sexo, como acontecia, após eu ficar mocinha. Já tinha feito muitas coisas com Nicolo, já entendia pelo menos o básico de preliminares, mas não era a mesma coisa que o sexo em si. Bom, o que estava me amedrontando, além de o fato de ter que me entregar para o homem que odeio, era que sentiria

dor, pelo que minha mãe falou, a mulher sofria muito na primeira vez. E se Nicolo não fosse gentil e paciente… estava ferrada!

Senti meu corpo ficar tenso, enquanto ele me mostrava todos os cantos da embarcação, não conseguia responder nada, estava presa nos meus pensamentos perturbadores. Ele me levou até o quarto onde passaríamos a noite, era uma enorme suíte luxuosa, com vista para o mar.

— Sienna, está me ouvindo? — perguntou Nicolo, tirando-me dos meus pensamentos. Virei-me para olhá-lo.

— Sim, claro — respondi.

— Gostou da instalação? — perguntou ele.

— É enorme… — comentei, tentando disfarçar meu nervosismo.

— É porque ainda não viu o banheiro — disse. — Falando nele, vou tomar um banho. Já volto.

— Também vou tomar um banho, irei usar o banheiro do quarto ao lado, já que o deste você vai ocupar!

— Ou melhor, podemos aproveitar a piscina do iate. O que acha?

Ele estava prestes a se aproximar de mim, mas aumentei a distância entre nós. Adorei sua ideia, o quanto eu pudesse atrasar o fato de ficarmos sozinhos aqui seria melhor.

— Acho uma ótima ideia. Vou vestir um biquíni.

Ele assentiu e seu celular começou a tocar, então ele saiu para atendê-lo. Fiquei sozinha no quarto, fui à procura da minha mala para poder vestir a roupa de banho. Depois de vestida, prendi o cabelo e fui atrás de Nicolo. Ele estava na sala, falando com alguém ao celular. Aproximei-me lentamente e me escondi atrás da parede para que ele não me visse. Seu tom de voz estava exaltado, e ele parecia muito irritado com algo, ou alguém.

— Já disse para não me ligar mais, porra, sou casado agora. Fique longe do meu caminho, entenda que o que existiu entre nós *acabou!*

Meu corpo estremeceu, ele estava furioso e pelo que entendi se tratava de uma mulher com quem ele se relacionou antes do casamento.

— Saia de trás da parede, Sienna. Sei que está aí. — A voz de Nicolo estrondou pelo cômodo, fazendo meu coração sobressaltar de susto.

Fui pega no flagra, ouvindo sua conversa!

Mio Dio!



CAPÍTULO 14

Sienna

Respirei fundo e saí de trás da parede. Senti um calafrio invadir meu estômago assim que os olhos de Nicolo pousaram no meu, repletos de escuridão e destruição. Abracei meu próprio corpo, amedrontada. Sentia um medo insano quando ele me olhava assim, pois me lembrava do dia do tiro.

— Está com medo de mim, Sienna? — perguntou ao se aproximar de mim em passos lentos. Ele me mediu de cima a baixo, com seu olhar semicerrado.

— Não — menti. Ele parou diante de mim e esticou a mão, tocando a parte da frente do meu pescoço.

— Não irei te fazer nenhum mal, *ragazza*. Não é com você que estava irritado, embora sua pequena curiosidade também tenha contribuído para o meu estresse — murmurou, seu olhar se suavizou aos poucos, com isso perdi o medo. — Não precisa temer.

— Não consigo. Toda que você está com esse olhar sombrio é como se eu voltasse àquele dia. Como se sentisse o tiro outra vez em mim.

Levei a mão até o local onde o tiro atingiu e o vi engolir em seco.

— Nunca mais farei aquilo, a não ser que mereça — sua resposta era para me causar alívio, só que não senti nada. — Sempre fui intempestivo e nunca me importei com a força que meus atos tinham, nunca me arrependi de nada, até agora. Porque detesto não poder reverter o que fiz, ver o medo estampado em seus olhos verdes só mostra que não adianta o que eu faça, ou quantos bons atos eu tenha, sempre serei um monstro para você.

Abri a boca e tentei falar algo, mas minha voz não saía, estava muda, completamente atônita. Sentia o cheiro de Nicolo tão forte em minhas narinas, ao mesmo tempo em que o peso da sua respiração tocava meu rosto. Ele contorceu a face e soltou um rosnado baixo.

— Foda-se, não sei por que merda estou me justificando para você, não me importo se me odeia ou me acha um monstro.

Mordisquei o lábio inferior, fitando-o com desdém.

— Se não se importasse não se justificaria e nem falaria que se arrepende — respondi. — E tudo isso não importa mais, mesmo que eu perca meu tempo te odiando não adiantaria de nada, não faria o tempo voltar para podermos ter um recomeço e apagar todo passado. Agora somos marido e mulher, podemos não ser a companhia preferida um do outro, mas teremos que nos aturar.

— Eu diria que já convivi com gente pior que você, ruivinha — retrucou ele, abrindo um sorriso presunçoso. — E sim, talvez, bem lá no fundo, eu me importe com o que acha de mim. Bem lá no fundo, eu desejo que me olhe com outros olhos. Todas as mulheres com as quais eu me relacionei na minha vida me olhavam com admiração, além de respeito, e submissão. Você me olha com medo e rancor.

— A admiração que você tanto gosta não pode ser ganhada da noite para o dia. As mulheres que você viu te olharem assim admiram seu poder, riqueza, beleza e juventude, menos a pessoa que você é de verdade. E, hoje, pela primeira vez admirei sua atitude, em me defender da mulher, você me respeitou, não deixou ela continuar a me ofender.

Nicolo puxou minha cintura ao mesmo tempo em que se curvou para segurar minhas pernas e assim me pegar no colo. Soltei um grito de surpresa.

— Caralho, chega dessa conversa, estou ficado excitado ao ver você falar, ainda mais estando vestida só com este maldito biquíni — disse, sorri com lábios fechados e me agarrei a ele. — Lembre-me de rasgá-lo antes que queira levar para nossa viagem ao Bahamas. Não quero que use nenhum que marque seus mamilos e sua boceta como este em seu corpo…

— É normal os biquínis ficarem assim, tem que se acostumar — falei achando graça no seu ciúme.

— Não importa, nem que eu tenha que te vestir como uma senhora, não vai usar biquínis assim, jamais.

Ele caminhou comigo até a piscina, carregando-me como se eu fosse uma boneca de pano, sem peso nenhum. Chegando lá, quando vi que ele se aproximava muito da piscina, comecei a me debater.

— Nicolo, me solte, é sério, não me jogue na água, deve estar um gelo!

— Está nada, tem aquecedor, *bambina*. Não se preocupe.

Tentei me agarrar nele, mas com um simples soltar de braço pararia na água.

— Nicolo! Por favor, meu cabelo está tão impecável…

— Só tem nós dois aqui, *bambina*, não precisa se preocupar com a aparência, até porque você fica deliciosa de qualquer maneira.

Dito isso, o maldito italiano me soltou, fazendo-me cair igual bosta na água, *literalmente*. Assim que senti meu corpo colidir com a água, fiquei aliviada pela água estar de fato morna, fui parar o fundo e nadei de volta à superfície. Fitei Nicolo fingindo estar furiosa e comecei a jogar água nele, que ria de mim.

— Seu babaca! Como que você faz isso, seu maluco!

— Para de jogar água, *amore mio*, está molhando tudo!

Juro que senti uma fisgada no estômago ao ouvi-lo me chamar de *amore mio* como se fosse algo natural.

— É para molhar mesmo — rebati, empinando o queixo. — Vamos, entre na água, seu italiano canalha!

Ele cruzou os braços tornando sua postura mais autoritária.

— Italiano canalha? Olha bem como fala, *bambina*!

— Pare de me chamar de *bambina*, não quero que este se torne meu apelido!

Ele sorriu sem mostrar os dentes.

— Poderia chamá-la então de minha *piccolo* — respondeu com sarcasmo. — O que acha?

— Não combina comigo, sou alta, não baixa. Não tenho culpa de você ser enorme.

— Tenho 1.92, para mim você é uma *piccolo* — retrucou, provocando-me.

— Você vai entrar na água ou não?

Arqueei a sobrancelha em questionamento. Nicolo coçou a barba antes de concordar e começar a tirar a roupa. Ele tirou tudo, menos a cueca. Quando terminou de se despir, passou a mão pelo cabelo, vi seus músculos se contraírem, as tatuagens brilharam sobre a luz, cada uma parecia ter um significado diferente, eram tantas que não conseguia nem contar. Sua barriga era tão definida e seu queixo trincado. Senti um calor se espalhando por minha barriga ao observá-lo.

Por que infernos ele tinha que ser bonito? Se fosse pelo menos um vesgo, com aparência estranha, gordo em cima e magro embaixo, com cabelo curto e dentes tortos, facilitaria muito minha vida, no entanto, o diabo gostava de fazer esses mafiosos de caráter duvidoso, mas com beleza exorbitante somente para complicar a vida de nós, mulheres.

— A vista de excita, Sienna?

Quase me engasguei ao escutar sua pergunta.

— O quê?

— Você está comendo meu corpo com os olhos. — Ele alongou os ombros. — Queria saber o que pensa enquanto olha. Dou um milhão de euros pelos seus pensamentos.

Depois de falar, ele pulou na piscina, fazendo a água saltar por conta do peso do seu corpo. Observei-o dar uma volta na grande piscina nadando, como se o tamanho dela fosse curto, até que, finalmente, apareceu à minha frente.

— Um milhão é muito pouco, se fosse três eu pensaria se falaria ou não — falei.

— Três então. — Sua voz se tornou mais rouca e intensa, acabei ficando um pouco acanhada. Nicolo se aproxima de mim aos poucos, até seu corpo estar colado no meu. Ele passou a mão pelas minhas costas enquanto a outra apertou minhas nádegas.

— Posso te fazer uma pergunta? — Minha voz saiu baixa e cautelosa.

— Faça!

Senti sua mão alisando minha bunda e a que estava nas costas, ele levou até meu seio, colocando-a por dentro do biquíni. Cerrei os punhos, para controlar a vontade que estava de também explorar seu corpo e tocar sua pele. Queria sentir seus músculos, passar a mão pelo seu peito até sentir seu coração batendo contra a palma.

— Você vai ser gentil comigo?

Nicolo me fitou, confuso.

— Por que está me pedindo isso?

— Só me diz que vai ser gentil, na hora…

Não consegui completar, senti minhas bochechas queimarem, Nicolo percebeu no mesmo instante sobre o que estava falando.

— Não sei ser gentil, *bambina*. — Ele colocou a mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, depois inclinou e aproximou sua boca dela, onde mordeu a ponta, senti meu corpo se arrepiar por completo. — Mas garanto que farei lento, bem gostoso, com toda calma do mundo, menina.

Passei as mãos pelos seus braços, arranhando-o, enquanto ele mordia minha orelha, depois salpicava beijos pelo meu pescoço. Senti suas mãos na minha coxa após um tempo. Ele segurou-as e

impulsionou para cima, em seguida aproximou a boca da minha, olhando-me com os olhos escuros e intensos disse:

— Me beije, agora, *ragazza*!

Obedeci ao seu pedido sem resistência. Beijei-o, ele retribuiu com fogo e intensidade. Senti seu pau em mim, cutucando-me e me excitando cada vez mais. Caramba, era tão gostoso ser beijada com vontade e sentir nossos corpos, bocas, línguas em uma perfeita sincronia. Poderia me viciar facilmente nisso. Sim, eu podia detestar Nicolo, já o seu beijo… sua chupada lá… não detestava nem um pouco.

O beijo começou a esquentar de maneira gradativa, quando dei por mim, ele já estava me levando para a ponta da piscina e me colocando em cima do parapeito. Nicolo separou minhas pernas e se posicionou no meio delas. Passei a mão pela sua nuca, depois toquei seu cabelo, fazendo carinho em sua cabeça enquanto nos beijávamos. Ele parecia estar gostando, até que do nada levou a sua mão até a minha, que estava fazendo carinho nele, e a tirou de lá.

— Arranhe as costas — mandou, ao posicionar minha mão em suas costas. — Forte, bem *forte*.

Estranhei seu pedido.

— Não quero te machucar.

— Não vai. Faça o que peço, *ragazza*!

Bem, se era o que ele queria, o fiz. Senti excitação ao escutar seu grunhido de prazer.

Nicolo passou as mãos pelas minhas coxas, apertando a pele com força, que me fez arfar de dor.

— Vou pegar algo para bebermos. Gosta de champanhe? — perguntou.

— Gosto.

Ele assentiu e, então, saiu da piscina, não se importando por estar molhando tudo. Senti a brisa do mar, estava começando a esfriar. Fiquei observando a lua e as estrelas, enquanto Nicolo não voltava.

Poucos minutos depois, ele voltou, trazendo com ele uma bandeja com a garrafa de champanhe, as taças e gelo. Ele colocou a bandeja no chão e se sentou ao meu lado. Pegou uma das taças e serviu o champanhe, depois me entregou.

— Experimente, é o meu preferido.

Sorvi um gole da bebida, sentindo as bolhas estourando na minha garganta e o sabor forte e marcante do champanhe em minha

língua.

— É bom, muito bom — respondi, tomando mais um gole.

— Sabia que iria gostar.

— Não vai beber? — questionei. Nicolo levantou a mão e limpou o canto da minha boca, que escorreu um pouco de bebida com o dedo, depois o lambeu.

— Sim, mas de outra forma.

Meu cenho franziu.

— Qual forma? — minha pergunta saiu em um fio de voz.

— Assim. — Ele me fez deitar no chão, então pegou o champanhe e tomou um gole, à medida que ele me olhava, vi-o derramar o champanhe na minha barriga. — Vou beber em você este champanhe todo.

Senti uma fisgada em minha intimidade, fiquei molhada. Mordisquei a boca olhando Nicolo, não esperava por isso, ele me surpreendeu com essa atitude.

— Vamos fazer isso aqui? E se o comandante…

— Ele é profissional, não se preocupe, meus funcionários são bem pagos para cuidarem apenas de suas vidas e não observar a minha — explica antes de beber um gole do champanhe e me dar um beijo molhado. Sinto o gosto da bebida em nossas bocas se misturando. Coloquei a taça de champanhe sobre a bandeja. Nicolo apoiou os dois braços ao lado do meu corpo, então aprofundou o beijo. Senti uma intensidade avassaladora entre nós, naquele instante, o frio em minha barriga só aumentava, meu coração estava acelerado e meus sentidos apurados.

— Poderia passar a noite inteira beijando essa sua boca, *bambina* — murmurou entre meus lábios, sua respiração estava pesada em meu rosto, fiquei ofegante assim como ele após cessar o beijo.

— Minha pele está grudando por culpa do champanhe — reclamei, olhando-o, seus olhos estavam semicerrados enquanto fitava-me.

— Deixe que eu limpo para você — falou, após desceu o corpo, até que sua boca alcançou minha barriga. Ele me olhou por um instante, com os olhos maliciosos, senti minha intimidade pegar fogo, quando o vi molhar a boca com a língua, então passou ela sobre minha barriga. Minhas costas se curvou instantemente, uma onda de calor e calafrios se espalhou pelo meu corpo. Nicolo lambeu toda a pele molhada por champanhe lentamente, até chegar aos seios, onde segurou novamente o champanhe e derrubou neles. — Apetitosa demais, porra! — rugiu, com seu rosto de contorcendo

de prazer, olhando meus mamilos. A água gelada da piscina tinha feito com que eles ficassem eriçados. — Você me enlouquece, Sienna…

Fechei os olhos ao vê-lo tocar um de meus mamilos por cima do biquíni. Mordi o lábio apreciando o toque, ansiosa. Senti Nicolo subir a parte de cima do meu biquíni, deixando os seios à mostra. Reabri os olhos a tempo de vê-lo abocanhar meu seio direito, com vontade, lambendo, chupando com toda devassidão do mundo. Arfei alto, meu corpo inteiro queimou de prazer. Ele me lambeu toda, em todos lugares inimagináveis. Nicolo me sujou toda de champanhe e depois limpou com a língua. Estava quase enlouquecendo de tanto tesão, sentia minha boceta encharcada. Nicolo começou a se esfregar em mim, voltando a me beijar, ofeguei, sentindo suas mãos segurarem minhas coxas, acariciando e apertando-as, enquanto ele se mantinha entre elas. Sua ereção estava sobre a parte de baixo do biquíni, passando em minha intimidade em uma lentidão absoluta.

— Eu vou te comer, porra. Vou fodê-la a noite inteira, sem parar nem para respirar, até minha fome por você ser saciada — rosnou, ao tirar a mão da minha coxa para segurar meu pescoço, apertando, fazendo-me fitá-lo. — Sua boceta vai ficar dolorida, mas saciada de tanto gozar, *ragazza*!

Não sabia explicar, mas as coisas que falava, causavam-me ainda mais tesão. Ele tirou a mão do meu pescoço e fez caminho até minha virilha. Gemi baixinho sentindo meu sexo latejando. Sua

mão adentrou a parte de baixo do meu biquíni, e começou a me masturbar.

— Oh, Nicolo…

— *Safada*, está molhadinha, caralho, encharcada essa sua boceta carnuda!

Revirei os olhos, quase desfalecendo de tesão, estava à beira de gozar, minhas pernas bambearam e Nicolo percebeu.

— Só goze quando eu permitir — ordenou ele. — E de preferência na minha língua.

Depois disso, perdemos o controle, em poucos minutos o rosto de Nicolo estava entre minhas pernas, chupando-me, fazendo com que gozasse em sua boca. Gemia feito louca, sentindo meu orgasmo próximo, muito próximo. Ah, como gostava de ser chupada por Nicolo, detestava admitir isso, mas amava demais sentir sua língua passeando por minha boceta, lambendo-me com vontade e desejo, até me fazer derramar em sua boca.

E foi isso que fiz, derramei-me em seus lábios, sem esperar por sua ordem.

— Sienna… eu disse, somente quando eu permitisse — resmungou com a voz falha de tão rouca que estava. Ele me contemplou, limpando os lábios depois de ter me feito gozar.

— Eu gozo quando quero — retruquei, desobediente, vi seu olhar de iluminar com determinação.

— Que *ragazza* insolente! — disse e arfei, ao sentir seu dedo me invadir. — Que boceta apertada você tem, *bambina*. Vai gozar novamente, mas no meu pau somente, entendeu?

Ele me fitou, esperando por uma resposta. Assenti com a cabeça, mordiscando o lábio inferior da boca.

— Não aguento mais esperar, Nicolo… — falei, ansiosa para sentir logo, romper a barreira, sem ter medo. Nicolo estava me deixando louca, com sua instigação. — Acabe logo com isso.

Seu olhar ficou obscuro quando olhou meu rosto. Engoli em seco. Ele subiu sobre mim, novamente, aproximando seu rosto do meu.

— Você pediu que eu fosse gentil, então estou sendo, Sienna.

— Não quero mais que seja gentil, calmo, nem paciente. Quero você dentro de mim, quero que faça o que tem que fazer logo sem demora, Nicolo. — Passei a mão pelas suas costas, arranhando até a nuca. — Preciso saber como é.

— Quero que seja bom para você. Não sei se conseguirei controlar meus impulsos depois de estar dentro de você. Costumo

ser um pouco… bruto, durante o sexo. Entendeu?

Senti-me estremecer, assenti lentamente.

— Tudo bem.

Ele encostou sua testa na minha, e respirou fundo.

— Foi você quem escolheu assim, *bambina*.

Meu cenho se franziu, não entendendo o que queria dizer, parecia uma ameaça. Então ele rasgou a parte de baixo do meu biquíni, removendo-a do meu corpo com fúria, fazendo-me entender bem o que queria dizer quando disse que era bruto no sexo. Após isso, beijou-me, mordendo forte meu lábio inferior, ao mesmo tempo em que passava seu pau em mim, bem na vulva. Gemi, com sua mordida em minha boca, que foi forte e dolorida, depois ele começou a beijar meu pescoço, sugando a pele, deixando marcas por todo canto.

Sem pedir permissão, Nicolo me invadiu, com seu pau, rompendo meu hímen, tomando minha virgindade para ele. Senti a dor me invadir tão forte, parecia que tinha sido rasgada ao meio e foi o que aconteceu mesmo. Pressionei minhas unhas contra a pele dos seus braços, cravando-as fortemente contra a pele. Um ruído de prazer escapou da garganta de Nicolo.

— Caralho… é tão apertada, tão quente, porra. — Sua voz grossa entorpecia meus sentidos. Ele continuou as estocadas, rude e forte, nenhum pouco sutil, aos poucos me deixei levar pela sua devassidão, gostando da forma que ele agia sobre mim, apesar de a dor, eu gostei da conexão dos nossos corpos um com outro, queria trocá-lo e beijá-lo assim como fez comigo. Ah, como queria. — Agora você é minha, toda minha! — Sua voz saiu em um sussurro, sabia que desse momento em diante pertencíamos por completo. E até a morte seria assim. Fitei o céu, enquanto Nicolo me fodia com volúpia, olhei as estrelas, sentindo a dor cessar e dar passagem ao prazer…

Não demorou até o segundo orgasmo vir, junto com o de Nicolo, que parecia uma fera enjaulada prestes a se libertar. Ele suou, trepidou e rugiu quando gozou dentro de mim. Enchendo-me de porra, deixando-me marcada por ele.



CAPÍTULO 15

Nicolo

— Precisamos dormir. — Ouvi a voz de Sienna em meu ouvido, estávamos na cama do quarto, já era a quarta vez que a possuía naquela noite. Passei a mão por sua cintura, seguindo em direção à bunda, empinada e dura. Dei-lhe um tapa, deixando-a marcada, então me inclinei para abocanhar seu seio. — Nicolo, é sério, estou morta!

— Só mais uma gozada, *ragazza*, depois pode dormir!

Tentei ser convincente ao beijar o espaço entre os seios e subir em direção ao seu pescoço. Coloquei seu cabelo para o lado, os fios estavam molhados e embaraçados.

— Se fizermos de novo, existe uma grande chance de eu estar muito dolorida amanhã e não conseguirmos repetir o ato — argumentou ela. — Mas você quem sabe.

— Porra! — resmunguei, afastando-me dela a contra gosto, passei a mão pelo rosto de forma exasperada. — Ainda estou com fome de você.

— Você pode saciar novamente sua fome amanhã, *marido* — retrucou, sarcástica. — Falando em fome, estou faminta, e já são quatro horas da manhã, merda.

— Também estou faminto — falei, levantando-me da cama à procura da minha cueca. — Você poderia fazer algo para nós dois, não é?

— A única coisa que sei fazer, meu bem, é um sanduíche. Serve?

Olhei-a sentindo uma sensação estranha me tomar quando pousei os olhos nela, nua, com os cabelos desgrenhados, lábios inchados e pele limpa. A diaba ruiva era linda sem fazer esforço.

— Serve, mas vista uma das minhas camisas, pois se sair desfilando por aí nua, existem grandes chances de eu te atacar novamente.

Ela sorriu, revirando os olhos, vesti a cueca e fui atrás da minha carteira. Achei meu celular perto dela e conferi as mensagens, tinha algumas ligações novamente de Caterina. A puta teve a audácia de me ligar na minha noite de núpcias. Ela não aceitou bem o fato de que nosso *lance* chegou ao fim. Mesmo gostando muito de trepar com ela e sabendo que pode ser que sinta saudades do seu corpo, do sexo que fazíamos, eu não podia continuar tendo uma amante. E depois do sexo que fiz com Sienna, sabia que pelo menos por um tempo não sentiria falta de outra boceta. Aperto o número de Caterina e clico no bloquear.

Sigo até a cozinha após Sienna sair do quarto para preparar nossos sanduíches. Aproximo-me da porta, observando-a destruída enquanto pegava os alimentos na geladeira, ao mesmo tempo em que cantava baixinho uma música italiana. Quando terminou, ela me olhou.

— Está pronto. Fiz dois sanduíches de peito de peru, com tomate e alface.

Assenti.

— Coloque na bandeja, vou pegar um suco para nós.

Peguei os sucos e ela a bandeja. Levamos tudo para o sofá que ficava em frente à piscina. Sienna pegou um cobertor e como era um sofá-cama preferimos dormir por lá, contemplando o mar e o céu estrelado.

Era a nossa primeira noite dormindo juntos, era estranho a sensação de ter que dividir a cama com alguém. Foi difícil conseguir dormir, por sorte estava exausto por conta da quantidade de sexo que fizemos. Acabei pegando no sono logo após Sienna, que diferente de mim, não teve nenhum trabalho para dormir.



No dia seguinte, senti um peso em minhas costas. Costumava dormir de barriga para baixo, era minha posição favorita. Sienna, pelo visto, aproveitou para deitar a cabeça nas minhas costas, usando-a como almofada. Virei-me com calma para não assustá-la. Ela despertou, assim que me virei. Já era dia, não fazia ideia da hora, mas sentia meu corpo baqueado de ontem. Esfreguei os olhos e fitei o mar, estava sol, mas não calor. Olhei em direção à Sienna, que também esfregou os olhos, seu rosto estava pálido, as sardas em evidência. Ela se sentou na cama logo após me ver ao seu lado.

— Meu Deus, que susto! — exclamou, levando a mão ao peito. — Por um momento tinha me esquecido de tudo… Hum, que aconteceu, o casamento, nós dois…

— Vai demorar até se acostumar que de agora em diante não dorme sozinha, esposa, eu mesmo não estou acostumado a dividir cama, tampouco ter alguém dormindo em minhas costas — falei, ela pareceu um tanto tímida, começou a ajeitar o cabelo.

— Vai me dizer que nunca dormiu com nenhuma outra mulher antes?

Ela arqueou a sobrancelha, duvidando de mim.

— Digamos que dormir não era uma das atividades que gostava de fazer com as mulheres que saía.

Ela bufou, revirando os olhos.

— Sei, você gostava de usá-las de várias formas, mas dormir não…

— Gosto de dormir sozinho, sempre gostei — respondi, puxando sua cintura para perto, ficando sobre ela. Beijei seu pescoço fazendo-a se arrepiar. — Já é dia seguinte, está dolorida?

— Estou, por Deus, Nicolo, é de manhã!

Ela mordiscou o lábio, olhando-me com indignação.

— É o melhor horário para trepar, *bambina* — murmurei em seu pescoço. — Uma pena que precisamos ir até o hospital ver como está Kiara e o bebê, depois pegar o jato para as Bahamas. E não gosto de dar rapidinhas para mim ou é pacote completo, ou nada.

— Vamos passar quanto tempo no Bahamas? — perguntou, observei suas coxas bem torneadas, a blusa tinha subido e sua boceta estava à mostra. A infeliz estava pelada por baixo da blusa.

— Uma semana, duas, vai depender de estar boa ou não a viagem.

— Entendi — falou, saí de cima dela e ajeitei meu pau duro na cueca.

— Pula da cama, temos que partir em breve — mandei.

Sienna assentiu e saiu da cama, depois passou por mim, rebolando a deliciosa bunda, em direção ao interior da embarcação.



Chegamos ao hospital e fomos até o quarto onde Kiara e Tommasso estavam. Chegamos bem na hora que Kiara estava dormindo e Tommasso segurando o bebê.

— Bom dia, *fratello*, viemos ver nosso sobrinho — falei, ao entrar no quarto. Tommasso nos olhou, surpreso.

— Bom dia, que bom que vieram, Nicolo, não precisava interromper a viagem de lua de mel — disse, gentil. — Como vai, senhorita?

Sienna ficava meio acanhada perto de Tommasso, por ele ser o *Don* e por tudo que já devia ter ouvido seu irmão falar dele.

— Bem, senhor Caccini.

— Ouvi dizer que a festa de casamento de vocês foi bem… Divertida.

— Não tanto para mim — falei com ironia. — É um menino? — Indiquei a criança após fazer a pergunta

— Sim. Meu herdeiro homem nasceu, *fratello*.

— Deixe-me vê-lo. — Aproximei-me dele para ver o rosto do meu sobrinho, era tão pequeno e indefeso. — É uma perfeita mistura de você e da sua esposa.

— Ele é muito lindo — elogiou Sienna.

— Obrigado. Kiara ficou muito cansada do parto, o médico recomendou repouso, então ela dormirá nas próximas horas — disse. — É uma pena, pois ela adoraria vê-los.

— Quando voltarmos de viagem vamos marcar um evento em sua casa para comemorarmos, se Kiara já estiver bem.

— Sim, Nicolo, marcaremos — concordou Tommasso, então olhou para Sienna. — Quer segurá-lo, é bom que já vai treinando até vir o de vocês?

— O nosso o quê? — questionou como uma tola.

— Para quando tiverem um filho — explicou, e ofereceu novamente o bebê. — Segure-o.

Ela arregalou os olhos e fitou o bebê ficando pálida em seguida.

— Sienna? — chamei, ela estava atônita, olhando o bebê parecendo assombrada. Então, ela nos deixou chocados ao sair correndo do quarto, recusando-se a pegar o meu sobrinho no colo. Tommasso me olhou, procurando uma explicação, o que era óbvio que eu não tinha, não entendia o que acontecera com Sienna. Fiquei furioso com sua atitude.



Sienna

Meu coração estava disparado, a garganta seca e mal conseguia respirar. Fui até o banheiro tentar me acalmar. Quando Tommasso pediu que eu segurasse o bebê, dizendo que era para me preparar para quando tivéssemos o nosso, senti meu corpo frear

e ansiedade atacar. Olhei para a criança, imaginando-me no lugar da Kiara, sendo mãe de um filho de Nicolo, e de repente já não conseguia mais respirar e nem cogitar a hipótese de segurá-lo no colo.

Após alguns minutos, já tinha voltado a respirar normalmente, mas meu coração ainda batia acelerado. Ouvi batidas à porta do banheiro e, em seguida, a voz de Nicolo estrondosa.

— Sienna, está aí?

— Sim — respondi.

— Saia, não posso entrar — ordenou.

Busquei coragem e saí do banheiro. Nicolo estava furioso, já foi logo me puxando para um canto e me prensando contra parede.

— O que deu em você? Diabos!

— Nicolo… se acalme!

— Como posso me acalmar, porra!? Você se recusou a segurar o meu sobrinho — bradou. — Por que fez isso?

— Eu tive medo de derrubá-lo, não sei, me bateu desespero ao ouvir seu irmão dizer que teríamos um bebê em breve.

— Não faça isso de novo, porra, se não queria segurá-lo por medo era só ter falado, não precisava sair correndo como uma imbecil!

Nicolo estava segurando meu braço, apertando-o.

— Solte-me, Nicolo! Está me machucando!

Ele soltou meu braço, bruscamente, e respirou fundo.

— Merda, eu perco o controle quando fico com raiva! — explicou. — Vá para o carro, vou me despedir de Tommasso, não precisa voltar para lá.

— Está bem — falei de pronto. — Te espero no carro.

Nossos olhares se cruzaram uma última vez antes de sair do hospital e ir para o estacionamento. Entrei no carro e o esperei, dando graças a *Dio* por não ter que voltar para o quarto de hospital e dar uma explicação para Tommasso.

Depois que Nicolo voltou para o carro passamos na sua casa, quer dizer, nossa casa, para pegar algumas coisas que iríamos precisar na viagem, depois fomos para o embarque.

Durante o voo nós não conversamos muito. Eu dormi a maior parte do tempo. Tinha que confessar que estava cansada de ontem, meu corpo dolorido, principalmente as partes íntimas. Precisei até

vestir roupas que não mostravam muito o corpo, calça e blusa de mangas, por conta das marcas que Nicolo deixou em mim. Torcia para que elas saíssem rapidamente, ou teria que maquiar meu corpo para cobri-las em Bahamas.

A noite de ontem não saía da minha mente, era como se ela não tivesse passado de um sonho. Perder a virgindade foi melhor do que pensei, apesar de a dor, eu consegui sentir prazer e gozar várias vezes.

Assim que chegamos às Bahamas, fomos direto para o hotel onde ficaríamos hospedados perto da praia. Nicolo estava usando óculos de sol e roupa social, não dava para parar de olhar para ele, merda, ele ficava lindo com um estilo mais despojado. Tinha decidido que durante a viagem iria atiçá-lo a fim de tirar seu juízo. Curtiria sem medo e faria tudo que tivesse vontade.

Olhei as mensagens do meu celular, ao ver que havia uma de meu irmão, sorri ao ler o conteúdo.

Aproveite sua lua de mel, irmã,
já estou com saudades.

Respondi dizendo que também estava com saudades, e agradeci.

— Com quem está falando? — perguntou Nicolo, curioso, e antes que eu o respondesse, ele tirou o celular da minha mão sem minha permissão.

— Ei! Nicolo, não pode fazer isso, está invadindo a minha privacidade.

— Foda-se, quero saber quem está fazendo minha esposa sorrir — respondeu e olhou as mensagens, sua testa se franziu enquanto observava. — Agora mantém contato com o desgraçado do seu irmão?

Sua forma de falar de Giuseppe me deixou furiosa.

— Não fale assim do meu irmão, tenha respeito!

Nicolo riu com frieza

— Respeito, por Giuseppe? Nunca! — bradou, fitando-me com raiva. — Acha que tudo que ele fez para minha *famiglia* vai ser esquecido tão rápido? Tem sorte que o acordo de paz não me permite dizer o que realmente penso da sua *famiglia*, desgraçado é quase um elogio para Giuseppe.

— Vá para o inferno, Nicolo! — vociferei fora de mim, perdendo a paciência. — Você gosta mesmo de me tirar do sério. Saiba que do mesmo jeito que minha *famiglia* fez mal a vocês, a sua também o fez. Não tenho culpa de toda essa rivalidade, e vocês quem escolheram fazer o acordo de paz, então agora não venha jogar na minha cara nada e nem falar mal do meu irmão na minha frente!

Senti meu coração disparar quando ele fez menção de avançar sobre mim, no entanto, se aproximou para me intimidar.

— Se me responder com insolência mais uma vez, Sienna…

— Vai fazer o quê? — Encarei-o de queixo arqueado e olhar corajoso — Não me importo mais com suas ameaças, Nicolo, não tenho medo — falei. — Motorista, pare o carro!

Ele se surpreendeu com a minha ordem ao motorista, que parou assim que pedi.

— Não pare, prossiga! — ordenou Nicolo com furor, mas antes de o motorista acatar sua ordem, saí do carro. No meio do trânsito, entrei em um carro, que era dirigido pelos soldados. Deixei Nicolo espumando de raiva com minha desobediência, mas não conseguia me controlar, estava furiosa com ele.

Ele iria me matar quando me encontrasse, mas aquele maldito italiano precisava aprender uma lição.



CAPÍTULO 16

Sienna

Chegando ao hotel, não esperei Nicolo, segui para o quarto antes dele. Peguei a chave na recepção e rapidamente me dirigi ao elevador. Assim que entrei na suíte luxuosa que ficaríamos hospedados, fui até o banheiro a fim de tomar um banho, tranquei a porta e tirei a roupa, apreciando os jatos de água. Nicolo tinha escolhido a melhor suíte do hotel, o quarto tinha um banheiro com hidromassagem com vista para o mar. A paisagem das Bahamas era uma das mais lindas que já vi, aqui era tão quente, ótimo para passar o dia na praia e pegar um bronze.

Demorei no banho, e conseguia escutar Nicolo esmurrando a porta para que eu abrisse.

— Abra, Sienna! — gritou, batendo na porta. Terminei o banho sem pressa, não dando importância aos seus gritos. Sabia que ele poderia me castigar por conta do meu comportamento tempestuoso, mas Nicolo precisava de limites. Precisava entender que não podia me tratar da maneira que ele achava melhor, nem invadir minha privacidade tomando meu celular. Sua personalidade explosiva me deixava irritada, ter que conviver com um homem que não aceitava um não pelo resto dos meus dias me parecia um tormento. — Sienna, não me faça arrombar a porta!

Sua ameaça fez meu coração disparar. Apressei-me para terminar o banho, desliguei o chuveiro e me cobri com a toalha, depois corri para abrir a porta. Sabia que Nicolo seria capaz de arrombá-la se eu não abrisse. Saí do banheiro e dei de cara com ele. Engoli em seco ao ver seu olhar nublado de ódio. Sem pensar duas vezes, Nicolo entrelaçou a mão no meu cabelo molhado, puxando fortemente para trás, assustando-me.

— Você enlouqueceu, porra! — gritou contra meu rosto, seus olhos estavam ferozes. — Vou matá-la, Sienna, eu juro que vou.

— Você não pode matar sua esposa, Nicolo, ainda mais no dia da lua de mel — provoquei, sorrindo com os olhos, à medida que os dele ficaram semicerrados.

— Eu não gosto de rebeldia, Sienna, e você está criando asinhas depois que nos casamos. Eu vou castigá-la por isto!

Senti-me estremecer com sua ameaça, ele soltou meu cabelo, bruscamente, fazendo-me cambalear para trás. A toalha acabou se soltando do meu corpo e caindo no chão.

Nicolo rosnou baixo, ao observar meu corpo nu. Ele me fitou com volúpia e depravação. Vi seu olhar se suavizar.

— *Diavolo*… — resmungou enquanto me perscrutava com luxúria. — Eu odeio o que você faz com meu corpo, a maneira que me excita, mesmo no momento em que quero esfolá-la viva.

Mordisquei o lábio inferior.

— Também odeio o que me faz sentir — retruquei em um fio de voz. Ele veio até mim, não recuei, deixei que ele me prendesse com os braços e me levasse até a cama. Fui posicionada de quatro, com as pernas abertas, totalmente à sua mercê. Senti Nicolo atrás de mim, na cama.

— Vou te mostrar o que acontecerá se ousar me desafiar novamente — disse e meu coração sobressaltou ao escutar o barulho do seu cinto sendo tirado, olhei para trás e vi Nicolo segurando o objeto, senti meu sangue gelar ao mesmo tempo em que a boceta molhou. — Você é uma *ragazza* teimosa e, por isso, precisa ser castigada.

— O que vai fazer? — questionei com a voz trêmula e rouca.

— Espere, *amore*, já vai saber. — Ofeguei ao escutar sua voz grossa e autoritária. Senti ele puxar meu cabelo com força, após desferiu uma cintada na minha bunda, deixando-me com a pele em brasa. Gritei, sentindo minha bunda arder. — Não grite, senão terei que amordaçá-la.

Dito isso, Nicolo desferiu mais três cintadas, contabilizando quatro no total, deixando minha bunda marcada e machucada. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas me forcei a não chorar, engoli o choro, literalmente.

— Vai me desafiar novamente, Sienna? — Sua voz estrondou pelo quarto. Ele puxou mais forte meu cabelo, minha cabeça inclinou-se para trás. — Responda!

— Não — resmunguei quase sem voz.

— Boa, *ragazza* — falou e senti sua mão em minhas costas, descendo na direção da bunda. — Agora é a vez do presente que vem após o castigo.

— Presente? — perguntei feito tola, não ousei olhar para trás. Nicolo não respondeu, sua resposta foi segurar em meus quadris, então senti sua língua passando por meu orifício anal. Arqueei as costas, sentindo minha boceta queimar de tesão. Ele lambeu dela até meu ânus, meu rosto queimou de vergonha. Nunca imaginei algo tão depravado acontecendo comigo.

— Delicia de cuzinho, *bambina* — Nicolo gemeu e, em seguida, cuspiu sobre ele, para logo em seguida introduzir um dedo, fazendo-me arfar de dor.

— Nicolo…

— Shhhh, calada, *amore*.

Calei-me. Ele parou de me chupar e vi quando desceu a calça e a peça íntima, colocando o pau para fora. Ele passou a glande pela minha boceta, esfregando em mim, senti meu ventre queimar. Seu pau era macio e eu poderia gozar somente ao senti-lo me masturbando com ele. Depois, ele entrelaçou meu pescoço com cinto, com cuidado para não me sufocar. E depois entrou em mim, penetrando-me com força.

Meus gemidos aumentavam cada vez mais, incontroláveis. Nicolo me fodeu como um animal no cio.

— Goza no meu pau, cadela, goza!

— Ah, Nicolo… me fode! Não para!

Ele se inclinou e soltou o cinto que estava prendendo meu pescoço, passou a língua pela minhas costas molhadas por conta dos pingos que caíam do meu cabelo, mordeu a pele e chupou… E,

novamente, perdemos o controle do tempo, nós nos perdemos um no outro durante horas e horas, até ficarmos satisfeitos.



Já era noite do dia seguinte, arrumei-me, pois Nicolo e eu sairíamos para jantar. Optei por escolher um vestido azul, curto e brilhoso, com um decote bastante avantajado. Adorei a forma que a peça valorizou meu corpo. Calcei um salto branco, não muito alto, e fiz uma maquiagem harmônica, depois enrolei as pontas do meu cabelo. Antes de sair do quarto, notei que o vestido tinha um tecido fino que marcava a minha lingerie, portanto, não tinha outra solução a não ser tirá-la.

Tirei a calcinha. Imaginei a cara de Nicolo quando descobrisse que estava indo jantar sem nada por baixo do vestido, sorri somente em imaginar. Meu sorriso morreu após a porta se abrir e ele entrar vestindo um belíssimo smoking preto, todo elegante. Senti meu coração palpitar.

Seu olhar se chocou com o meu, ele me contemplou de cima a baixo.

— *Fanculo* — exclamou, abismado. — Você está lindíssima, Sienna, diabos, este vestido…

Seu rosto se contorceu de desejo, ele limpou a garganta.

— Que bom que gostou, pois demorei horas me arrumando, marido.

— A espera valeu a pena — disse, à medida que me estendia o braço para que eu entrelaçasse o meu. Assim que fiquei ao seu lado, Nicolo inclinou seu rosto para perto do meu pescoço. — Esse cheiro… trocou de perfume?

— Sim, eu usei outro que você me presenteou — falei. — Por quê? Não gostou?

— Pelo contrário. — Seus olhos brilhavam, pareciam famintos. — Amei, *bambina*. Não me dá vontade nem de sair do quarto, mas sim de ficar aqui e te foder a noite inteira. Por que tinha que ficar tão gostosa? Vai atrair os olhares dos homens do restaurante…

— Vou atrair sim, mas eles verão que estou muito bem acompanhada, marido!

Nicolo sorriu sem mostrar os dentes.

— Certo. Esqueci de dizer que o jantar será em um restaurante que hoje terá uma festa cultural daqui, então terá dança e curtiremos bem mais a noite — avisou. — Podemos ir?

— Sim — respondi.



Assim que chegamos ao restaurante, fomos conduzidos pelo garçom até a mesa. Tinha tantas pessoas lá que fiquei até tímida, eram muitas pessoas elegantes. Sentamos à mesa, e o garçom nos trouxe o menu.

— Os senhores já decidiram o pedido? Desejam algo para beber?

— Sim, traga o melhor vinho da casa — pediu Nicolo.

— Vou querer a sugestão de chefe, por favor — falei ao garçom.

— O mesmo para mim — falou Nicolo, fechando o cardápio e entregando ao garçom. — E então, *ragazza*, o que achou do lugar?

— É ótimo, gostei bastante, principalmente da música — respondi. — E então, depois de jantarmos faremos o quê?

— O que quiser — respondeu. — Quero que esta noite seja especial.

Abri um sorriso sincero, estava prestes a respondê-lo quando o celular de Nicolo tocou. Não consegui esconder minha curiosidade. Peguei-me pensando se não era a mesma mulher que o ligou para

ele no dia em que nos casamos. Senti uma fisgada no estômago, quando o vi ler o nome da pessoa que estava ligando, no mesmo momento o garçom veio trazer nosso vinho. O celular de Nicolo não parava de vibrar.

— Que inferno. Vou ter que atender, é o Tommasso. Deve ser importante, já volto — avisou ele antes de sair. Observei-o ir para a área externa do restaurante, atendeu o celular e eu fiquei observando sua reação. Não acreditei totalmente que fosse Tommasso, ainda mais ligando a essa hora, mas era melhor que pensar que meu marido ainda mantinha contato com uma das suas aventuras amorosas. Nicolo acendeu um cigarro durante a ligação e fumou lá fora enquanto falava com seu irmão. Quando voltou, ele não parecia estressado nem nada do tipo. — Desculpe, problemas inadiáveis.

— Algo que eu precise saber? — inquiri, preocupada.

— Não, somente houve mais um problema com um de nossos carregamentos. Nada que tenha que se preocupar.

Ele tomou um gole da taça com vinho.

— Vocês estão tendo os carregamentos saqueados ainda? Isso não era causado durante a guerra?

— Sim, era, mas achamos que existe a possibilidade de ter outra máfia causando isso. Já é a segunda vez que temos

problemas do tipo.

— Acha que é outra máfia italiana?

— Achamos que sim — respondeu Nicolo. — Mas não vamos perder tempo falando sobre esse assunto.

— Está bem — falei e tomei um gole de vinho.

— Por que não me fala mais sobre você, já que te conheço tão pouco?

— Hum… o que deseja saber? — Arqueei a sobrancelha em questionamento.

— Você tem mais irmãos além de Giuseppe, certo?

— Sim, três irmãs mais novas — contei. — Mas não somos tão próximas. E você?

— Além de Tommasso, tenho a Giulia, ela tem apenas oito anos, quando voltarmos de viagem vou apresentar você a ela.

— Entendi. Você conhece os gostos dela? Gostaria de levar um presente da viagem para ela — falei.

— Posso te ajudar a escolher se desejar.

Meu olhar se iluminou.

— Agradeceria muito se pudesse fazer isso por mim.

— Então está combinado — disse. — Como foi sua infância?

Sua pergunta me fez lembrar dos velhos tempos. Imagens minhas correndo na sala de estar no dia de Natal, enquanto meus pais preparavam a mesa e meu irmão assistia TV.

— Foi incrível — falei. — Sinto saudades daquela época. Sinto falta dos meus pais.

Nicolo me observou com o olhar atento.

— Também sinto dos meus pais — comentou ele. — Apesar de me lembrar que eu temia muito o meu pai. Ele era muito rigoroso, principalmente com Tommasso.

— Imagino, cresci ouvindo histórias sobre seu pai. Eram aterrorizantes.

— Ele era o mafioso mais impiedoso que a máfia Caccini já teve — acrescentou Nicolo.

— Entendi. Meu pai também não era de expressar amor, e minhas memórias com ele são poucas, mas pelo menos sempre tratou seus filhos muito bem.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? Indiscreta? — Fiquei surpresa com o pedido de Nicolo, mas assenti. — Por que você é a irmã favorita do seu irmão? Por que ele se deu o trabalho de cuidar pessoalmente da sua criação mesmo depois de casado, e confiar em você assuntos sigilosos da máfia?

Pigarreei, franzindo o cenho. Não sabia o que responder.

— Confesso que não sei o que te responder, Nicolo. O que posso dizer… Giuseppe e eu fomos criados juntos, sou a mais velha das meninas. Sempre fomos próximos, brincávamos muito, dormíamos juntos. Ele confiava em mim e me protegeu depois da morte de *papà*, me tratou como uma filha, pelo simples fato de me amar.

Nicolo contemplou meu rosto parecendo curioso com algo.

— Diga-me. Ele nunca se aproximou de você com outras intenções?

Fiquei em choque com sua pergunta.

— Como assim?

— Ele nunca te tocou indevidamente ou tentou algo…

— Chega, Nicolo. Não acredito que tenha me perguntado isso. Está nos acusando de incesto?

Fiquei magoada com sua acusação.

— Desculpe, não deveria ter dito isso — disse.

— Não, na verdade, você não deveria ter sequer pensado um absurdo deste! — Levantei-me, revoltada. — Preciso tomar um ar!

Saí da mesa, deixando Nicolo sozinho. Fui até o lado de fora do restaurante e caminhei sozinha até a praia, que ficava bem perto, respirando ar puro. Que pensamento terrível de Nicolo, pensando que meu irmão e eu… *Dio Santo*, não gostava nem de pensar nisso.

— Olá, boa noite, moça. — Um homem de aparência inglesa se aproximou de mim. Assustei-me ao ser parada por ele. Só queria ficar sozinha. — A senhorita está bem?

— Estou sim, somente quero ficar sozinha, senhor! — respondi em seu idioma.

— A senhorita é italiana, certo?

— Sim, sou. Por favor, senhor, me deixe sozinha.

— É perigoso uma senhorita tão linda como você ficar sozinha. Posso cuidar de você — disse, aproximando-se de mim, estranhei

seu comportamento, estava prestes a sair correndo, mas ele previu que faria e me agarrou. — Não precisa ter medo de mim, moça, somente quero conhecê-la melhor. Te achei divinamente linda.

O homem era mais alto que eu e bem mais forte. Tentei empurrá-lo.

— Solte-me, homem! Eu não estou sozinha, mas sim meu marido e você não vai gostar nada que ele veja você me agarrando… Não faz ideia do seu temperamento!

— Não precisa mentir para mim, sei que está sozinha.

— Me larga! — gritei, quando ele começou a passar o nariz pelo meu cabelo, como um maldito pervertido.

— Eu adoro foder ruivas, sabia? Me dá uma baita tesão, uma boceta ruiva natural…

Senti vontade de vomitar de tão enojada que fiquei. Ouvimos um barulho de destravamento de arma e o homem se virou para ver quem era.

— Solte-a agora, caso contrário morrerá aqui mesmo. — Era Nicolo, fiquei em choque. Ele estava armado junto a vários soldados. — Vai levar tanta bala na cara que seus familiares não conseguirão reconhecê-lo.

— Eu… Desculpe-me, somente estava conversando com a moça, senhor, não sabia que era comprometida.

— Sabia sim porque eu deixei bem claro para você — gritei, furiosa.

— Por favor, não façam nada. Sou rico e posso pagar a quantia que precisarem, pagarei por minha vida — implorou o abusador, mas não adiantaria. Os olhos de Nicolo estavam em chamas.

— Dinheiro é o que não me falta, filha da puta. Solte-a e quem sabe poderemos entrar em um acordo.

O abusador olhou morrendo de medo para Nicolo e os soldados, depois para mim, então me soltou em seguida. Corri para perto de Nicolo, onde estaria protegida.

— Pronto, senhor, já está resolvido. Garanto que não fiz nada de mais com a moça.

Nicolo sorriu tão friamente que até eu senti um calafrio. Ele se aproximou lentamente do homem.

— Você a tocou com essas mãos imundas, já é motivo suficiente para matá-lo — respondeu Nicolo, gélido. — Mas vou te dar uma escolha.

— Por favor… não me mate.

— Tudo bem. Você pode viver, mas sem mãos. A escolha é sua.

Os olhos do homem quase saltaram de seu rosto, ele entrou em choque absoluto.

— Como?

— Preciso repetir. Você escolhe, sua vida ou suas mãos.

— Nicolo… não precisa disso, deixe-o e vamos embora — pedi, amedrontada com a situação.

— Não se intrometa, Sienna. A levem daqui — Nicolo ordenou aos soldados.

— Não! Não sairei daqui — gritei e Nicolo bufou, irado de raiva.

— Você não respondeu, infeliz, a vida ou as mãos. O seu tempo está passando e quem decidirá sou eu — Nicolo falou, olhando o abusador, que começou a chorar apavorado.

— A vida… — respondeu ele. Nicolo abriu um sorriso satisfeito, então ergueu a mão para um dos soldados, que tirou a

faca afiada da cintura e levou para ele. Não queria ver a cena, mas, ao mesmo tempo, sentia que precisava.

Nicolo segurou a faca e se aproximou do homem junto de dois soldados que o seguraram para que não se movesse. Ele pegou o braço do homem focando seu olhar em sua mão, mas antes de cortá-la, olhou-me por um instante.

— Feche os olhos, *bambina*, não vai querer ver a cena a seguir.

Após dizer isso, ele em uma só facada arrancou fora a mão do homem, que gritou tão alto de dor que tinha certeza de que teria pesadelos com seu grito durante dias. Fiquei horrorizada com a cena e com a falta de piedade de Nicolo ao realizar o ato.



CAPÍTULO 17

Nicolo

Tinha que concordar que fui um filho da puta ao fazer aquela pergunta acusatória a Sienna. Era uma das coisas mais perversas que havia se passado na minha cabeça, mas não consegui me controlar, me veio o pensamento à cabeça e não consegui não questioná-la sobre. Era claro que ela não iria aceitar muito bem a pergunta, mas não esperava que sairia do restaurante. Assim que ela se levantou, eu também o fiz, estava pronto para segui-la, mas antes contactei os soldados que foram comigo.

Encontrei-a na praia, com um desgraçado a agarrando. Na mesma hora subiu um ódio, uma raiva descomunal em minhas veias. O ciúme ao ver outro homem agarrando a mulher que era

minha se embrenhou em minhas entranhas, quando me dei conta, já havia perdido o controle de tudo. Arranquei suas duas mãos, ao invés de tirar sua vida. Tinha que confessar que me deu mais prazer em saber que viveria sem suas mãos, do que sentiria mais colocando dentro de um caixão.

Após o feito, peguei Sienna e a tirei dali. Ela estava cabisbaixa e tremia muito. Estava em choque com o que tinha acabado de acontecer. Levei-a para o carro e saímos o mais depressa dali, deixamos o infeliz, sem mãos, jogado na praia.

— Onde nós vamos? E se a polícia…

— Fique tranquila, a polícia não pode fazer nada quanto a isso — falei. — Vamos para uma boate na cidade, nossa noite não acaba aqui.

— Acha que tenho clima para uma boate, Nicolo? Porra!

Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Bufei, cansado de toda aquela confusão.

— Sienna, o que há? Está assim por que me viu arrancando a mão daquele imbecil? Ele tentou te agarrar, caralho, deveria agradecer que não o esfolei vivo — rosnei, enraivecido, e ela desviou o olhar de mim, então puxei seu rosto com as duas mãos e segurei firme para que não desviasse. — Ele mereceu o que fiz. Sei que fui um idiota ao supor que seu irmão havia… Você entendeu

bem o que quis dizer. Me arrependo disso, mas de arrancar a mão daquele filho da puta, nenhum pouco!

— Você cortou a mão dele por minha causa…

— Eu cortei a mão dele para não fazer o que fez com mais nenhuma mulher na vida. Já fiz coisas muito piores que aquilo e você sabe bem — respondi, ríspido e frio. — E aquele imbecil não vai estragar a nossa noite, Sienna, trate de esquecer o que aconteceu e curta comigo a viagem.

— Quer que eu curta a viagem, e que não me chateie com nada que você diz ou faz? Tudo bem, Nicolo, eu o farei — bradou em frente ao meu rosto, seus olhos verdes faiscaram. — Me leve à boate, mas prometa que não vai me privar de nada, vai deixar que eu me divirta da maneira que desejar.

Fitei seus lábios carnudos desejando beijá-la, inferno, ela era muito atraente quando estava brava.

— Feito — concordei, sabendo que talvez iria me arrepender disso. — Faça o que desejar, esposa.

Ela me olhou com um olhar que garantia que iria fazer com que me arrependesse de deixá-la fazer o que quiser. Estava fodido.



— Quero três doses de tequila e duas de vodca — falou Sienna ao barman da boate que estava lotada. Não estava gostando nada de ver outros homens olhando para minha esposa. O vestido que ela estava não ajudava muito a afastar os olhares. — E para meu marido o mesmo!

— Nem pensar. Quero a melhor garrafa de uísque que vocês tiverem — falei, a contradizendo. Ela deu de ombros e pegou uma das doses de tequila que o barman serviu e bebeu em um só gole.

— Que seja — disse, fazendo careta, por conta do sabor da bebida. — Tem limão? Isso é péssimo puro — ela pediu.

— Aqui está, senhorita.

— Obrigada. — Ela sorriu para o cara, jogando o cabelo para o lado, então a puxei para perto de mim.

— Se ficar de gracinha com outros caras já sabe o que vai acontecer! — ameacei-a segurando seu braço, falando em seu ouvido, ela sorriu, safada, e simplesmente deu de ombros.

— O que vai fazer? Matar todos que me olharem, ou quem ganhar meu sorriso? Vá em frente, marido, faça o massacre!

— *Ragazza*…

— Me deixe tomar minha tequila, Nicolo, *per Dio!*

— Vá em frente, tome quantas quiser — disse, ela sorriu satisfeita e voltou ao balcão. Depois virou uma tequila de cada vez, até pescar o shot de vodca. Sabia que ela não era acostumada com álcool e deveria proibi-la de fazer isso, mas havia prometido que a deixaria curtir a noite como desejasse.

— Nossa, minha cabeça girou com essa última dose — resmungou vindo até mim, ela encostou a cabeça no meu peito e riu. — Vamos dançar?

— Não danço — respondi

— Por favor, Nicolo, não me faça essa desfeita — ela tentou me convencer, puxando-me para a pista de dança. Não conseguia curtir, pois meu instinto era olhar em volta e checar se nenhum filho da puta estaria babando por minha esposa. Paramos na pista, ela me puxou pelo smoking, olhando-me nos olhos como uma puta safada. Olhei para suas pernas conferindo se o vestido havia subido, e sim, o pedaço de pano estava fora do lugar, então eu mesmo me inclinei e desci a saia dele. Sienna riu.

— Deixe meu vestido como está, Nicolo!

— Nem pensar, *amore*, sua bunda apenas eu posso ver — falei, puxando sua cintura para trazê-la ainda mais para perto. Sienna gargalhou e se virou, ficando de costas para mim, jogou o

cabelo para o lado e começou a rebolar, deliciosamente. Senti meu pau reagir de imediato e meu ciúme só aumentou ao reparar que muitos homens do bar pararam para observá-la dançar. Segurei sua cintura tentando fazê-la parar, mas ela continuou dançando, provocando-me. Depois de me deixar de pau duro ela se virou para mim e segurou minha mão enquanto me olhava de maneira fixa.

— Quero te mostrar uma coisa, posso?

Estranhei sua pergunta, tinha que confessar que me deixou curioso.

— Pode!

— Olha como eu estou. — Ela discretamente colou seu corpo no meu e levou minha mão entre suas pernas. Colocando-a sobre sua boceta, que estava molhada, e cacete… ela estava sem calcinha.

Sienna queria me deixar maluco, só podia ser. Tirei a mão da sua boceta e a prendi em meus braços furiosos.

— Por que diabos não colocou uma calcinha, Sienna, porra!

— Não fique irritado comigo, bebê. Achei que gostaria da minha surpresa. — Mordiscou o lábio, maliciosa. A vontade que eu tinha era de arrastá-la para qualquer canto escuro e fodê-la, caralho. — Sentiu como estou molhada?

— Sienna, não me provoque assim!

Meu pau pulsou em resposta à sua pergunta. Ela ficou nas pontas dos pés para conseguir me beijar.

— Assim como? — sussurrou em meu ouvido, mordendo a ponta da orelha em seguida, depois beijou meu pescoço, lentamente. Estava ficando muito excitado, sentia um desejo insano pela ruiva. Inferno. Precisava entrar na sua boceta logo. — Deste jeito? Quer que eu pare, Nicolo? Se quiser é só pedir.

Agarrei-a para manter sua boca onde estava, senti minha pele se arrepiando com as suas mordidas.

— Preciso de você, Sienna, agora — falei, então a surpreendi quando a joguei por cima do meu ombro, tomando cuidado para que a saia curta do vestido não mostrasse sua bunda.

— Nicolo… Me solte, todos estão nos olhando.

— Foda-se, deixe que olhem — disse, rindo. Levei-a até o estacionamento. Fiz sinal para meus soldados se afastarem. Coloquei-a no chão, destravei um dos carros com a chave e, então, abri a porta para Sienna entrar. — Entre!

— Que mandão! — Sua voz saiu repuxada. Ela estava bêbada, mas não a ponto de passar mal pela manhã. Entrei logo em

seguida, inclinei o banco a fim de ter mais espaço e sem conseguir esperar, ataquei a boca de Sienna, beijando-a com desejo e paixão. Ela se entregou ao beijo, sentando no meu colo. Segurei sua cintura com a mão livre enquanto a outra estava na nuca.

— Que tesão, Nicolo! Ah!

— Acho que devo te dar bebida todo dia. Você fica ainda mais gostosa safada desse jeito — sussurrei em seu ouvido, passando a língua pelo lóbulo, depois mordendo a ponta da orelha, fazendo-a se contorcer com um arrepio safado. — Meu pau está quase explodindo dentro da calça por culpa sua.

— Minha culpa? Mas não fiz nada além de dançar — ela se fez de desentendida. — Deixe-me ver se está duro mesmo — murmurou com a voz rouca e ofeguei ao sentir sua mão sobre minha calça, ao passo que apertava minha ereção. Fechei os olhos perdendo o controle, meus batimentos cardíacos se descompassaram. Apertei mais fundo sua cintura, inalando o delicioso odor de seu perfume. — Quero chupá-lo — admitiu Sienna, fazendo-me reabrir os olhos, rapidamente. Ela sorriu maliciosa, aproximou a boca da minha, mordiscando meu lábio inferior em seguida. Senti o gosto de álcool na sua boca.

Sienna saiu do meu colo, ficou de joelhos no banco do passageiro. Fitei-a, ansioso, pelo que iria fazer. Ela tirou meu cinto sem desfazer o nosso contato visual e, em seguida, desabotoou minha calça e desceu o zíper, logo a ajudei a tirar a calça por

completo. Meu pai saltou para fora, duro e molhado. Ela passou a língua nos lábios, observando-me com desejo. Porra, adorava a cara de safada que Sienna tinha, me fazia querer fazer tantas coisas com ela… com seu corpo.

Ela segurou meu pau, começando a masturbá-lo, e como se não resistisse, colocou-o na boca e o chupou com vontade. Um ruído escapou da minha garganta, senti uma sensação de prazer enlouquecedor por todo meu corpo. Segurei seu cabelo para fazê-la me acomodar todo dentro da boca. Ela babou, engasgando, deixando meu pau ainda mais molhado e deslizante. Sua masturbação ficou mais rápida, temia gozar a qualquer momento. A visão de Sienna me chupando e me olhando com seus lindos olhos verdes. Caralho. Não era uma visão perfeita e avassaladora.

— *Bambina*, pare, vou gozar se continuar!

— Então goze — murmurou, safada, passando a língua pela glande do meu pau.

— Quero gozar na sua boceta — expliquei, afastando-a pelos ombros. — Vem, senta aqui no meu pau, gostosa!

Ela jogou o cabelo para o lado, desceu as alças do vestido, revelando-me seus seios. Senti meu corpo queimar de tanto tesão por ela. Sienna se sentou no meu colo, ergueu o vestido e me beijou com volúpia.

— Me faz gozar, Nicolo? — implorou contra minha boca. Segurei sua bunda e coloquei meu pau dentro dela que arfou, segurando meu rosto.

— Faço quantas vezes quiser, *amore*.

Perdi-me na intensidade do seu olhar, enquanto ela sentava em mim. Cavalgando e buscando seu próprio orgasmo em meu pau. Segurei seu seio, acariciando o mamilo endurecido. E mesmo sentindo uma enorme vontade de gozar, controlei-me até que ela conseguisse alcançar o orgasmo.

Naquele momento, percebi que sentia algo diferente por Sienna. Sentia por ela uma atração que nunca havia sentido por nenhuma mulher, nem mesmo por Caterina. Um desejo incontrolável de consumi-la. Eu não sabia o que isso significava, ou o que era, não sabia se era amor, minha única certeza era que era intenso e maravilhoso estar com ela.

— Nicolo, tudo bem? Não está gostando? — questionou ela, preocupada, acho que fiquei perturbado pelo que tinha acabado de constatar.

— Pelo contrário, *bambina*, está *delizioso*! Não pare!

Ela somente suspirou de prazer e voltou a me beijar.

Estava fodido, totalmente rendido a ela…



CAPÍTULO 18

Sienna

Senti meus olhos ardendo quando tentei abri-los pela manhã. Meu corpo estava estranho, parecia dolorido e, ao mesmo tempo, nauseado. Coloquei a mão na testa sentindo um pouco de dor de cabeça. Olhei em volta, reparando que estava na suíte do hotel. Procurei por Nicolo com o olhar, não o encontrei, então escutei a porta ranger e ele entrou segurando uma bandeja e falando ao celular. Virei-me para o lado e fingi que estava dormindo.

— Não posso cuidar disso agora, Lorenzo, faça para mim. Estou na minha lua de mel, porra — falou. — E também trate de procurar Caterina e fazê-la sumir. Se eu receber mais uma

mensagem dela ou ligação, vou ter que pessoalmente cuidar dela — disse em tom de voz calmo. *Caterina*…

Quem será essa mulher? Será a mesma que ligou para Nicolo no dia do nosso casamento?

— Sou casado agora, e ela não aceita isso — continuou ele. — Tudo bem, ficarei grato se der um jeito em tudo para mim. Voltarei o mais rápido que eu puder para a Sicília. Agora tenho que desligar. *Addio*!

Ele desligou o celular e fingi acordar.

— Nicolo? — chamei por ele, que veio até mim com uma bandeja de café da manhã.

— Bom dia, *bambina* — falou. — Trouxe seu café da manhã e também remédio para dor de cabeça, caso esteja sentindo.

Ele colocou a bandeja na cama, peguei o comprimido para dor de cabeça e engoli com suco.

— Obrigada — agradeci. Comecei a me lembrar de ontem, do que tinha acontecido. *Dio Santo*, estava fora de mim e me ofereci para Nicolo como uma puta…

Estava com vergonha do que estava me tornando. Parecia que cada dia a mais que ficava com Nicolo me esquecia de tudo que ele

já tinha me feito. *Será possível que estava me apaixonando pelo vilão? Não podia ser…*

— Coma tudo, porque hoje passaremos o dia na praia. Quero te mostrar algumas ilhas.

— Você não vai comer também? — perguntei enquanto pegava um morango.

— Já comi. Vou precisar sair agora, volto para buscá-la — avisou ele.

— Vai onde?

— Resolver um negócio — respondeu.

Respirei fundo e antes que perdesse a coragem, perguntei:

— Nicolo, quem é Caterina?

Nicolo se virou em minha direção. Pela sua expressão notei que a tal de Caterina era mais importante do que eu imaginava.

— Você estava escutando minha conversa no telefone?

Ele desviou da minha pergunta. Patife!

— Eu escutei um pouco, mas não foi de propósito. Quem é ela?

— Caterina é uma mulher que conheço desde antes do nosso casamento. Mas não vale a pena falarmos sobre ela.

— Vale a pena sim, Nicolo. — Levantei-me reparando que estava de camiseta e nua por baixo. Ou seja, Nicolo havia me trocado antes de me colocar para dormir. Fui até ele, parei à sua frente, adotando uma postura firme, cruzei os braços e empinei o queixo. — Quem é ela? Fale a verdade.

— O que quer que eu admita? Que trepava com ela? — Nicolo revirou os olhos, colocando a mão no bolso da calça. — Você sabe bem que trepei com diversas mulheres antes de nos casar.

— Mas tem algo de importante nessa Caterina. Ela não é como as outras, não é?

— Não, ela não foi como as outras. Digamos que tive um caso com ela durante anos, além dela ter sido minha primeira mulher na cama — contou sem remorso. Engoli em seco sua confissão. — Está satisfeita?

— Você a amava? — perguntei em um fio de voz.

— Não, a única coisa que sentia por ela era atração. Gostava de foder com ela, só isso, Sienna. Sempre soube que ela não era

mulher para mim.

— E por que diabos essa mulher está te ligando sabendo que você é casado agora? — vociferei, irritada. Se eu encontrasse essa Caterina pessoalmente não sei do que seria capaz…

— Ela não aceitou bem o fato de o nosso caso ter acabado. Não sei o que está se passando pela cabeça dela, mas garanto que darei um fim nisso logo.

— Talvez ela não aceite porque te ama. Está apaixonada e quer que você vá até ela, quem sabe te instigando, você não cometa uma traição — falei. — Se eu souber que você encontrou com essa mulher, Nicolo… Ela é o quê? Faz parte da sociedade?

— Caterina é uma puta — explicou Nicolo.

Arregalei os olhos, surpresa.

— Uma prostituta… *Dio mio*, você teve um caso com uma prostituta!

— Chega dessa merda, Sienna. Já soube o que queria saber, não é?

— Tenho tantas perguntas — comentei, pensativa — Me diga, Nicolo, você teria se casado com Caterina se a máfia permitisse, se ela não fosse uma puta?

O rosto de Nicolo se contorceu, parecendo incomodado com a minha pergunta.

— Teria — admitiu. — No passado, eu teria me casado sim com ela, caso fosse possível, Sienna.

Levei a mão ao peito, chocada, senti uma fisgada no estômago e um gosto amargo na boca.

— Então, você gostava dela.

— Não sei, porra, que caralho. Caterina faz parte do meu passado. Ela não significa mais nada para mim!

Mesmo ele gritando, não conseguia compreender suas palavras, só escutava meus pensamentos, estava cheia de dúvidas… Será que ele pensava nela quando estava comigo. Será que eu era apenas sua distração momentânea para esquecê-la.

— Ela é bonita? — perguntei, odiava me comparar com outra mulher, pois sabia que cada uma era bonita à sua maneira e era imbecilidade igualar à outra mulher que considerava mais bonita. Esse pensamento só me deixava mais para baixo.

— Sério que está me perguntando isso?

Nicolo riu com frieza, passou a mão no cabelo, parecendo perturbado.

— Sim, responda.

— Sim, Sienna. Caterina é bonita — falou, sua resposta ardeu em mim. Engoli em seco.

— Você pensa nela quando está comigo?

Nicolo bufou, furioso, e veio até mim. Prendeu meu rosto em suas mãos, seus olhos cintilavam fúria.

— Não, porra, nunca — rugiu. — Você é a única em meus pensamentos. Quando estou com você não consigo pensar em mais nada e em mais ninguém. Caterina é uma linda mulher, mas não tem a metade da beleza que você tem, Sienna. E não estou falando de beleza física, mas sim de beleza interior e de personalidade.

— Eu sinto muito que você tenha se casado comigo e não com ela…

— Cale a boca, Sienna. Olha o que está falando, caralho. Foi eu quem escolhi me casar com você, sabe por quê? Porque já sentia vontade de ter você para mim. Você me atraiu desde o primeiro momento, mesmo eu te odiando, ainda assim eu te desejei — admitiu, a voz grave. — Seu cabelo ruivo me atrai, as sardas de seu rosto, seus lábios carnudos, seus olhos verdes, seu corpo… seu

cheiro é tentador. Tudo em você me atrai, *bambina*. Toda vez que me aproximo de você, sinto uma vontade incontrolável de rasgar sua roupa como um animal e possuí-la, devastá-la com a escuridão e depravação que habita em mim. Eu quero que nosso casamento progrida, quero que sejamos felizes juntos e que um dia você me perdoe por tudo que te fiz.

— Ah, Nicolo… eu quero muito que sejamos felizes juntos, do mesmo jeito que quero que nosso casamento dê certo, mas para isso você precisa evoluir muito e aprender com seus erros.

— Eu aprendo…

— Não, você não aprende! — retruquei. — Mas, tudo bem, cada um com suas escolhas. Não quero nenhuma mulher entre nós, dê um jeito nessa Caterina e não deixe que ela chegue perto de mim.

— Por quê? Se ela chegar, o que você fará? — perguntou e um sorriso brotou em seu rosto.

— A farei entender qual é o seu lugar — falei, brava. — Tenho sangue italiano e garras afiadas. — Passei as unhas pelo seu braço, deixando-o marcado. — Não se esqueça disso!

Ele sorriu e sua atenção se fixou em meus lábios.

— Que esposa brava eu arranjei…

— Você não viu nada, Nicolo. Não me tente!

Ele me soltou e ergueu as mãos.

— Está bem. Não deixarei ela chegar perto de você, garanto. Agora vou para meu compromisso.

— Ok, vou me arrumar e te esperar!

Ele assentiu e antes de sair veio até mim e beijou, brevemente, minha mão.

— Até depois, *ragazza*!



Depois de duas horas, Nicolo voltou para me buscar para irmos conhecer as ilhas. Tive que passar maquiagem à prova de água na minha bunda para cobrir a marca das cintadas que Nicolo me deu. E também em outras partes do corpo. Vesti um biquíni verde lindo e uma saída de praia. Estava muito calor, então prendi o cabelo.

Nós passeamos de lancha, andamos de jet-ski e andamos pela praia. Certamente, até o fim desse dia estaria bronzeada.

— Quer um drink? — perguntou Nicolo, estava deitada em uma espreguiçadeira de frente para o mar.

— Sim, por favor.

Observei-o ir pegar o drink. Quando voltou ele me entregou, e eu bebi rapidamente, pois estava com sede.

— Você passou protetor solar? — perguntou ele, olhando para meu corpo. — Está ficando vermelha.

— Passei, mas acho que tenho que passar mais, minha pele é sensível.

— Cadê? Deixa que eu passo nas suas costas!

Entreguei o protetor e ele passou nas minhas costas, depois nas pernas, nos braços e barriga. Quando terminou de passar, notei que havia uma rigidez na sua sunga.

— Acho que já está na hora de voltarmos para o hotel — falei, meneando a cabeça em sua direção.

— Concordo, mas aluguei um iate para nós — respondeu. — Venha comigo.

Assenti e segurei sua mão. Ele me conduziu até a embarcação.

Já estava quase começando a escurecer quando adentramos no iate. Entramos na suíte, estava pronta para me despir e tomar um banho, então, ele disse:

— Deixa que eu tiro o biquíni para você, *bambina*.

Estava de costas para ele, quando senti sua presença atrás de mim. Ele tocou meus ombros, fazendo-me estremecer pelo toque dele. Em um instante, Nicolo desatou o laço do meu biquíni e eu o deixei cair.

— Vire-se — pediu e me coloquei de frente para ele. Ele olhou para os meus seios e no mesmo momento vi a luxúria refletida em suas íris. Ele tocou meu peito, apertando levemente. E então inclinou-se e começou a chupá-los. — Deliciosos.

— Desse jeito vou demorar a tomar banho — falei.

— Por isso, acho uma boa ideia se tomarmos juntos — propôs e me beijou. — Não aceito não como resposta, *ragazza*.

E, obviamente, desmanchei em seus braços.

— Você pedindo assim… não tem como recusar.

Ele riu e me impulsionou em sua direção, rodeei seu quadril com as pernas e continuamos nos beijando até chegar ao banheiro.

Sentia sua barba passando pelo meu queixo, era tão bom, tão relaxante quando estava em seus braços…

Sentia vontade que o tempo parasse para que conseguíssemos aproveitar mais ainda o momento…



Duas semanas depois, voltamos para a Sicília. As semanas passaram muito rápido, por mim, ficaríamos um mês nas Bahamas, pois amei a viagem. Chegamos em casa e tudo estava organizado. Minhas roupas já estavam no closet, na ordem em que pedi que fosse arrumada. Tratei de conhecer a governanta melhor para que nossa relação fosse boa. Sabia que ela trabalhava há muito tempo nessa casa, ou seja, conhecia tudo aqui, inclusive os gostos de Nicolo, o que era ótimo.

Assim que chegamos de viagem, Nicolo já teve que ir para a empresa conversar com Tommasso. Tínhamos ficado muitos dias afastados e ele precisava saber o que estava acontecendo, todas as novidades.

— Desculpe atrapalhar, patroa, mas tem uma visita para a senhorita — Claudia, a governanta, veio me avisar. Estava no meu quarto me maquiando. Terminei de passar o rímel e, então, falei:

— Já estou descendo, Claudia. Obrigada por me avisar!

— De nada, com licença, senhorita Caccini!

Ela me deixou sozinha. Terminei de me arrumar e, em seguida, desci, curiosa, para saber quem tinha vindo me visitar. Quando cheguei à sala, avistei Kiara com seu bebê no colo e Giulia. Fiquei surpresa ao vê-las.

— Olá — cumprimentei-as com um sorriso. — Que bom vê-las aqui. Tudo bem?

— Olá, desculpe a visita inesperada. Giulia estava curiosa para conhecê-la e confesso que eu também.

Kiara estava ainda mais linda, parecia que sua beleza tinha se acentuado após dar à luz. Era impressionante o quanto seu corpo tinha mudado em tão pouco tempo. Ela estava usando um vestido longo e folgado. Já Giulia usava calça e blusa, era uma menina linda e tinha os traços de Nicolo e Tommasso.

— Ah, eu também estava ansiosa para conhecê-las. Tudo bem, querida? — falei com Giulia que estava muda, parecia tímida.

— Sim — respondeu ela.

— Não ligue para o fato de ela não falar muito, Giulia é tímida com pessoas que não tem intimidade — explicou Kiara.

— Oh, sem problemas, também sou meio tímida — falei, sorrindo. — Você é muito linda, sabia? Nicolo fala muito sobre você.

— Obrigada. Você também é muito bonita — respondeu Giulia, reparei que ela não tirava os olhos do meu cabelo. — Você é ruiva natural?

— Sou sim — respondi, tocando meu cabelo. — Gosta da cor?

— É bem rara…

— Sim é — disse. — Confesso que adoro a cor do meu cabelo.

— Combina com você — elogiou Kiara. — A casa de vocês é muito linda, aliás. É minha primeira vez aqui, acredita?

— Sério? A primeira de muitas, pois adoro confraternização.

Kiara me olhou, cúmplice.

— É mesmo? Eu também! Tanto que estou pensando em fazer um evento em casa na próxima semana.

— Eu e Nicolo certamente estaremos presentes!

— Com certeza — respondeu Kiara.

— Agora que lembrei que não ofereci nada para vocês comerem e beberem. Que falta de educação. Querem algo para beber ou comer?

— Não obrigada — elas responderam.

— Bom, então, querem conhecer a casa?

— Adoraríamos — respondeu Kiara, sorrindo, então fui mostrar os cômodos da casa para elas.



Depois de mostrar a casa, Giulia resolveu se divertir na piscina e eu e Kiara fomos tomar sol na espreguiçadeira.

— Então, me diga, gostou da viagem de lua de mel? Nicolo tem te tratado bem? — perguntou Kiara.

— Tem sim, mais bem do que eu esperava, confesso. — Não sabia por que, mas confiava nela mesmo acabando de conhecê-la. — E a viagem foi incrível.

— Tenho vontade de conhecer as Bahamas também, dizem que é lindo lá.

— E é mesmo, perfeita para uma viagem de casal. Pena que nem tudo foi perfeito…

Kiara se sentou na espreguiçadeira, fitando-me com curiosidade.

— Aconteceu algum problema na viagem? — perguntou. — Pode se sentir livre em desabafar comigo, o que conversarmos não sairá daqui.

— Sinto que posso confiar em você — falei, sentando-me também. — Um homem tentou me agarrar na praia e Nicolo… Bem, arrancou as mãos do homem.

Kiara ficou abismada.

— Ele arrancou as mãos do homem na sua frente?

— Sim — falei, soltando um suspiro. — Nicolo me deixa assombrada com algumas atitudes.

— Nossa… Realmente foi algo assombroso, mas pensando bem, acho que meu marido não agiria diferente. Tommasso é muito ciumento, este tipo de ação é algo normal para eles. Infelizmente, para nós não…

— Acha que seu marido faria o mesmo?

— Se pegasse outro homem tentando abusar de mim? — Kiara sorriu, imaginando. — Garanto que faria bem pior.

— Eu não sei se consigo me acostumar com isso — murmurei, olhando o céu.

— Você vai, depois que passa a ser essa nossa realidade uma hora ou outra nos acostumamos e o pior, gostamos — comentou ela. — Acredite. Eu sofri muito no início do meu casamento com Tommasso, porque o odiava. Nunca pensei que um dia iria amá-lo e olha eu aqui hoje. O amo, sou apaixonada e adoro nossa vida. Quem sabe o mesmo não acontece com você?

Olhei para ela e sorri, esperançosa.

— Quem sabe…



1 mês depois

— Claudia, você contratou novos funcionários? — perguntei a governanta após ver rostos estranhos circulando pela minha casa.

— Sim, algumas novas faxineiras, patroa. Alguma objeção?

— Não, nenhuma, somente estranhei pessoas que não conheço circulando pela casa — respondi e, em seguida, senti meu estômago embrulhar. — *Ah, mio Dio*.

— A senhorita está bem? Seu rosto está pálido…

Eu não consegui respondê-la, somente corri até meu quarto, entrei no banheiro e me ajoelhei em frente ao vaso, vomitei todo meu café da manhã.

— Olá, a senhorita está passando mal? Precisa de ajuda!? — Ouvi uma voz atrás de mim. Levantei-me e pousei a mão na barriga, estava péssima, muito enjoada. Olhei em direção a mulher e vi uma das faxineiras que Claudia contratou. Ela parecia preocupada comigo. Seu rosto era marcante, o cabelo loiro, era muito bonita para uma faxineira.

— Não, obrigada. Já estou melhor. Você é nova aqui? — Ela assentiu, olhando-me com curiosidade demais para uma funcionária

— Sou. Pode me chamar de *Cate*, senhorita. Estou limpando o seu quarto e de seu marido.

Não sei por que, mas senti uma sensação estranha ao ouvi-la falar seu apelido. De cara senti um pressentimento estranho vindo dela.



CAPÍTULO 19

Nicolo

Cheguei em casa, ansioso, para ver Sienna. Estava trabalhando muito ultimamente e não via a hora de ter um tempo a mais para minha esposa. Semana passada, descobrimos a máfia que estava nos atacando. Eles eram da máfia Ferraro, que era comandado por Luigi Ferraro, com um propósito que ainda desconhecíamos, mas imaginávamos que queriam um confronto conosco, ou apenas estavam dispostos a roubar nossas cargas que eram muitas para ganharem dinheiro às nossas custas. Já estamos planejando um ataque contra eles, precisamos mostrar nossa força, e não devemos dar abertura para que eles atentassem contra nós outra vez.

Entrei no meu quarto e de Sienna, e a encontrei sentada na cama, com a mão na barriga, ela parecia que estava passando mal. Fui até ela, sentindo a preocupação me abater.

— O que houve, *bambina*? — perguntei, abaixando-me para fitar seu rosto de frente. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Não sei, acho que estou com uma intoxicação — murmurou. — Não consigo parar de vomitar. Não estou passando bem.

— Por que não me chamou? Ou um médico?

— Não achei que fosse necessário, achei que passaria em breve…

— Cacete, Sienna! — resmunguei, repleto de preocupação. Seu rosto estava pálido demais. — Você devia ter me ligado, *amore*, eu teria deixado o trabalho e vindo correndo — falei e senti uma presença na porta, como se estivéssemos sendo observados, olhei para ver se tinha alguém, mas não vi nada, no entanto, ouvi passos em seguida no corredor. — Vem, vamos para o hospital.

— Ok — murmurou Sienna e a ajudei a se levantar. Mas antes mesmo de dar um passo, ela desmaiou em meus braços.

— *Amore*… — resmunguei, preocupado. — Inferno!

Peguei-a em meus braços e a levei para o andar de baixo. Tinha que levá-la o mais rápido possível ao médico.



Estava aguardando notícias do médico sobre Sienna. Precisava muito saber se ela estava bem. Estava muito preocupado com minha esposa. O médico estava demorando muito para dar uma notícia.

Horas se passaram, até que o médico veio falar comigo.

— Doutor, por Deus. Me diga como está minha esposa!

— Sua esposa está bem agora. Ela já foi medicada e está descansando.

— O que ela tem?

— Ela está grávida, por conta da má alimentação e dos enjoos excessivos, sua esposa desmaiou. Ela não tem se alimentado bem para manter a criança.

Senti o sangue se esvair do meu rosto.

— E como devemos seguir a partir de agora?

Tentei me controlar, mas, no fundo, estava à beira de um colapso nervoso.

— Vou passar uma dieta que ela tem que seguir à risca. Vou precisar examiná-la pelo menos duas vezes na semana para checar se está tudo bem com a saúde dela e do bebê.

— Está bem, doutor, posso vê-la já?

— Pode, mas por apenas dez minutos, depois disso ela tem que descansar.

Assenti e me dirigi até o quarto onde ela estava. Entrei, sentindo meu coração acelerado. Por sorte, Sienna ainda estava acordada.

— Nicolo… — sussurrou ela.

— Estou aqui, *bambina* — falei parando diante dela.

— Você soube? — ela perguntou em um fio de voz, e assenti.

— O médico me contou — respondi. — Você está esperando um filho meu, *bambina*.

Ela desviou o olhar do meu, parecendo triste.

— Estou…

— Está tudo bem, você ficará bem e o bebê também. Apenas descanse.

— Certo, *amore*.

Senti um aperto no peito ao ouvi-la me chamar de *amore*, eram raras às vezes que ela deixava escapar.

Observei-a dormir por um tempo, mas quando escureceu tive que voltar para casa, para tomar um banho e trocar de roupa, depois voltar ao hospital.

Assim que cheguei em casa, dei a notícia da gravidez de Sienna a Tommasso, Lorenzo, Andrea e a Claudia. Depois, subi para meu quarto, pois precisava de um banho.

Estava conformado que seria pai e, no fundo, até mesmo feliz. Imaginei uma criança correndo pela casa, fazendo companhia a Sienna nos dias que ficava fora a trabalho. E pensei que seria divertido ensinar meu filho as brincadeiras que gostava quando era pequeno, se fosse uma menina adoraria mimá-la…

Entrei debaixo dos jatos gelados, precisava esfriar a cabeça e o corpo, era novidade demais para um dia só.

Terminei o banho, enxuguei-me com a toalha e a enrolei em volta da cintura. Saí do banheiro e me assustei ao dar de cara com

Caterina, pelada, bem na frente da minha cama e de Sienna. O que diabos ela fazia aqui…

— Nicolo meu amor, senti saudades…

— Caterina, o que diabos faz em minha casa? Quem deixou você entrar?

Ela sorriu e veio até mim, nua. Senti-me incomodado com a situação. Iria matar quem foi o responsável por essa louca entrar em minha casa.

— Eu fui contratada como faxineira — contou. — Agora vamos ficar próximos de novo, meu amor…

— Você enlouqueceu, porra? Vista-se agora mesmo! — ordenei, à medida que ela se aproximava de mim, Caterina tentou me beijar, desviei, mas não obtive tanto sucesso. Ela conseguiu encostar nossos lábios. Limpei a boca, sentindo repulsa. — Não se aproxime de mim, caso contrário vou cometer uma loucura! — ameacei.

— Você não está sentindo minha falta, *amore*? — perguntou, triste pela minha recusa, — Pois eu estou, não aguento ficar sem você, Nicolo. Vamos ser amantes… eu garanto que não conto nada à sua esposa, ninguém ficará sabendo.

— Eu nunca trairia, Sienna! Nunca! — rugi, furioso. — Eu vou te matar se não sair daqui agora, Caterina. Você está louca de se meter dentro da minha casa! Não vê que não quero mais você? O que tínhamos acabou há meses!

— Eu sei que você me ama, Nicolo… somente tem receio em trair sua esposa por conta dos mandamentos da máfia… Mas se ninguém descobrir, não tem problema!

— Cale-se e se vista, agora!

Dei as costas para ela, não conseguia mais olhá-la nua. Era estranho demais, não era como nos velhos tempos que sentia desejo quando via, pelo contrário, estava constrangido com a situação, não sentia mais tesão ao olhá-la, apenas por minha esposa e mãe do meu filho. Sienna.

— Você não me quer mesmo? Vai dizer que está apaixonado por aquela tonta? — bradou ela. — Eu vi vocês. Vi a forma que trata ela… nunca o vi ser tão carinhoso com alguém, Nicolo. Não entendo o porquê é assim com ela.

Virei-me e olhei em sua direção.

— Deve ser porque ela é minha esposa. Porque agora tenho o dever como marido de protegê-la. E acabo de descobrir que serei pai, Caterina. Sienna e eu teremos um filho — contei, ela começou a

chorar, estava chocada. — Você não faz mais parte da minha vida, entenda isso. Somente Sienna e meu filho me importam agora.

— Eu não consigo viver sem você…

— Procure uma forma de conseguir então, ou morra. Estou sendo piedoso com você mais uma vez, Caterina, pois poderia ter me livrado de você há meses. Agora eu te juro, se você voltar a me procurar ou chegar perto de minha esposa, eu a matarei com minhas próprias mãos. — Ela estremeceu com a minha ameaça. Aproximei-me dela, esquadrinhando-a de cima a baixo, mesmo nua. — Você me dá pena. E seu corpo não tem mais nenhum efeito sobre mim. Sinto muito que tenha se apaixonado por mim.

Ela piscou sem parar e tocou meu pau por cima da calça, decerto que para comprovar se realmente não sentia mais desejo por ela.

— Vou para longe e não vou mais voltar. Não se preocupe… desejo a você, Nicolo, que sinta a dor de perder uma pessoa que você ama. Quero ver você sofrer o mesmo que eu.

Essas foram suas últimas palavras antes de sair, deixando-me sozinho no quarto. Depois me certifiquei de que nunca mais ela colocaria os pés aqui. De madrugada, quando estava prestes a voltar ao hospital, tive a notícia que Caterina havia se suicidado. Encontraram seu corpo, com uma corda no pescoço no quarto do bordel, onde costumávamos nos encontrar.

A culpa pela sua morte me corroeu é só acreditei que ela havia morrido quando eu mesmo olhei o corpo.



Sienna

Eu estava grávida…

E não conseguia aceitar esse fardo. Quando ouvi o médico dizer, não acreditei, não podia ser verdade. Estava mesmo esperando um filho de Nicolo. Eu não queria ser mãe, não estava pronta, me desesperei ao me imaginar dando à luz. Eu não queria esse bebê, por mim ele nem existiria.

Fechei os olhos e chorei e só consegui pegar no sono após a medicação. Fui acordar só à noite. Mandei mensagem para Nicolo, liguei para saber se ele viria ainda ao hospital, mas ele não respondia. Então, na intenção de saber o que ele estava fazendo, conferi a câmera do nosso quarto. Sim, tínhamos câmera no quarto, ele resolveu colocar em toda a casa, menos nos quartos de hóspedes e banheiros. Franzi o cenho, ao ver Nicolo com uma mulher pelada no quarto. Aumentei o som para escutar o que falavam. Então, ela era a Caterina… a faxineira que veio falar comigo mais cedo, preocupada. *Dio mio!*

Tinha que confessar que a atitude de Nicolo me surpreendeu, ou melhor, me encantou. A forma que ele a dispensou, sendo fiel a mim. Será que ele tinha se lembrado da câmera, por isso não agiu diferente e? Mas ele parecia tão sincero…

A forma que ele falou do nosso filho… como se adorasse a ideia de ser pai. Me deixou surpresa e feliz. Toquei minha barriga e soltei um suspiro. Se Deus me mandou esse bebê, tinha um motivo. Só ainda não sabia qual…



No dia seguinte, Nicolo veio me buscar no hospital e me levou para casa. Ele não tinha vindo de madrugada, estranhei e queria saber o porquê.

Assim que chegamos em casa, ele me carregou até o quarto e me colocou na cama.

— Nicolo. Tenho que te contar uma coisa.

Ele observou o meu rosto, atento.

— Conte, *bambina*.

— Eu vi você pela câmera do quarto ontem, com a Caterina.

Ele me fitou, surpreso.

— Viu?

— Sim, e ouvi tudo — falei. — Seu comportamento me surpreendeu, confesso.

Ele passou a mão pela barba.

— Só cumpri o meu dever — falou. — Ontem não voltei para o hospital porque aconteceu algo muito sério.

Meu cenho se franziu, notei que seu olhar estava mais triste.

— O que houve?

— É sobre Caterina… — contou. — Ela está morta.

Fiquei assustada no mesmo minuto.

— Como? *Dio mio!*

— Depois de eu ter a expulsado, recebi a notícia de que ela tinha cometido o suicídio — explicou, deixando-me perplexa

— Não pode ser, Nicolo… coitada!

— Isso aconteceu por minha culpa, Sienna. Eu que causei tudo isso. — Ele desviou o olhar do meu rosto, vi o seu se contorcer de raiva de si mesmo. Toquei sua mão, tentando consolá-lo.

— Você não tem culpa de nada. Nicolo. Ela já parecia estar transtornada, não soube lidar com o fato de você não ser mais dela e acabou cometendo essa loucura. A culpa não é sua, você tentou fazer com que ela seguisse sua vida, deu chances para isso.

— Sim, Sienna, é minha culpa, pois tenho o hábito de destruir tudo que toco — respondeu, a voz amarga. — Eu destruí Caterina e, certamente, destruirei você também. Porque é isso o que acontece com quem se relaciona comigo, são consumidos pela minha escuridão.

Ele ficou de pé e antes que eu pudesse falar algo a mais, Nicolo saiu do quarto. Senti um nó se formar em minha garganta.



Fazia dois dias que Nicolo estava estranho, chegava tarde do trabalho e apenas dormia. Ele mal falava comigo, a não ser para perguntar se estava bem, se tinha me alimentado conforme fora indicado pelo médico. A morte de Caterina mexeu com ele, deixando-o mal pelo que notei. Precisava confessar que senti ciúmes ao vê-lo sofrendo por outra mulher, ainda por cima morta.

Estava assistindo TV no quarto, era de noite e estava tentando me manter acordada para conseguir falar com Nicolo quando chegasse do trabalho. Ouvi a porta ranger e me sentei na cama. O quarto estava escuro, somente a luz que vinha da televisão o iluminava. Mesmo no escuro consegui vê-lo, todo sujo de sangue, indo em direção ao banheiro. Senti meu coração disparar e no mesmo instante pulei da cama, e segui atrás dele. Liguei a luz do quarto e nossos olhares se encontraram. Engoli em seco, nunca tinha o visto tão sujo assim de sangue.

— Nicolo? Está tudo bem?

Seu olhar percorreu meu corpo, certamente reparando que estava vestindo um dos pijamas vermelhos transparentes que tanto mexia com ele. Ele não respondeu, e sim me assustou ao vir até mim, rapidamente, calado, como uma fera pronta para dar o bote. Não me movi um centímetro. Senti seu cheiro forte, misturado com sangue, ele estava sem camisa, as tatuagens estavam cobertas de vermelho. Nicolo parou diante de mim e sem aviso prévio colou nossos lábios, de maneira luxuriosa e feroz. Senti meu batimento cardíaco acelerado, ao mesmo tempo em que todo meu corpo reagiu de imediato a ele.

— Nicolo…

— Não fale nada, só me beije, seja minha — falou contra meus lábios, ele parecia estar em completa agonia. Suspirei em sua boca. Nicolo me impulsionou, fazendo-me rodear as pernas no seu

quadril. Enquanto ele me carregou até o banheiro, não paramos de nos beijar por um segundo sequer. Sentia minha boceta molhar e não via a hora de senti-lo dentro de mim.

Nicolo me encostou na parede do chuveiro, senti a frieza da parede em minhas costas, arfei. Ele ligou o chuveiro e a água começou a cair em nós, molhando e limpando o sangue de seu corpo.

— Eu ardo por você, Sienna — murmurou, olhando-me nos olhos, quase me perdi em toda aquela intensidade. — Senti falta de você, da sua pele, da sua boca. Eu acho que estou me apaixonando por você, *bambina.*

Sua declaração me deixou em choque, nunca esperei ouvir tais palavras saindo de seus lábios.

Ele havia mudado muito, já não era mais o mafioso que conheci dentro daquela cela de cativeiro, e isso me amedrontou muito, pois por esse Nicolo eu poderia me apaixonar.



CAPÍTULO 20

Sienna

Ele encostou a testa na minha enquanto a sua respiração batia forte contra meu rosto.

— Tem certeza?

Fiquei abalada com sua declaração.

— Tenho. Não paro de pensar em você por um minuto sequer — falou, salpicando beijos pela minha clavícula. — Me sinto fraco e impotente, porque antes só a minha vida e a dos meus irmãos me importava, agora, somente em imaginar algo acontecendo a você…

Seu rosto se contorceu repleto de pavor. Passei a mão pela sua pele e beijei sua bochecha, carinhosamente.

— Nada vai acontecer comigo com você sendo meu protetor!

Nicolo me olhou, apaixonado.

— Vou cuidar de você sempre, minha *bambina*, sempre — sussurrou. — E lutarei pelo seu perdão, pelo seu amor, até o resto dos meus dias se precisar — garantiu, sincero. — Agora preciso de você. Preciso te sentir… — Sua voz estava rouca.

Ele me colocou no chão novamente, virou-me para a parede, empinei a bunda e senti sua mão tirando minha calcinha. Esperei ansiosa e gemi alto quando ele entrou em mim. Nicolo puxou meu cabelo enquanto me fodia, brutalmente, escutei-o chamando meu nome, sussurrando com desejo e amor.

E percebi que também estava começando a ficar, perdidamente, apaixonada por ele, na verdade, tinha grandes possibilidades de já estar.



— Um jantar aqui em casa? — perguntei a Nicolo, enquanto ele fazia massagem em meus pés, dentro da banheira. — Achei que seria na casa de Tommasso.

— Prefiro fazer aqui, assim você pode decorar a casa para o Natal da maneira que desejar. Além do mais, todos querem comemorar a sua gravidez, *amore mio*.

— Verdade, né. Será bom até ser aqui mesmo, aí poderei chamar meu irmão…

Nicolo não pareceu se chatear por citar Giuseppe.

— Sim, faça uma lista de pessoas que deseja convidar e me encarrego de enviar os convites — falou. — Com quantos meses dá para descobrir o sexo do bebê?

— Não faço ideia, mas acredito que depois do quarto mês — respondi. — Por quê? Está curioso para saber se é um menino, não é?

Nicolo sorriu de canto, assentindo.

— Sim, embora para mim tanto faz se for um menino ou uma menina — disse.

— Espero que seja uma menina para te dar trabalho quando tiver vários pretendentes disputando-a.

O rosto de Nicolo nublou, enciumado.

— Deus me livre, eu mataria todos, por isso acho melhor para todos que seja um menino — falou, rindo, e me surpreendeu por tocar minha barriga. — Quero ter muitos filhos com você, Sienna.

— Vamos com calma, meu mafioso, pois parto não é um momento agradável, além de que, vou engordar e ficar com a pele flácida.

— Continuará linda — disse, interrompendo-me. — E caso não fique satisfeita com seu corpo, temos dinheiro para você mudá-lo e transformá-lo, quantas vezes necessário for, com os melhores cirurgiões.

Abri um sorriso, malicioso, e toquei meu seio, Nicolo captou o movimento com o olhar.

— Então quer dizer que se eu quiser colocar silicone, deixar meu peito turbinado você iria permitir? — Arqueei a sobrancelha, provocando-o.

— É claro que não, desculpe, *bambina*, mas amo seus peitos naturais, adoro o tamanho deles. São preciosos para mim — disse em tom cafajeste.

— Que pena, queria tanto — menti, fazendo um biquinho, e ele me puxou para cima dele.

— Nem pense nisso. Seus seios já se destacam perfeitamente nos vestidos que você usa, imagina com silicone, porra, iria infartar de ciúme.

Ele mordiscou meu lábio inferior.

— Você é muito ciumento, sabia? — Passei os dedos pela sua barba.

— Só com você, *amore* — resmungou. — Somente você me desperta o sentimento de posse.

Dito isso, para afirmar seu lado possessivo ele me beijou, prendendo-me em seus braços.



Eu realmente adorava o Natal, sempre gostei. Não tinha nada melhor que a família reunida, em volta da mesa, cheia de coisas gostosas para comer. Escolhi usar um lindo vestido vermelho com abertura nas costas, que valorizava meu tom de pele. Calcei um salto alto e depois de pronta, Nicolo e eu descemos para recepcionar os convidados.

— Posso não ter dito lá em cima, mas você está linda demais, especialmente hoje — Nicolo sussurrou em meu ouvido enquanto descíamos as escadas.

— Você também não ficou nada mal com seu smoking — respondi, ele sorriu e beijou rapidamente minha mão.

Os primeiros convidados a chegar foram meu irmão e sua esposa. Não contive minha alegria ao vê-lo. Cumprimentei ele e a sua esposa com um beijo no rosto.

— Que bom que vocês vieram. É bom revê-lo, *fratello*, estava morrendo de saudades.

— Não perderíamos seu jantar por nada, *fratella*. Meus parabéns pela gravidez, que venha com saúde.

Sorri para Giuseppe e o abracei mais uma vez e o escutei falar no meu ouvido: “você sempre será a minha menina, mesmo agora tendo desabrochado e virado mulher. Eu te amo, *fratella*, seja feliz e forte”. Fitei os seus olhos agradecida pelas suas palavras. Nicolo também os cumprimentou. Depois, foi a vez de Kiara e Tommasso chegarem, então Lorenzo e Andrea. Logo todos da sociedade estavam na nossa casa. Notei que Lorenzo não tirava os olhos de uma mulher, que, aliás, era lindíssima durante o jantar. Era impressionante a beleza dela, notei que ela tinha uma irmã ou eram da mesma família, pois ficavam juntas e tinham traços parecidos. A outra moça também atraía olhares, mas não era pela sua beleza e sim porque ela caminhava com um certo desnível entre as pernas. Mesmo assim ela não se abalava, e nem deixava de frequentar os eventos.

— Gostaria de fazer um brinde — começou Nicolo, erguendo a taça, no meio da ceia. — Um brinde ao meu filho, meu herdeiro a caminho e ao nascimento de Vicenzo, o herdeiro da máfia Caccini.

Todos brindamos, felizes.

Após o jantar, todos foram para o jardim e alguns ficaram na sala. Estava satisfeita com toda comida e agradecendo por não ter enjoado. A pior parte da gravidez era o enjoo, além do sono que sentia toda hora. Olhei para Nicolo, que estava conversando com seu irmão a sós, quando ele meneou a cabeça em minha direção pressentindo que estava o olhando. Ele sorriu e fez sinal para ir até o escritório depois, assim ficaríamos um pouco a sós. Já imaginava o que ele queria comigo… Nicolo adorava brincar com perigo, transar correndo o risco de sermos pegos, e tinha que confessar que eu também.

— Você tem sentido muito enjoo, Sienna? Pois, eu senti muito durante minha gravidez, e também senti desejos muitos estranhos, dei muito trabalho para Tommasso — contou Kiara, estávamos conversando no jardim.

— Sim, estou sentindo muito enjoo, você não faz ideia, é terrível…

— Mas já, já passa. Te garanto que é só no começo esses sintomas, algumas têm a sorte de não sentir nada.

Ela suspirou, pesadamente, e eu assenti. De repente senti um cheiro estranho, ao mesmo tempo que uma sensação esquisita me tomou. Procurei Nicolo com o olhar e toquei minha barriga. Sempre que sentia essa sensação algo ruim aconteceria.

— Você viu Nicolo, seu marido ou Lorenzo? — questionei em direção a Kiara, desconfiada.

— Não. Eles estavam bem ali, agora não estão mais — respondeu, franzindo o cenho. — Por quê? Está se sentindo bem?

— Não, Kiara, estou com uma sensação estranha, muito estranha — murmurei, sentindo um calafrio. De repente uma ventania começou, o tempo começou a mudar. Segurei na mão de Kiara e pedi: — Vem comigo, vamos sair daqui, agora!

Ela não entendeu o que estava acontecendo para que eu quisesse sair às pressas de casa, mas me seguiu, só que antes de conseguirmos chegar perto do portão, um barulho estrondou por todo lugar. Só deu tempo de olhar para trás e ver a sala de casa explodir.

Minha vista estava escura, não conseguia escutar nada além de um forte barulho ensurdecedor. O impacto da explosão me fez ir ao encontro do chão, na mesma hora senti uma forte dor na barriga. Abri os olhos e virei o rosto, vi Kiara, também no chão, com a cabeça sangrando, desacordada. Estava prestes a apagar

novamente, já não conseguia me manter acordada, quando vi Nicolo aparecer em meu campo de visão, desesperado, ele parecia uma miragem, um sonho, minha visão estava distorcida. Ele veio até mim e me balançou em seus braços.

— Não feche os olhos, Sienna, não faça isso comigo! — ele gritava, desesperado, seu rosto ficou molhado por lágrimas e ele tocou minha barriga. Tommasso estava tão desesperado quanto ele, tentando socorrer Kiara. — Nosso filho…

Os olhos de Nicolo ficaram nublados pelo choro, ele olhou minha barriga acompanhar meus olhos. Reparei que meu vestido estava manchado, mas não conseguia identificar do quê. Meu corpo começou a ficar cansado, era quase impossível manter os olhos abertos, comecei a sentir uma paz e me permiti ser abraçada pela escuridão.



CAPÍTULO 21

Nicolo

Parecia que estava dentro de um filme de terror. Por todo lugar que olhei tinha corpos, alguns até mutilados. Alguém havia implantado uma bomba em minha casa, e eu sequer imaginei essa possibilidade. Tudo aconteceu quando Tommasso, Lorenzo e eu fomos resolver algo no escritório, que por sorte ficava bem longe da sala, mesmo assim o barulho e o estardalhaço chegou em nós. No mesmo instante, Tommasso e eu corremos para achar nossas esposas, sabíamos do risco de ter outra bomba que poderia nos atingir, mas nem pensamos nisso, somente queríamos achar Kiara e Sienna bem.

Procurei na sala, temendo que ela fosse uma das vítimas. Ninguém que estava na sala sobreviveu. Eu vi os corpos de diversos *capos* e suas esposas. Estava tentando manter meu sangue frio, mas não consegui ao ver Andrea, partido ao meio, em minha sala. Desabei, sentindo um medo, pânico, que nunca havia sentido antes na vida. Se algo assim tivesse acontecido a Sienna, eu não sabia o que seria capaz de fazer… Estava prestes a sair da sala, quando vi um homem com o mesmo terno que Giuseppe estava usando quando chegou a festa, mas o corpo estava sem a cabeça.

Dio mio, Giuseppe Biachi estava morto.

Senti todo meu corpo estremecer e corri para o jardim ao ver uma mulher com vestido vermelho rasgado, parecida com Sienna. Quando me aproximei, notei que Kiara estava perto dela, chamei Tommasso, que veio correndo, desesperado, para socorrer a esposa.

Meu coração quase saltou do peito ao segurar Sienna, percebendo que ela estava sangrando e pálida. Os seus olhos estavam ainda abertos, o que podia ser um bom sinal, mas ainda assim estava muito preocupado. Gritei para que ela ficasse acordada, então vi sua barriga e toquei, notando que ela estava sangrando. Senti-me sufocar no mesmo instante. Eu não podia perdê-la, muito menos o meu filho.

As ambulâncias chegaram, rapidamente, assim todos os feridos puderam ser levados até o hospital. Fui acompanhando Sienna, segurando sua mão. E, por um segundo, fechei os olhos e clamei por Deus, implorando que ele me escutasse, que não me deixasse perder minha esposa e filho.

— Cadê a porra do médico para dar uma notícia — vociferou Tommasso em desespero, quando já estávamos no hospital. — Quero saber agora mesmo, Lorenzo, os mandantes desse atentado contra nós. Quero a cabeça de todos. Eu vou matá-los da pior forma, farei com que eles se arrependam amargamente de todas as vidas que eles tiraram.

— Onde está Andrea? — rugiu Lorenzo. — Precisamos do nosso *caporegime*.

Senti um aperto no peito, não conseguia raciocinar direito.

— Morto — respondi. — Eu vi Andrea na sala, partido ao meio. Giuseppe Biachi também está morto, muitos estão…

— Caralho — esbravejaram os dois juntos. — Isso não pode ser real…

— Mas é. Erramos muito quando subestimamos essa máfia Ferraro. Eles são ainda piores que os Biachi — gritei fora de mim. — Minha esposa e meu filho agora estão entre a vida e a morte, se eu perdê-los…

— Minha esposa também está, Nicolo. Estou sentindo a mesma impotência que você! — vociferou Tommasso.

— Por sorte Ambra e a irmã foram embora mais cedo da festa, e estão bem — acrescentou Lorenzo. — Se Ambra estivesse lá…

— Cacete, Lorenzo, você nem é casado com essa mulher. Por que não resolve logo isso e para de babar por ela pelos cantos? Não compare uma paixonite com nossas esposas! — rosnei, furioso, em frente ao rosto de Lorenzo, sabia que estava passando dos limites, mas o ódio queimava em minhas veias. Precisava gritar e despejar em alguém.

— Não vou discutir contigo, Nicolo, pois entendo a sua fúria. Vou ver o estrago da explosão e contatar as famílias — avisou Lorenzo antes de sair, nos deixando a sós.

Horas se passaram até o médico aparecer para nos dar uma notícia.

— Como elas estão? — perguntamos, desesperados.

— A paciente Kiara Caccini, sofreu uma concussão devido a uma batida, por isso o desmaio. Ela já foi atendida e está bem, só precisa ficar em observação para saber se a batida causou algum problema mais grave — explicou o médico e Tommasso soltou uma lufada de ar.

— E Sienna, doutor? — perguntei, ansioso

— Já a paciente, Sienna, não tenho boas notícias — disse. — Ela sofreu um aborto espontâneo após a queda brusca na explosão. E agora está medicada, em observação. Fora o aborto, a paciente se encontra instável, digo emocionalmente, não teve nenhum machucado ou fratura séria, agora o que nos resta e esperar e…

Enquanto o médico falava, minha mente viajou para Caterina, as suas últimas palavras para mim vieram à minha mente.

“Desejo a você, Nicolo, que sinta a dor de perder uma pessoa que você ama. Quero ver você sofrer o mesmo que eu.”

Sinto como se estivesse pagando por tudo que fiz na vida. Por tudo que fiz com Sienna, com Caterina e outras pessoas que passaram por minhas mãos. Estava prestando contas com o destino, e não sabia se seria forte o suficiente para lidar com todas essas adversidades.

Perdi meu filho e poderia perder Sienna também. Senti como se parte de mim, tivesse partido junto com o bebê que não pude conhecer, mas que o amei de uma forma avassaladora.



No dia seguinte, o médico permitiu que eu entrasse no quarto para ver Sienna, que já havia acordado. Ela estava pálida e nem me olhou quando entrei. Estava encarando o teto, com os olhos tão tristes como nunca tinha visto antes.

— Você está bem, *amore*? — perguntei, tocando sua mão. Ela negou, deixando uma lágrima escorrer.

— Não. Eu o perdi — sussurrou, tocando a barriga. — Perdi nosso filho, Nicolo!

— Sinto muito, *bambina*, eu não estou conseguindo nem lidar com isso também. Queria muito que tudo fosse mentira, e não tivesse passado apenas de um pesadelo…

— Muitos morreram, né? — perguntou, virando o rosto em minha direção. — Kiara?

— Kiara está bem, Lorenzo e Tommasso também.

Estava sem coragem de contar o que tinha acontecido com seu irmão.

— E meu irmão? — perguntou. — Andrea?

Os olhos de Sienna estavam vermelhos de tanto chorar.

— Não posso mentir para você — falei ao ver seus olhos se arregalarem. — Eles estão mortos.

Sienna cobriu a boca e começou a chorar convulsivamente. Virei-me, não aguentando olhá-la chorar. Sua dor doía mais em mim.

— Meu Deus! — sussurrou em um fio de voz. — Não pode ser, Giuseppe não pode estar morto.

— Sinto muito, Sienna, foi uma tragédia!

— Como isso aconteceu? Como vocês permitiram? Meu irmão tá morto por minha culpa, pois ele veio a meu pedido — gritou, virei-me e tentei acalmá-la. — Meu filho também morreu… meu bebê.

— Não tínhamos como prever, Sienna. Foi uma tragédia.

Ela fechou os olhos.

— Isso não pode estar acontecendo… não pode. — Tentei segurar sua mão, só que ela me empurrou. — Saia daqui, Nicolo! Me deixe sozinha!

— Não!

— Saia! — esbravejou, furiosa, como nunca vi antes e tive que deixá-la sozinha, pensando em sua saúde, pois não podia ficar

exaltada. Sentia-me ainda mais culpado por tudo ao ver a reação de Sienna. Eu merecia mesmo sua fúria, pois tinha falhado em protegê-la e meu… filho!



Sienna

2 meses depois

Fazia dois meses que tudo tinha acontecido, mas parecia que tinha sido ontem. A tragédia mudou tudo, causando discórdia, mágoas e uma nova guerra. Nicolo e eu mudamos de casa, resolvemos construir quase uma fortaleza e nos certificaríamos de que nada nos atingiria. Eu não conseguia mais ficar feliz, e nem chegar perto de Nicolo. Não era que tivesse culpa pelo que tinha acontecido, só que não sentia mais vontade de sair do quarto, nem de comer, muito menos de fazer nada.

Meu irmão estava morto, meu filho também. Sentia-me devastada. Tinha emagrecido, perdido o brilho e não sabia se conseguiria mais sair da profundeza onde havia me colocado.

Apesar de triste também, Nicolo tentava me animar. Sempre fazia algo para me agradar, mas não conseguia. Só tinha vontade de ficar no quarto, sozinha até que a solidão me consumisse por completo.

Por meses foi assim, mas isso estava prestes a acabar, eu só não sabia ainda.

Nicolo entrou dentro do quarto, acendeu a luz e veio até mim. Continuei deitada, nem o olhei. Ele se sentou na cama.

— Em todos esses anos nunca deixei nada me abalar, nunca me permiti amar ninguém como amo você — murmurou ele. — Quando soube que ia ser pai fiquei amedrontado, mas, mesmo assombrado, eu amei a ideia de me tornar pai de um filho seu, era tudo que mais queria. E quando perdi meu filho no dia da tragédia, foi como se tivesse perdido o meu coração também, mas naquele dia infelizmente não perdi apenas meu filho. Eu te perdi também — continuou ele. — E não aguento isso. Te ver viva, mas sem vida é pior que se estivesse dentro de um caixão. Sinto a sua dor todos os dias, não sei mais o que fazer para ajudá-la. Não tenho mais forças para lidar com isso. Não quero mais te ver assim. Então a única coisa que posso fazer é deixá-la ir. Decidi que me mudarei da Sicília por um tempo, me manterei afastado. Eu te amo, mas vou te deixar livre para fazer o que tiver vontade, Sienna. Quem sabe assim você consiga recuperar sua vida.

Senti meu estômago se revirar ao escutar suas palavras, não o respondi, mas observei quando saiu do quarto. Senti meu coração bater forte.

Nicolo ia me deixar… Eu iria perdê-lo.

Sentei-me na cama, tentando raciocinar sobre tudo. Não sabia o que fazer, ou que decisão tomar, só sabia que não podia ficar sem ele.

Então, depois de meses, tomei um banho caprichado e me arrumei, decidida a ir atrás do meu marido para reatarmos de onde paramos.



Nicolo estava prestes a embarcar, quando entrei no jato e o impedi. Quase que não cheguei a tempo. Ele estava sentado na poltrona e seu olhar se iluminou ao me ver.

— Sienna, o que faz aqui? — Ele se levantou da poltrona e veio até mim. Eu estava sem fôlego e, completamente, apavorada com a possibilidade de perdê-lo.

— Vim pedir para você… — falei, rapidamente, dando uma pausa no final —, ficar!

Seu rosto se contorceu, a tristeza se esvaiu.

— Você quer que eu fique? — perguntou baixinho, e parou diante de mim. Senti o seu cheiro me invadir e depois de tempos,

reparei novamente na sua beleza. Fitei seus lábios sentindo vontade de beijá-los.

— Quero — respondi. — Preciso de você, Nicolo, não me deixe. Se eu ficar sem você não sei mais se conseguirei seguir em frente, porque mesmo estando no fundo do poço o que me mantinha viva era o fato de você estar ali, recolhendo meus caquinhos. Eu te quero comigo. Eu te amo, Nicolo Caccini. — falei. — Você cometeu erros, agiu como um monstro, e esse pode ser meu maior erro cometido, mas não me importo, pois, no fundo, sempre soube que você não era o vilão da minha história, nem o mocinho, você é apenas você. Um homem de personalidade forte, terrível, que deixaria o mundo queimar para proteger quem ama, mataria mil pessoas para defender apenas uma. Eu não lamento amar ou querer você, Nicolo.

Ele sorriu e me ergueu em seu colo, beijando-me em seguida. Somente quando senti o toque da sua boca na minha e seu gosto se misturou com meu que percebi o tamanho da minha saudade.

— Inferno, que saudades eu senti disto! — rugiu em meus lábios, encostando sua testa na minha e prendendo minha cintura com as mãos. — Nunca mais vou largá-la, entendeu? Nunca mais!

— Então não largue — sussurrei, passando a mão pelo seu pescoço. — Me faça sua, Nicolo! — implorei. — Aqui e agora. Preciso de você. Estou com saudades.

Vi seu rosto se contorcer de desejo e ele se esfregou em mim. Antes de mais nada, segurou a minha mão e a levou em direção ao seu peito, que batia disparado.

— Está sentindo as batidas? — perguntou e assenti. — Ele só bate assim por você, *bambina*, só por você!

Fiquei emocionada e sem palavras.

— Ah, Nicolo…

Ele passou a mão pelas minhas costas e me beijou, profundamente. Com volúpia e tesão.

— Você é minha e eu sou seu, sempre e para sempre, minha *ragazza*!

Desmanchei-me em seus lábios e nos apressamos em tirar as roupas, sem nos importar se alguém pudesse nos ver. Precisávamos se conectar naquele instante, a saudade falou mais alto e perdemos o controle. Fodemos ali em um banco qualquer do jato, até que a saudade fosse um pouco saciada.

Mas a saudade estava longe de ser atenuada, por isso nos entregamos ao prazer mais vezes.

Nicolo e eu éramos assim, explosivos e impetuosos, por isso combinávamos e tinha certeza de que foi por esse mesmo motivo

que o destino nos uniu. E nunca uma união foi tão prazerosa…



EPÍLOGO

Nicolo

2 anos depois

Cheguei em casa, já escutando o choro da minha filha. Corri para o quarto para ver o que tinha acontecido, toda vez era assim, ela chorava e eu ficava desesperado, temendo que algo acontecesse com Giuseppa. Há um ano, Sienna deu à luz a Giuseppa, ela engravidou muito rápido após a nossa reconciliação, o que foi uma felicidade e alívio para nós.

Sua gestação foi tranquila e sem qualquer problema. Minha filha veio ao mundo com nove meses completos por meio de uma cesariana.

Cheguei ao quarto e vi Sienna segurando Giuseppa. Ela estava balançando nossa filha em seu colo, mas a menina não parava de chorar.

— *Amore*! Que bom que chegou, segure-a um pouco — pediu, entregando-me nossa filha. — Preciso urgentemente fazer xixi.

— Vá lá, *amore*, deixe que eu cuido de nossa *bambina*.

— Obrigada, *amore* — agradeceu Sienna, dando-me um beijo repleto de animação e saiu em direção ao banheiro.

— Tem certeza de que não quer que eu contrate uma babá? Estou te achando exausta por cuidar sozinha de nossa filha, *bambina* — gritei para ela me escutar. Enquanto isso, minha filha parou de chorar, como sempre fazia quando a segurava, ela gostava muito do meu colo. Minha *principessa* ficou brincando com minha gravata, muito concentrada.

— Não, eu dou conta de cuidar da nossa filha sozinha — respondeu, quando voltou para o quarto soltou um suspiro, pesadamente. — Poxa, me conta o seu segredo… porque ela fica tão quieta com você, Nicolo.

— É que ela adora o colo do papai, não tem como competir comigo, *bambina.* — Pisquei para ela que sorriu contrariada.

— Como foi na empresa hoje? — perguntou. — Algo que precise saber?

— Estamos tentando algo para acabar com os Ferraro, só assim conseguiremos nos vingar de todos que eles tiraram de nós. Está complicado, mas acredito que iremos conseguir. *Os capos* estão pressionando o Lorenzo a se casar. Eles acreditam que um casamento com uma das filhas de um *capo* poderoso vai aumentar nosso poder. Porém, Lorenzo tem recusado, pois ele ainda tem esperança de se casar com Ambra.

— Eita, acho que ele não vai conseguir o casamento que tanto deseja. Ambra não pode se casar antes da sua irmã, Carmine.

— Exatamente. Muito provavelmente Tommasso irá obrigá-lo a se casar com Carmine, a irmã mais velha de Ambra.

— Ela é aquela que tem um problema na perna? — questionou Sienna.

— Sim, *bambina*, ela mesma.

— Bom, espero que Lorenzo encontre a felicidade apesar de o casamento não ser bem o que ele esperava — disse, então olhou nossa filha. — Giuseppa dormiu…

Minha filha tinha dormido em meu colo. Coloquei-a com calma no berço, depois fui até ela e a beijei com fome e vontade.

— Agora podemos aproveitar que nossa filha dormiu e aproveitarmos um pouco juntos, *bambina*…

Beijei seu pescoço, sentindo-a estremecer em meus braços.

— Você é muito safado, marido…

Senti meu pau endurecer, peguei sua mão e coloquei sobre ele para que sentisse. Seu olhar incendiou.

— Mas você gosta — sussurrei, mordendo sua orelha. Ela me puxou pela gravata e garantiu:

— Não gosto, eu amo!

— Ah, minha *bambina* — murmurei. — *Ti amo!*

Beijei-a até que perdêssemos o fôlego. Depois a levei para o banheiro e a possui, sem fazer barulho para que não acordássemos nossa filha.

Eu não sabia o que tinha feito de bom para ser merecedor do amor de Sienna, só sabia que não enxergava minha vida sem ela. Ela, na verdade, foi um anjo na minha vida, minha salvação da escuridão e depravação. E faria tudo que estivesse ao meu alcance para fazê-la feliz até meu último dia de vida.

Sienna, era o meu eterno amor.

Fim!



SOBRE A AUTORA



Tami Venâncio, é uma escritora em ascensão de apenas 19 anos. Nasceu em Patos na Paraíba. Atualmente mora em uma cidade do interior de São Paulo. Seu primeiro contato com a escrita foi aos 13 anos, desde então não conseguiu mais parar tamanha

sua paixão pelo universo literário. Ler é seu hobby favorito, é apaixonada por romances de época e contemporâneo. Hoje com seis romances publicados, milhões de leituras na Amazon Kindle. Suas autoras favoritas são Carina Rissi e Julia Quinn.

"Escrever me faz exercitar a imaginação, amo dar vida aos meus personagens e assim levo uma distração para os leitores apaixonados por romance. Escrever é minha felicidade, minha paixão, livros podem mudar e salvar vidas, por isto ser autora é e sempre será o meu melhor orgulho".



OUTRAS OBRAS

Para saber mais sobre meus outros e-books, aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo e acesse a minha loja na Amazon:

Ou clique aqui -> **Amazon**



CONTATO

Para saber mais sobre as obras e a autora, aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo e fique por dentro dos lançamentos, eventos, sorteios e muito mais em suas redes sociais:

Instagram: @ autoratamivenancio

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

[1] Por Deus.
[2] Querida.
[3] Sereia.
[4] Irmão.